A CRIAÇÃO

No princípio criou deus o céu e a terra. Deus existiu desde sempre, mas sem consciência disso. Sua existência era um sono povoado por sonhos difusos. Mas uma vez ele teve um sonho muito claro: sonhou que tinha criado a luz, o céu, a terra, o sol, a lua, as estrelas, os mares, os peixes, os animais terrestres, as aves, o homem e a mulher. E viu que tudo era bom. O sonho foi tão intenso e tão surpreendente para quem vivia no meio do Nada absoluto, que ele chegou a entreabrir os olhos. Ao fazê-lo, percebeu que tudo havia se realizado. Sem entender o que estava acontecendo, pensou "Só me faltava essa...", virou pro outro lado e voltou a dormir. E o resto vocês já sabem, tá lá, dormindo até hoje. Ou então: ele acordou com uma música muito chata na cabeça e decidiu, "Melhor eu fazer alguma coisa, tô ficando irritado com essa merda".

LÚCIFER

Tá bom, tem gente que não vai gostar dessa idéia de deus como um eterno sonolento. Então eu mudo: o cara gostou tanto de criar tudo isso aqui que nunca mais parou, todo dia inventa um negócio. Por exemplo, logo depois de criar a Terra, resolveu fazer um reality show no céu, nos moldes de *Big Brother* e *Casa dos Artistas*. O sucesso foi aquele que vocês devem imaginar. Mas logo na primeira semana os participantes votaram em deus pra sair do programa. Muito puto, cancelou o programa, expulsou Lúcifer (que começava a se destacar no grupo, feito um Supla celestial) e o condenou a vagar sobre a Terra. Estava pronta outra de suas invenções: a ditadura.

O PECADO ORIGINAL

Ao chegar à terra para começar a cumprir sua sentença, Lúcifer olhou em volta e foi obrigado a concordar com deus: De fato, tudo era bom. Bom demais. Perfeitinho, sabe? Um pé no saco, pra falar a verdade. “Bom, tá na hora de agitar um pouco isso aqui”. Pra começar, foi logo mudando de nome, não aconselhado por alguma numeróloga, mas pelo desejo de mudar mesmo tudo. De lá pra cá ele ganhou tantos apelidos que já não temos como saber qual foi esse primeiro nome; chamemo-lo Canho. Pois continuando a observar as coisas da Terra, o Canho interessou-se logo pela vida do primeiro casal. O homem, apesar maior e mais forte, era dominado pela mulher. “Adão, meu pé tá doendo”, e lá ia ele massagear os pés de Eva; “Adão, quero fazer uma feijoada hoje, me traz um mamute”, e Adão ia pegar mamute na unha;

“Adão, vai pentear macaco”, e lá ia o pobre diabo (não confundir com o Canho, que não era pobre nem rico) com seu pente de osso tentar organizar a fila de orangotangos e bugios impacientes por um penteado. “Hum, já vi quem é que manda na parada por aqui...”, pensou o Canho. Já sabendo que deus, por pura diversão, havia proibido o casal de comer do fruto de uma certa árvore do Jardim do Éden, entrou no corpo de uma cobra inocente que ia passando e foi falar com Eva.

— Ô! Ei! Psiu! Mulé!

— O que é isso? Desde quando cobra fala?

— Você nasceu semana passada e tá pensando que já sabe de tudo, é? Escuta, minha filha, é verdade que deus proibiu vocês de comerem do fruto daquela — apontando com o chocalho — árvore?

— Sim, é verdade.

— Que absurdo... Mas por que isso?

— Ele diz que teremos o conhecimento do bem e do mal se provarmos do fruto.

— Ora, e você quer melhor que isso, conhecimento? Vocês vão saber tudo sobre as coisas da terra, do céu e do mar, o movimento das estrelas, o ciclo das chuvas e das marés, vocês poderão construir moradas resistentes e confortáveis. Deus não quer porque tendo o conhecimento vocês também conhecerão a natureza dele, e o bichão morre de medo disso.

— Não vem com papo. Estamos proibidos e pronto.

— Hum... Vocês vão saber os números da Mega Sena sempre que acumular...

— Não.

— Você vai saber quais serão as tendências da moda do próximo verão meses antes...

— Opa.Bom, o resto todo mundo já sabe: deus ficou muito puto por ter perdido uma nota no Bolão do Fruto Proibido, amaldiçoou o homem, a mulher e a cobra (que não tinha nada com isso), expulsou todo mundo do Éden e ainda criou a segurança truculenta ao colocar anjos e espadas flamejantes guardando o portão do jardim.

CAIM & ABEL

Passaram-se os anos, Eva já era uma senhora respeitável e Adão um velho safado. Levavam aquela vida besta, Adão saía para trabalhar, Eva ficava cuidando dos filhos e dos primeiros netos. Viviam sem grandes preocupações a não ser as brigas constantes entre os dois filhos mais velhos, Caim e Abel. Como se sabe, Abel era pastor de ovelhas e Caim era agricultor, e viviam discutindo sobre qual das duas ocupações era mais nobre e útil. Abel era apegado aos pais e carinhoso com os irmãos; Caim era o terror das mulheres (suas próprias irmãs e sobrinhas, que era o que se podia arranjar, dadas as circunstâncias da época). Abel era apaziguador por natureza; Caim não resistia à tentação de entrar numa briga. Apenas uma vez chegaram a um consenso: Por sugestão de Caim, formaram uma dupla sertaneja. Pela primeira vez pareciam irmãos de verdade e animavam as festas da imensa família com seu talento nato. Abel entusiasmou-se tanto que até se esqueceu do tênis de mesa, que tinha sido a sua sugestão de dupla, mesmo porque ninguém ainda tinha tido a idéia de inventar a bolinha. Mas, como era de se esperar do temperamento de ambos, a harmonia durou pouco. Os irmãos começaram a brigar em todos os ensaios, e nos shows um queria aparecer mais que o outro, com agudos, glissandos, *scats* e outros malabarismos vocais para impressionar a platéia e irritar o irmão. Vendo deus que a dupla de que era empresário ameaçava desmontar-se, resolveu tirar a prova dos nove e convocou os dois para um concurso. Cada um devia apresentar uma canção de própria escolha, e o que se saísse melhor seria aceito como líder, sem discussão. Ambos aceitaram. Chegado o dia do concurso, com uma numerosa platéia (lembremo-nos que os tempos eram outros, as pessoas viviam mais e não tinham muito o que fazer além de sexo, o que levava a taxas de natalidade absurdas), Abel foi o primeiro a apresentar-se, com a música *Segura Na Mão De Deus*. Cantou a última estrofe de um jeito meio sincopado e terminou com um agudo impressionante. O coro de "Já ganhou!" durou dez minutos. Ainda no meio da ovação dirigida ao irmão, Caim subiu ao palco. Olhou com ódio para o público e começou sua interpretação intimista e sofrida de *Se Eu Quiser Falar Com Deus*, e foi tão aplaudido quanto Abel. Terminado o concurso, deus subiu ao palco para anunciar o vencedor. O resultado justo seria o empate, mas Caim arriscara-se cantando uma música cuja letra chegava a questionar a existência de deus, vejam só. Movido mais por despeito do que por critérios musicais, deus anunciou Abel como vencedor e entregou a Caim o Troféu Abacaxi. Abalado com a injustiça e a ironia cruel de tudo aquilo, Caim arrebentou o violão na cabeça de Abel e saiu correndo do palco. Abel morreu como conseqüência de traumatismo craniano grave, e deus condenou Caim ao pior dos estigmas: sair pelo mundo sem destino, cantando em churrascarias. Com isso,

deus criou o exílio e Caim inventou o assassinato e inaugurou essa tradição de sempre morrer um nas duplas sertanejas.

NOÉ

Se logo na sua segunda geração a humanidade já promovia tamanha zona, imaginem a esculhambação depois de dez gerações. E olhe que neguinho vivia muito naquela época. Adão, o primeiro homem, viveu 930 anos! Enoque, que deve estar lá pela sétima geração, viveu 365 anos e foi levado pro céu sem morrer, e seu filho, Matusalém, viveu 969 anos. E pensar que hoje em dia chamamos qualquer um que chegue aos oitenta de Matusalém, pobres velhinhos... Mas é de Noé que quero falar. Noé é o décimo dos patriarcas, como podemos ver naquelas intermináveis genealogias bíblicas que parecem o *Para Todos* do Chico Buarque, com Noé cantando: *O meu pai era Lameque/Meu avô, Matusalém/ O meu bisavô, Enoque/ Meu tataravô, Jarede*, bom vocês já sabem onde isso vai parar, dez caras que viveram pra cacete em ordem cronológica inversa até Adão. Quando Noé estava com 500 anos (recém saído da adolescência, portanto), deus o chamou para tomar umas e conversar. Perguntou da patroa, das crianças, Noé disse que Sem, Cam e Jafet eram os filhos que ele tinha pedido a deus, aliás queria muito aproveitar a ocasião para agradecer, e sua família, seu deus, como é que vai? E deus disse que não tinha família, aliás, tinha um filho, mas era uma carta que ele queria jogar só em último caso, o que levava ao assunto que o trouxera até ali: Estava arrependido de ter criado o mundo e a humanidade, os homens portavam-se de forma escandalosa, matavam-se uns aos outros, enganavam-se, traíam-se, blasfemavam contra deus, e aposto cem ovelhas com você como botaram água nesse ketchup. Resumindo, deus resolvera destruir tudo com uma grande inundação, matar todo mundo afogado. Mas Noé era um cara legal, boa praça, e deus determinara que ele seria o pai da nova humanidade. Pegou um guardanapo e começou a desenhar: "Tá aqui, ó. Você vai construir essa caixa grande, botar uma porta, uma janelinha, uma rampa e encher a caixa com um casal de cada espécie de todos os animais". Noé olhou o desenho, olhou pra deus pra ver se ele não estava brincando, olhou pro desenho de novo, coçou a barba e disse "Tudo bem". Deus ficou muito feliz, pediu outra rodada e deu um prazo de cem anos para que Noé concluísse a empreitada. No dia seguinte, com mil britadeiras dentro da cabeça e uma sede que dava vontade de beber todo o dilúvio, Noé se deu conta da sinuca de bico em que havia se enfiado. Era tarde demais para lamentar, no entanto, então chamou os filhos e perguntou o que eles achavam de um cruzeiro marítimo só de casais. Os três, claro, acharam supimpa.

"Então peguem as ferramentas, que vamos construir o raio do barco". E passaram-se cem anos. Na hora de botar os animais dentro da arca, Noé percebeu que ali é que começava o trabalho de verdade. Tomou um porre homérico, embora Homero nem sonhasse em nascer naquele tempo, e foi pegando uns bichos a esmo. Pegou uns cachorros, umas cabras, umas vacas, galinhas, enfim, esses bichos de criação. Deus olhou lá de cima, viu que era trabalho demais pro cara e resolveu dar uma força. Sabia que seria impossível, por mais que quisesse, enfiar tudo quanto era animal na tal arca de Noé. Então fez uma seleção dos bichos que mais gostava, botou todo mundo em fila e foram entrando na arca. Bom, é claro que na arca já viviam os animais de sempre, cupins, formigas, traças, lesmas, baratas de todos os tipos, ratos. E os animais carregavam suas pulgas, carrapatos, vermes. Com essa nem deus contava. Mas o negócio é que começou a chover, inundou tudo e Noé, sua esposa, seus filhos e suas noras passaram 40 dias navegando sem rumo. Depois desse tempo, as águas começaram a baixar e a arca encalhou no monte Ararat, na Armênia. A família ainda levou um tempo para sair, pois tinham uma partida de pôquer para terminar ("Ninguém sai! Ninguém Sai!"). Mas acabaram por sair, pois precisavam repovoar a terra. Além do mais, o cheiro da bicharada tornava-se insuportável. Saíram e deram de cara com o arco-íris no céu. Deus explicou a Noé que aquele arco representava o pacto que ele fazia com a humanidade a partir de então, de nunca mais destruir a terra pelas águas (inventando aí, de quebra, o contrato com letras miudinhas: *"O que não me impede de, quando me der na telha, destruí-la pelo fogo, pelos terremotos, pela fome, pela peste ou outro meio que me aprouver"*). Todos viveriam felizes, se Noé meses depois não plantasse uma vinha, enchesse a cara mais do que nunca e amaldiçoasse um de seus filhos. Viu deus que tudo recomeçava, fez "tsk, tsk, tsk" e começou a se arrepender de novo. Ah, e Noé viveu até os 950 anos.

A TORRE DE BABEL

Na-na-ni-na-não. Não vou falar de novela outra vez. Essa Torre de Babel é outra história da bíblia. Gerações depois do Dilúvio, um grande grupo juntou-se nas planícies do Oriente. E disse deus: "Eis que os homens juntaram-se nas planícies do Oriente". E toda a humanidade falava a mesma língua. E disse deus: "Eis que todos falam a mesma língua". E disseram uns aos outros: "Eia, edifiquemos uma torre cujo topo chegue até o céu e habitemos nela, para que não sejamos espalhados pela Terra". E disse deus: "Epa...". Ora, a ordem de deus era justamente essa, que crescessem e multiplicassem e enchessem a Terra. Enfurecido, deus resolveu acabar com tudo. Mas eis que o serviço

de Relações Públicas o fez ver que seus atos impensados em momentos de cólera faziam seus índices de popularidade afundarem cada vez mais. Então, sendo sutil pela primeira vez na História, deus confundiu as línguas dos homens que, sem se entenderem mais, desistiram da construção da torre e espalharam-se pela Terra, que era o que o hômi queria desde o começo. Os lugares bíblicos têm nomes com significado, como Betel, que significa "luz" e Brasília, que significa "Quem tem padrinho não morre pagão". Esse lugar onde seria erguida a torre passou a chamar-se Babel, que significa "que puta zona virou isso aqui".

O CHAMADO DE ABRÃO

Nem vem com chiadeira, é Abrão mesmo. Abraão ele passou a ser depois, e conto outro dia, porque a história desse cabra é tão grande que vou ter que dividir em vários posts. Pra começar, Abrão era de uma terra chamada Ur dos Caldeus, que mais tarde, se não me engano, veio a fazer parte do grande império babilônico. Os caldeus eram famosos por seus conhecimentos dos astros e dos fenômenos naturais, e eram consultados por soberanos de todo canto sobre o futuro, sobre as colheitas, sobre sonhos. Resumindo, eram os discípulos de Omar Cardoso da época. Pois bem, um dia deu uma coceira em Abrão e ele resolveu sair de Ur. Pegou sua mulher Sarai (mais tarde o nome dela muda também, güenta aí) e seu sobrinho Ló (não sei se ele era padeiro pra fazer pão-de-ló, mas mais tarde foi dar com os costados em Sodoma, onde se queimava rosca adoidado, o que é muito suspeito) e foram todos para Harã. Foi nesse tempo que deus, entediado como sempre, resolveu inventar a pegadinha. Não, seus podres, não é a pegadinha que vocês estão pensando, essa aí praticava-se muito em Sodoma e Gomorra. Estou falando daquela de câmera escondida e coisa e tal. Pois bem: deus fez um sorteio e Abrão foi o sorteado para ser a primeira vítima de pegadinha da história da Humanidade. As outras somos todos nós.

Mas então deus foi ter com Abrão e o convidou para ir ao boteco. Mas Abrão, que era varão reto (nada disso que vocês estão pensando, seus gomorritas!) disse que não bebia. "Caralho de asa...", pensou o Senhor dos Exércitos. E convidou Abrão para um chá com bolinhos. No meio do chá, sapecou sua ordem: Abrão deveria sair de sua terra, onde estava muito bem, para vagar pelo mundo em busca da terra que deus mostraria. Abrão coçou a cabeça, certificou-se de que deus não estava brincando e disse "Tá bom".

Tinha Abrão 75 anos quando pegou Sarai, Ló, todos os servos e animais (o cara era rico, tão pensando o quê?) e partiu em direção a Canaã.E eis que a audiência do programa "As Pegadinha de Jeová" (*valeu a dica, **Jô***) começou a aumentar.

No próximo capítulo, Abrão no Egito.

ESSA É A MISTURA DE ABRÃO COM O EGITO, TEM QUE TER CHARME PRA DANÇAR BONITO

Chegando a Canaã, disse deus a Abrão que aquela era a terra que seria dada a seus descendentes. Ele ficou meio desconfiado, não ia viver o suficiente pra ver se era verdade ou não. Por via das dúvidas, ergueu um altar, não custava nada e o livrava da ira do hômi. Mas parece que dessa vez não adiantou, porque uma grande fome abateu-se sobre a região e Abrão resolveu ir para o Egito. Reparem bem: Nem começamos a história do cara e ele já foi de Ur pra Haram, de Haram pra Canaã, e agora de Canaã pro Egito. Se Sarai não fosse tão submissa, tinha mandado logo um "Sossega esse rabo, homem! Logo quando a gente já tava se acostumando com a vizinhança!". Pois foram para o Egito Abrão, Sarai, Ló e toda a curriola que vocês já conhecem. Por lá Abrão teve uma idéia de jerico (jerico, não Jericó, que é outra história, com paciência chegamos lá). Ah, a idéia: já que Sarai era muito bonita, ele ficou com medo de os egípcios o matarem para ficarem com a mulher, então combinou com ela que diriam que eram irmãos. Achou a idéia estúpida? Pois achou certo: oficiais do faraó notaram a beleza de Sarai e foram fazer a cabeça do soberano. O faraó não pensou duas vezes: mandou trazer Sarai para incorporá-la ao seu harém. Por causa dela Abrão passou a ser bem tratado, recebendo de presentes mais animais e servos do que já possuía. É isso mesmo: ele continuou dizendo que era irmão de Sarai e passou à História como o primeiro corno manso, mas disso ninguém lembra. No entanto, a audiência das *Pegadinhas de Jeová* começou a oscilar, o público achando que aí já era humilhação demais, que uma coisa dessas não se fazia e coisa e tal. Então deus resolveu acabar com a festa e castigou o faraó e toda a sua família. Perguntando aqui e ali, o faraó acabou por descobrir a verdade e convocou Abrão: "Porra, Abrão, que que é isso? Então ela é sua mulher e você vem com papo de irmã? Faça-me o favor, que ideiazinha de jumento! Pega sua mulher, some daqui, não quero mais papo". E Abrão meteu o rabo entre as pernas, abaixou os chifres, e pegou o caminho da roça, ou melhor, de Canaã — Lá vai esse homem viajar de novo. E eis que a audiência das *Pegadinhas de Jeová* estabilizou-se novamente, atraindo novos anunciantes. E viu deus que tudo era bom.

ABRÃO E LOT SE SEPARAM (OU: O CORNO E O VEADO SE ESTRANHAM)

Voltando à Bíblia, depois de toda essa empolgação besta com a *Casa dos Artistas* (que foi uma marmelada da porra, mas legal mesmo assim): O faraó do Egito, pra compensar a plantação de chifres que tinha botado na cabeça de Abrão, deu muitos presentes a ele e a Lot. Pois bem, os dois tinham muitos animais e servos e o diabo a quatro, e os pastores de um e de outro começaram a brigar entre si. Então Abrão foi bater um papo com o sobrinho: Que que era aquilo, não precisava essa confusão toda, que ele escolhesse onde queria ficar, se fosse para o leste Abrão iria para o oeste e vice-versa. Pois bem, Lot já andava cansado dessa vida de cigano e achou muito boa a proposta do tio. Olhou para o leste, para as verdejantes campinas do Rio Jordão, e resolveu que ia ficar por ali, próximo às cidades de Sodoma e Gomorra. Vejam só se não era suspeito esse Lot: Gomorra... Sodoma... Campinas... Pois bem, Abrão achou tudo muito bom, abraçou o sobrinho (mas meio de longe, nada de intimidades) e foi para o outro lado. Os dois voltaram a se encontrar mais tarde, quando houve uma guerra na região e Lot foi levado cativo com propósitos inomináveis, forçando Abrão a largar a vida besta, juntar 318 jagunços e ir resgatar o sobrinho esquisitão. E houve outros encontros, mas ficam para depois.

O NASCIMENTO DE ISMAEL (OU: VAI AGAR NO MATO!)

Voltemos à bíblia, seus hereges. Abrão e Sarai já estavam fazendo hora extra na terra (ele com oitenta e seis, ela com setenta e seis) e não tinham filhos, pois ela era estéril. Um dia, sentada em sua cadeira de balanço fazendo crochê, Sarai olhou com atenção para Agar, sua serva egípcia. Reparou que Agar ainda dava um caldo, e que talvez fosse um divertimento bom pro véio. Resolveu então que já era hora de compensar aquele chifre que tinha botado no marido havia tantos anos (que chifre? A história do faraó, lembra? Não??? Ó, cazzo mio. **Relembre!** Lembrou? Então eu continuo). Chamou Abrão num canto, fez a proposta, e como velho safado que fica de olho na empregada não é coisa recente, ele prontamente aceitou. Foi lá e pegou Agar daquele jeito desajeitado (e deus só fazendo crescer a audiência das *Pegadinhas de Jeová* com essa cena patética, um ancião fazendo sexo). Bom, esse negócio de mulher querer causar inveja nas outras também não é coisa recente: uma vez grávida do patrão, Agar começou a perder o respeito com Sarai, já de olho na pensão gorda que ia receber, sem falar na herança do filho. E, claro, Sarai foi fazer aquela choradeira na orelha do velho Abrão, que já não tinha mais saco pra essas coisas. Mas homem

sempre dá um jeito de tirar o corpo fora, e isso não é de agora: "Mulher, tenho nada com isso não, tô cheio de serviço e ainda tenho que escrever uma carta pro Lot hoje. Resolve aí o que cê vai fazer com sua empregada". Os olhos de Sarai brilharam, e ela comeu quente sua vingança. Como não ia pegar bem expulsar o filho do marido de casa (da tenda, na verdade), começou a humilhar tanto a pobre da Agar que ela enfiou o rabo entre as pernas e fugiu para o deserto. Mas eis que um anjo passeava por ali e encontrou Agar junto a uma fonte d'água. Devia ser um anjo patrulheiro, porque foi logo perguntando: "Quem é você? De onde vem? Para onde vai?". Agar contou a história toda (puxando a sardinha para seu lado, lógico), e o anjo mandou que ela voltasse para a tenda de Sarai e fizesse as pazes com ela. Disse ainda que os descendentes de Agar seriam inumeráveis, e que ela deveria botar no filho que ia nascer o nome de Ismael, que significa "Deus está ouvindo". E ainda falou que Ismael seria como um jumento bravo, e seria contra todos e todos contra ele. Levando-se em conta que Ismael é o patriarca dos povos árabes, parecia até que o anjo estava prevendo coisas como a Guerra do Golfo e o Onze de Setembro.

Curiosidade:Aliás, dois nomes muito comuns nos países árabes são Ibrahim e Ismail, que nada mais são do que Abraão e Ismael. Quando da ocupação Árabe da Península Ibérica, esses nomes se propagaram pela região. Com as mudanças que sempre acontecem nesses casos, acabaram dando origem aos nomes Joaquim e Manuel, tão comuns em Portugal.

A CIRCUNCISÃO

Voltemos à bíblia, fariseus. Depois de tanto tempo no ar e anos sem nada de novo, as *Pegadinhas de Jeová* começaram a perder audiência para um reality show da concorrência, a *Casa dos Capetas*. Preocupado com a fuga dos anunciantes, deus convocou uma coletiva para falar das novidades em seu programa. — Convencerei Abrão a cortar um pedaço do próprio pinto Gargalhadas e descrença na platéia. Alguns repórteres chegaram a se levantar para deixar a sala. Deus estava delirando. — Esperem! Ele não apenas fará isso, como cortará um pedaço do pinto de Ismael e de todos os servos e seus filhos. Diante do tom convincente do velho, criou-se uma expectativa pelo que aconteceria no episódio daquela semana. E deus não perdeu tempo: foi logo falar com Abrão (bons tempos! Qualquer coisinha que tinha pra resolver, deus ia logo falar com o sujeito. Fosse assim hoje e não teríamos tantos ateus por aí). E foi logo fazendo o que ele mais gostava: mudança de nomes. Abrão (que significa "Pai da Altura") passaria a chamar-se Abraão ("Pai de uma multidão"), pois seriam incontáveis seus descendentes. Esse era o pacto que deus fazia com Abraão, e a assinatura do contrato seria esta: que cada homem da casa de Abraão (quer dizer, filhos, servos, filhos dos servos, todo mundo) teria cortada a pele do prepúcio. Abraão

deu aquela olhadela meio de lado pra ver se não era brincadeira do cara. Aparentemente não era. “Pele de pica...”, pensou ele, e se segurou para não rir na cara de deus. E deus continuava o discurso: Sarai (não sei o significado, se alguém souber me diga) passaria a chamar-se Sara (“Princesa”, olha que bonitinho) e seria abençoada com um filho. Aí já foi demais e Abraão começou a rir. — Ô, seu deus, né por nada não. Sei que o senhor é o bom, é o tal, que pode tudo e essas coisas. Mas eu estou com quase cem anos, a patroa tá com noventa, o senhor tem idéia de quanto tempo faz que a gente nem pensa em dar uma? Não me faça passar por isso nessa idade, já tenho um filho, olha aí o Ismael. Deixa sua promessa se cumprir com ele mesmo, ter um filho aos 86 anos já foi milagre suficiente. Mas deus não se alterou (estava num bom dia, se tivesse acordado de ovo virado cês já viram, Abraão tinha virado um monte de cinzas). Disse que sim, Abraão e Sara teriam um filho dali a um ano, e seria chamado Isaque, que quer dizer “riso”. É, isso mesmo, “riso”. Isso significa que, se nascido naquela época, o Risadinha (cujo nome significa “Meu amigo tocador de berimbau”) chamar-se-ia Isaque. Que coisa, não? Abraão percebeu a tempo que tinha escapado de boa então aceitou tudo o que deus tinha falado. Sim, sim, filho, pele de pica, tudo bem, tudo bem. Deus foi embora satisfeito, preparado para quebrar recordes de audiência. E Abraão voltou para o acampamento para dar início ao trabalho. Convocou todos os empregados e anunciou o pacto que acabara de fazer com deus. Mas os homens eram muitos, e as últimas fileiras não ouviam direito. Como esse negócio de telefone sem fio nunca funcionou, a notícia que chegou até lá é que Abraão resolvera cortar o pau de todo mundo, o que fez se formar outra fila, essa no RH, de empregados pedindo as contas. E nesse ponto surge uma controvérsia: diz a bíblia que Abraão circuncidou a si mesmo, a Ismael e aos empregados. Imaginar que um homem rico e poderoso como ele fosse submeter-se a ficar sentado na frente de uma fila de homens com estrovenga pra fora é surreal demais. O mais lógico é que ele tenha mandado chamar Lot (o sobrinho de Sodoma e das Campinas, lembram?) para fazer o serviço. Aposto que Lot veio todo serelepe para ajudar o titio e deu conta do trabalho em tempo recorde.

TRÊS ANJOS APARECEM A ABRAÃO

Permitam que eu explique minha relutância em começar logo essa história de Sodoma e Gomorra. Primeiro, é um episódio confuso: Abraão vê três caras, e o narrador algumas vezes se refere a eles apenas como “os varões” e outras como “o Senhor”. Isso, é claro, tem dado nó na cabeça de teólogos das três grandes religiões monoteístas. Para uns são dois anjos e deus, para outros é deus se manifestando na forma de três homens, porque o cara é foda e pode se manifestar do jeito que quiser.

Além da confusão, é uma história meio comprida, então vou dividir em partes. Pois bem: estava Abraão sentado na entrada da tenda, por um lado criando coragem pra encarar Sara pelada (uma mulher de noventa anos, imaginem, e naquela época! Se fosse hoje, era capaz até de a Penthouse chamá-la para um ensaio, feito uma Dercy Gonçalves semítica, mas não naqueles tempos, que eram bem mais respeitosos) e tentar logo fazer o tal do filho que deus tanto prometia; mas no fundo torcendo para que deus olhasse bem para o ridículo da situação e dissesse: "Deixa isso pra lá, vem pra cá, que que tem, já tem o Ismael aí, fica ele e tudo bem". Pobre Abraão, não tinha como saber que era mera vítima das *Pegadinhas de Jeová*... Eis que ergueu os olhos e viu três homens embaixo de uma árvore. Como ele soube que se tratava de uma manifestação divina, ou de deus e dois anjos, ou de três anjos, não se sabe, mas correu pra lá pra dar aquela bajulada. "Ô, seus moços, fiquem aí um pouco, eu falo pra velha fazer um bolo, mato uma vitela aí e faço um churrasco, coisa rápida e vocês seguem viagem de barriga cheia, que é sempre melhor". Os três aceitaram e lá foi o velho preparar tudo "Vai, Sara, faz um bolo aí que temos visita". Sara fez o bolo, porque não é de hoje que os homens levam amigos pra casa sem avisar antes. Abrão ordenou a um criado que preparasse uma vitela, coisa fina. Tudo pronto, levou a refeição para os varões (não é o que vocês estão pensando com suas mentes poluídas, seus hereges). Conversa vai, conversa vem, Abraão perguntando como andavam as coisas no céu, os caras perguntando onde tinha um lugar bom pra pescar por ali, essas coisas. Então perguntaram: "E a patroa, Abraão, cadê?". "Ta ali, ó, na porta da tenda". Então disse o Senhor (tão vendo? São três caras, e de repente muda e é o Senhor que fala, depois são os três, uma confusão): "Dia desses eu volto aí pra visitar o moleque de vocês que ainda vai nascer". Ora, imaginem a Dercy, digo, Sara, com noventa anos ouvindo isso. A menopausa já tinha passado fazia muito tempo. E ela pensou: "Como é? Que que esses porras tão falando?". Ah, não, isso seria a Dercy mesmo. Sara pensou: "Mas eu, com noventa anos, meu velho já nas últimas também, vou eu lá ter vontade de fazer menino com ele a essa altura do campeonato?", e começou a rir (Vejam que naquela época todo mundo ria de deus, agora não pode mais, vai entender). E perguntou o Senhor (que são os três caras, ou um só, sei lá): "Que negócio é esse? Não se tem mais respeito? Sua mulher ri de mim assim, na cara dura?". Sara, querendo dar uma de esperta disse que não tinha rido. "Por que ta falando isso agora? Eu vi você rindo". "Não ri". "Riu". "Não ri". "Riu". "Não Ri". Bom, percebendo que a conversa desse jeito ia longe, disseram os anjos: "Sara, ide à merda, eis que temos mais o que fazer além de ficar nessa discussão que mais parece diálogo do 'Chapolim'". Começaram a se afastar, mas Abraão gostava de tomar intimidades e foi seguindo os caras. Porra, tava certo: Três anjos aparecem no seu quintal, comem da sua comida, brigam com sua mulher e depois saem sem falar o que estão fazendo por

aqui? Ah, não, inaceitável! E Abraão foi atrás e perguntou o que tava rolando. Os três se olharam, pensaram, e resolveram contar: “Andam falando barbaridades de Sodoma e Gomorra. Dizem que nessas cidades ninguém segura a putaria, tá uma zona aquilo. Então viemos pra ver, se for verdade eles tão na roça, se não for a gente já fica sabendo”. E retomaram o caminho.

A BARGANHA DE ABRAÃO E A BICHARADA DE SODOMA

Pois largamos Abraão lá no meio do campo, os anjos indo embora. Mas vocês já conhecem Abraão, acham que ele deixou os caras irem? Nãaaaaaaaao... Foi atrás pra barganhar com os caras:

— Aê. Tipo, cês vão destruir Sodoma e Gomorra, beleza. Mas e se tiver uns 50 mano sangue bom lá, cês vão fuder com a vida dos caras? Porra, cês não vão fazer isso, né? Os caras nem fizeram nada, tão de boa. Cês não têm coragem.

— Tá, tá, Abraão. Se encontrarmos 50 justos, não destruiremos a cidade.

— Hum... — disse Abraão, desincorporando o mano que tinha baixado nele — Mas pra cinqüenta podem faltar cinco, e aí?

— Se encontrarmos 45 justos, não destruiremos Sodoma e Gomorra.

— Olha, cês me desculpem a chateação, mas e se forem 40, cês vão destruir as cidades?

— Não, Abraão.

— E se forem trintinha, vão detonar tudo?

— Não, Abraão, não.

— Vinte...?

— Os vinte salvam o resto, entendeu?

— Tá, mas e se forem dez?

— Porra, Abraão, cê tá pior que a tua patroa com aquele negócio de "riu", "não ri", "riu", não ri", "riu", "não ri"... Não entendeu ainda a lógica da bagaça? Não tamos indo pra lá pra matar gente boa não, compreendeu? Cara chato...

E Abraão, percebendo que tinha irritado as santas, digo, os santos, deixou-os ir.

E olha a complicação aí de novo. Esse novo capítulo (Gênesis 19) começa assim: *"E vieram os dois anjos a Sodoma à tarde"*. Cadê o terceiro cara? Foi pra Gomorra? Voltou pro céu pra não perder as *Pegadinhas de Jeová*? Ou será que esse terceiro era deus mesmo e, como a gente sabe, ele não gosta de botar a mão na massa, muito menos se for pra fazer o serviço sujo? Bom, deixemos passar. Chegaram os dois e estavam na praça da cidade quando Lot os viu e foi ao seu encontro.

— Bofes, digo, varões, vamos lá pra minha casa, vocês comem alguma coisa, dormem lá e depois continuam sua viagem.

— Não, cara, obrigado. Vamos dormir aqui na praça mesmo.

— Dormir na praça, varões? Ora, deixem de bobagem. Isso aí, além de lembrar título de música brega e irritante, é um risco aqui em Sodoma.

— Não temos medo, o Senhor nos protege.

— Não se fiem nisso! Já vi muitos casos de varões que dormiram na praça aqui em Sodoma e ficaram uma semana sentando de ladinho. Vai, vamos pra minha casa...

Os anjos pensaram bem e concluíram que seria mais fácil enfrentar uma bicha velha e enrustida do que toda uma população de gazelas. Foram então pra casa de Lot. Comeram muito bem (o jantar, seus pervertidos) e preparavam-se para dormir quando ouviram uma algazarra do lado de fora. Olharam e era toda a população de homens de todos os bairros de Sodoma, desde bichinhas impúberes até veadões macróbios. E berravam, as loucas:

— Lot, sua mona! Cadê os bofes que entraram no seu cafofo, que não se fala noutra coisa nessa cidade, menino? Traz eles aqui pra fora, pra gente se divertir um pouco. Faz tempo que não aparece carne nova nesses cafundós!

Dizem que anjo não tem sexo. Mas quem tem cu tem medo, e os dois tremeram na base nessa hora, e nunca ouvi falar que anjo não tivesse cu.

— Minhas irmãs — disse Lot, logo se corrigindo —, digo, meus irmãos! Tenho duas filhas virgens aqui, vocês podem fazer o que quiserem com elas, mas deixem esses meninos em paz, pois vieram para minha casa por que estavam morrrrrrrrrtas de medo de vocês.

— Sai daí, biba velha! — gritavam — Veio lá não sei de onde para a nossa cidade e quer decidir tudo, é? Então tá. A gente ia ser carinhoso com os dois meninos, mas agora vamos pegar você e a-ca-bar com essa sua carcaça pelancuda!

E avançaram sobre o pobre do Lot. Mas os anjos, recobrados do susto, puxaram Lot pra dentro e trancaram a porta. Estenderam então a mão e os moradores da cidade ficaram cegos. Cansadas de procurar a porta e de trombarem uns nos outros, as bichas foram embora. E disseram os anjos:

— Lot, quem você tem nessa cidade? Seu genro, seus filhos e suas filhas, né? Então pega todo mundo, porque nós vamos destruir isso aqui. Já sabíamos que o bicho tava pegando e viemos apenas para averiguação. Mas essa foi foda, imagina, voltar pro céu e não passar no teste da farinha. Foi a gota d'água. Vai embora com a sua família, que nós vamos foder essa bicharada de um jeito que eles nunca vão esquecer.

A DESTRUIÇÃO DE SODOMA E GOMORRA

E então, onde foi mesmo que deixamos o Lot? Ah, é. Os anjos falaram pra ele juntar seus paninhos de bunda e se picar. Lot foi correndo chamar os namorados das filhas (dormindo na casa das namoradas naquela época, vejam só a putaria que era Sodoma!).

— Acorda, cambada, que deus vai destruir a porra toda aqui. Vambora!

— Ah, sogrão, para com isso... Tudo bem, a gente não dorme mais aqui, tamo abusando, beleza. Mas não precisa contar essa historinha.

E ficaram nesse lenga-lenga. Já era de madrugada quando os anjos — doidinhos para começarem mais um genocídio —voltaram a aperrear o pobre do Lot. Porra, o cara tinha as coisinhas dele, já tava abandonando a casa e os caras ficavam apressando? Ah, mas eram anjos de deus, e cês sabem como essa raça pode ser impaciente: pegaram Lot e toda a família pelas mãos e os levaram para os limites da cidade.

— Vai, cambada, todo mundo correndo. Vão se esconder ali na montanha, se não cês tão na roça.

— Assim não, senhor! (aqui cabe uma observação: pela primeira vez em sua história, *Jesus, me chicoteia!* transcreve uma frase exatamente como está na bíblia, ou pelo menos na tradução João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida. Podem conferir, Gênesis 19:18. Resolvi escrever igual porque tem o mesmo tom que eu uso para contar

essas histórias. Ah, a tradução Na Linguagem de Hoje, da Sociedade Bíblica do Brasil traz "Senhor, não me obrigue a fazer isso, por favor!". Muito chato. Eita parêntese comprido, vamos voltar à fala de Lot, que tá esperando até agora pra concluir) Obrigado, Marco, fofo! Como eu ia dizendo, assim não, senhor! Com todo respeito, a tal montanha fica lá na casa do caralho, só parece perto. Antes que eu chegue lá, já virei churrasco grego.

— Você não é grego, Lot. A Grécia nem existe ainda.

— Porra, não é esse o ponto! Olha, sou muito agradecido por vocês salvarem a gente e tal. Mas fazer a gente ir láaaa pra montanha é sacanagem. Tá vendo aquela cidadezinha ali? É pertinho, e olha como é pequena. É tão pequena que nem tem condição de ter putaria lá feito em Sodoma. Eu vou pra lá com minha mulher, minhas filhas e os canalhas dos meus genros, e fica tudo bem. Que tal?

— Lot, que família ranheta, hein? Ontem mesmo tivemos que aturar o seu tio barganhando, agora vem você com essa historinha. Bom, pra você não falar que somos felasdaputa, pode ir pra tal cidadezinha, não vamos destruir aquela bostinha de nada. Mas vai depressa, que acabo de receber um bipe de deus dizendo não vai autorizar a destruição enquanto você não chegar lá, e a gente tá seco pra fazer churrasquinho de veado. Os anjos ainda ordenaram que eles não olhassem para trás para ver a destruição, porque ia ser um puta dum marketing negativo para deus, justo quando o ibope das *Pegadinhas de Jeová* batia nas alturas. E Lot correu para a cidadezinha (que passou a chamar-se Zoar, não porque os anjos zoaram com Lot, mas porque "zoar" significa "pequena"), chegando lá ao nascer do sol. Foi ele chegar e começou o pega-pra-capar em Sodoma e Gomorra. Começou com o tempo fechando com nuvens de cores estranhas. As bichinhas olhavam para cima e comentavam umas com as outras:

— Menina, que céu lindo!

— Ma-ra-vi-lho-so!

— Arrasou Gomorra em chamas! Logo começou a chuva de fogo e enxofre

— Cuidado, biba, seu cabelo tá pegando fogo!

— Pegando fogo tá seu rabo, mona!

— Tô falando sério, porra, seu viado burro! (deu ataque de macheza nas bichas nos momentos finais).

Era lindo de se ver (de longe, claro). Todo aquele fogo caindo do céu, uma barulheira... A mulher de Lot resolveu olhar para trás nessa hora e virou uma estátua

de sal instantaneamente. Lot deve ter ficado muito feliz, imagino o quanto deve ser difícil para uma gazela feito ele manter por tantos anos um casamento de aparências. Na manhã seguinte, Abraão acordou e foi até o lugar onde tinha falado com os anjos. De lá ele viu o lugar onde antes ficavam Sodoma e Gomorra, agora parecendo uma filial do inferno. E deve ter pensado: "Se a bicha do meu sobrinho escapou dessa, o cara é ninja".

A VINGANÇA DAS FILHAS DE LOT (ou: A antiga arte dos trocadilhos)

Cês tão lembrados daquele episódio em que a bicharada ensandecida de Sodoma cercou a casa de Lot atrás dos dois varões e o cara ofereceu as filhas virgens? Pois vejam o que as duas aprontaram... Lot tinha ido pra Zoar, como vocês sabem. Mas chegou lá e ficou com meda, a bicha velha, e resolveu ir morar na montanha. É, isso mesmo, choramingou tanto quando os anjos o mandaram pra montanha, e depois resolveu ir pra lá mesmo, morar numa caverna. A mona era de lua, como vocês já devem ter percebido. Na montanha, a filha mais velha de Lot, que tinha sido criada entre viados, foi atormentada por uma angústia: não havia homens e nem ela nem a irmã tinham filhos. Aí vocês me perguntam: "Mas e os homens de Zoar?", e eu respondo: Sei lá, vai ver era habitada pela bicharada também, só que essas disfarçavam melhor que as de Sodoma e por isso foram poupadas. E se eu quisesse ser mais infame diria: Os homens de Zoar não queriam nada sério, só queriam mesmo zoar. Tá, parei. E vocês podem perguntar ainda: "Mas e os namorados delas?". Olha, sei não, mas pelo jeito que a história é contada parece que os dois eram naturais de Sodoma, e a gente sabe muito bem o que se espera dos sodomitas até os dias de hoje. Vai ver até fugiram com os anjos, sei lá. O que eu sei é que essa filha mais velha teve a idéia de embebedar o pai e se aproveitar da embriaguez do velho. Contou sua idéia para a irmã mais nova, e naquela noite mesmo botou o plano em prática: encheu o rabo do véio de vinho barato e trepou com ele. Lot nem percebeu, de tão breaco que estava. Na noite seguinte foi a vez da mais nova: mandou a birita pra dentro da goela de Lot e montou em cima do pobre viado velho. Pois Lot podia estar velho, podia ser viado, podia estar bêbado, mas broxa ele não era não. E também não era estéril, porque as duas filhas engravidaram. Nove meses depois a mais velha pariu Moab e a outra deu à luz Ben-Ami. Bom essa história toda é pra justificar um negócio que vai acontecer muito mais tarde, no tempo de Moisés (lembrem-se que o Gênesis, junto com os outros quatro primeiros livros da Bíblia, são atribuídos a Moisés). É uma história que um dia eu vou contar, mas basta a vocês saberem que os israelitas tinham ódio

mortal de dois povos: os Moabitas e os Amonitas. Apesar do ódio, intuíam que esses povos tinham uma origem muito próxima da origem de Israel, eram parecidos e tal. Então essa história que culmina com o nascimento de Moab (pai dos moabitas) e Ben-Ami (pai dos amonitas) serve para explicar que sim, eles são descendentes do sobrinho de Abraão, portanto têm origem parecida com a de Israel, mas não há problemas em odiá-los, já que são frutos de incesto. A história toda guira em torno de trocadilhos: em hebraico, a palavra "Moab" soa parecida com outra que significa "do meu pai", e "Ben-Ami" se parece com outra que significa "filho do meu parente".

ABRAÃO E ABIMELEQUE (ou: Corno, porém rico)

Vocês acham que o Daniel Sabbá, namorado-quase-marido da Syang, tem vocação pra corno? Ah, vocês ainda não conhecem direito nosso amigo Abraão... Com toda essa história de Sodoma e Gomorra, deixamos o velho meio de lado. No vigésimo capítulo do Gênesis, a história de Abraão é retomada. Ficamos sabendo que ele saiu de Manre e foi morar entre as cidades de Cades e Sur. Mais tarde foi morar numa terra chamada Gerar, e é em Gerar que se passa esse acontecimento com jeito de *dejà-vu*: Abraão chegou àquele lugar dizendo pra todo mundo que Sara era sua irmã. Isso lembra alguma coisa? Pois é, a mesma coisa que ele fez no **Egito**. Só que na época do Egito Sara se chamava Sarai e ainda dava um caldo. Agora ela já estava com 90 anos, e é difícil entender os motivos de Abraão para ainda usar esse estratagema furado. Sei lá, vai ver o negócio estava difícil por lá. Ou talvez Gerar fosse o contrário de Sodoma: todas as mulheres eram sapatas e os homens atacavam qualquer coisa. O mais provável mesmo é que Abraão já estivesse mais do que caduco. Bom, não sei, mas Abimeleque, rei de Gerar, mandou buscar Sara para casar-se com ela. Um rei! Mal comparando, é como se Roberto Carlos ou Pelé de repente resolvessem desposar Dercy Gonçalves, imaginem o rebuliço. Naquela mesma noite, deus apareceu em sonho a Abimeleque dizendo:

— Aê, Abimeleque. Cê se deu mal. Pegou a mulher do Abraão, o cara é meu truta, e agora tu vai morrer.

Mas Abimeleque nem tinha encostado em Sara (provavelmente devido a um repentino surto de bom senso) e disse:

— Ô, mano deus, digo, Senhor, não sei do que cê tá falando não. O véio chegou aqui falando pra todo mundo que Sara era irmã dele, que que eu posso fazer se ele gosta de ser chifrudo?

— Hum... É, tô sabendo, essa historinha besta de "minha irmã" pra lá, "minha irmã" pra cá já me deu um trabalho da porra com o faraó do Egito. Faz o seguinte: devolve a mulher do cara. Ele vai orar para que nem você nem sua família morram.

Claro que deus teve que segurar para não rir nessa hora. Pô, Abraão ia orar pra quem, não era pra deus mesmo? E deus não tinha acabado de falar que sabia que Abimeleque não tinha culpa? Pois é, meus amigos, bem vindos a mais um episódio das *Pegadinhas de Jeová*...

No dia seguinte bem cedinho, Abimeleque reuniu todos os servos e contou o que havia acontecido. Depois mandou chamar Abraão e sapecou:

— Porra, Abraão, cê é doido? Vem com esse papo de falar que Sara é sua irmã, e quase que deus me mata por causa disso. Se eu tivesse comido a véia a essa altura as minhocas é que iam estar me comendo. Que que eu te fiz pra você me aprontar essa? O que cê tava pensando, véio cabeça oca?

— Olha, seu rei, eu pensei que esse fosse um país de ímpios, e que iam me matar para ficar com minha mulher [gargalhada geral]. Além do mais, Sara é filha do meu pai, apenas somos filhos de mães diferentes. Quando deus me fez sair lá da minha terra, que a essa altura eu já nem lembro mais onde era, eu falei pra ela: "Olha, bem, onde a gente chegar você fala que é minha irmã, beleza?", e assim temos feito.

Ora, ora, ora! Desse a gente ainda não sabia! Quer dizer que Sara era irmã de Abraão por parte de pai? Que confusão! Mas Abimeleque não deve nem ter pensado nisso, devolveu logo a mulher a Abraão e deu a ele ovelhas, bois e escravos. Quanto vale tudo isso? Não responda ainda, porque ele ainda ofereceu a Abraão a terra de Gerar, para que ele habitasse onde bem entendesse.

Muito bom, não? Mas não é só! Abraão ainda recebeu doze quilos de prata como uma espécie de tributo à honra de Sara! Hum... Repararam? Quando o faraó quase comeu Sara, a situação foi parecida, e no final Abraão saiu mais rico. Se, como ele mesmo disse, era um costume do casal contar essa história, então esse negócio está cheirando a golpe, né não? O Conto da Irmã. Que Abraão cara-de-pau! Isso é que é pragmatismo: corno, porém rico.

E uma pérola encerra o capítulo 20: por causa da zona toda, deus tinha feito com que nenhuma mulher daquela terra pudesse ter filhos (o que era uma ironia, num lugar chamado Gerar). Depois que Abimeleque devolveu Sara, Abraão pediu a deus e elas voltaram a poder ter filhos normalmente. Agora, alguém mais inteligente que eu por favor me explique, porque eu não entendi: Como é que eles podiam saber que as

mulheres ficaram estéreis, se o episódio todo durou menos de 24 horas???? Ah, tem cara de pegadinha isso aí...

O NASCIMENTO DE ISAQUE (ou: Quem pariu Risadinha que o embale)

Isaque demorava pra nascer, os patrocinadores cobravam, a audiência caía, boatos de "cabeças vão rolar" espalhavam-se incontroláveis pela emissora celeste. Vendo tudo isso, deus resolveu que era hora de interferir de forma mais contundente e desceu à terra para falar com Abraão. Imaginem, Abraão já com cem anos, e desde jovem falando com deus cara-a-cara. A essa altura, nem ia receber o cara na porta, só gritava "Entra, porra!" e continuava sentado. E deus, que também já não era mais de muita cerimônia com Abraão, foi entrando.

— Repare na bagunça não, senhor.

— Queisso, Abraão? Lá em casa é pior.

— Pois então sinta-se à vontade. Que é que manda, seu deus?

— Abraão, tá foda de segurar esse negócio do nascimento do seu filho. Eu sei que é duro e tal, mas cê vai ter que encarar a Dercy, digo, a Sara. Se o moleque não nascer logo eu vou à falência.

— Ah, deus, pega leve. Olha o estado da patroa, não dá mais não...

— Porra, Abraão, que que eu não fiz por você? Cê é rico, poderoso, amigo do rei, fala comigo de igual pra igual. O que custa cê fazer um favor pra mim, véio?

— Tá bom, beleza. Hoje à noite eu tento fazer o serviço. Mas não garanto nada, hein? Na minha idade já é quase impossível conseguir, ainda mais com uma mulher nessa situação, noventa anos de idade. E o Viagra nem foi inventado ainda.

— Vai lá, Abraão, seu esforço será recompensado.

E foi assim que, pela segunda vez em sua história, as *Pegadinhas de Jeová* transmitiram ao vivo a cena patética de pessoas idosas fazendo sexo. Este blog, no entanto, tem seus pudores, e não vai apelar em nome da audiência. Vocês podem muito bem imaginar a cena tosca. O importante é saber que Abraão fechou os olhos, pensou na grande-nação-da-qual-ele-seria-o-pai-segundo-a-promessa-divina (não dava pra pensar no Brasil, né?) e cumpriu seu papel. Nove meses depois nasceu Isaque, cujo nome, todos se lembram, significa "riso", porque tanto Abraão quanto Sara riram

quando deus disse que eles teriam um filho àquela altura do campeonato. Quando estava com oito dias de vida, foi circuncidado. E no dia em que o menino foi desmamado (foi cedo, o moleque enjoou logo das tetas murchas de Sara) Abraão deu uma grande festa. Tudo certo, tudo lindo, família feliz e unida, certo? Ah, vocês não contavam com o talento de Sara para arrumar encrenca... Mas é uma história que fica para o próximo post.

A EXPULSÃO DE AGAR E ISMAEL

Ah, Sara... Se vocês pensam que os anos amaciaram essa mulher, estão muito enganados. Estava ela um dia sentada, fazendo a unha e viu Ismael brincando com Isaque. Foi o que bastou pra baixar a paranóia; foi correndo falar com Abraão:

— Abraão, vê se dá um fim nessa mulher e no filho dela, porque esse moleque não vai ser herdeiro junto com Isaque porra nenhuma!

Ora, ora, ora, vejam só o que é um coração de pedra! Ismael só tinha nascido **por idéia de Sara**, estão lembrados? Ah, mulheres...

— Caray, Sara, de novo essa história? O moleque é meu filho, não vou expulsar ninguém, fica na sua, véia, se fecha!

E tudo ficaria por aí mesmo se não fosse essa mania besta de deus de se guiar puramente pela audiência: Ele percebeu que o drama de uma mulher expulsa com o filho despertaria nos expectadores todas aquelas emoções baratas que hoje fazem as pessoas chorarem em frente à TV assistindo ao *Arquivo Confidencial* do Fausto Silva. E tratou de ir logo falar com Abraão.

— Ô, Abraão, coitada da Sara! Ela tá toda orgulhosa, não é todo dia que você vê uma mulher de 90 anos parindo. Dá esse ponto pra ela, deixa Agar e Ismael irem embora. Além do mais, a promessa que eu te fiz é pra ser cumprida com a descendência de Isaque, mas, como eu já te disse, Ismael também será pai de uma grande nação.

Abraão já devia estar de saco cheio desse negócio de "grande nação" pra lá, "grande nação" pra cá. Porra, como é que ele ia saber se o negócio era verdade mesmo? Por que deus não prometia alguma coisa mais palpável, uma casa na praia, um carro novo, qualquer coisa? Nãaaaao, sempre que o bicho pegava vinha com esse papo de "grande nação". Mas quem era ele pra discutir? Acatou então a ordem de deus e foi tratar da despedida de Agar e Ismael. Na madrugada seguinte, entregou a Agar

um pouco de pão, um odre cheio de água, colocou Ismael no ombro dela e mandou que fosse embora.

Aqui cabem duas observações. Primeira: um homem rico pra cacete, com tantos bens adquiridos ao longo da vida a troco de outros tantos chifres plantados na testa, poderoso, amigo de Abimeleque, vai expulsar o próprio filho junto com sua mãe, e entrega pão e água para eles??? Segunda: Pelo menos um ano antes do nascimento de Isaque, Ismael foi circuncidado, e contava então treze anos de idade. Quando da expulsão, portanto, era no mínimo um adolescente de 14 anos. Imaginem só, então: Abraão faz Agar acordar de madrugada e diz: “Olha, Agar, você tem sido muito leal e responsável em todos esses anos, e aquela nossa noite juntos foi inesquecível. Mas preciso expulsá-la agora, tudo bem? Nada pessoal, só resolvi isso à noite, do nada, sabe como são essas coisas. Então, toma aqui uns pãezinhos e esse jarro de água, porque estamos no meio do deserto e a viagem vai ser longa para você, deus me livre de te deixar ir embora sem provisões. Tudo bem? Que bom! Então agora eu vou pegar esse marmanjão que já está maior que você e colocá-lo no seu ombro, boa viagem, fica com deus”. Sei não, acho que qualquer outra no lugar dela teria matado Abraão. Mas Agar saiu sem destino, andando pelo deserto de Berseba*(*)*. Quando acabou a água do odre, deixou o menino embaixo de uma árvore e foi sentar-se a uns cem metros de distância, pois não suportaria ver o filho morrer. Ficou lá sentada e Ismael começou a chorar. Um anjo que ia passando ouviu o choro do moleque. Já repararam como sempre tem um anjo transeunte nessas histórias? Eita anjaiada desocupada da porra, só flanando pelos desertos da terra. E pensar que hoje em dia quando a gente precisa de um mísero policial não encontra, que dirá um anjo... Mas o anjo ia passando e ouviu o berreiro Outra coisa que eu não entendo: com 14 anos o moleque já tava na idade de começar a cuidar da mãe, e não de ficar chorando embaixo de árvore. Não é de hoje que esses filhinhos-de-papai são mimados e chatos pra cacete. Onde eu estava mesmo? Ah, o anjo passando etc. foi falar com Agar:

— Ô, muié. Que que esse moleque tá chorando tanto? Vai lá e pega ele pela mão, deus ouviu o choro dele e apiedou-se. Deus fará dele uma grande nação.

Talvez por não ter ouvido essa conversa de "grande nação" com tanta freqüência quanto Abraão, Agar se animou com as palavras do anjo e voltou para pegar Ismael. Nesse momento deus fez com que Agar encontrasse um poço, onde ela pôde reabastecer o odre.

Ismael e Agar ficaram morando no deserto de Parã e ele se tornou um grande arqueiro. E Agar arrumou para ele uma esposa egípcia (eis as raízes dos povos árabes: descendentes de semitas com egípcios).

E a todas essas o povo em casa chorando com essa historinha piegas.

Nota: *Bom, vimos que Agar e Ismael peregrinaram por um lugar chamado* Berseba. *Tempos antes, Abraão tinha reclamado com Abimeleque que uns empregados deste último tinham tomado à força um poço que tinha sido cavado por ele, Abraão. Abimeleque não estava sabendo de nada e ficou indignado, pois os dois eram amigos. Então Abraão separou sete ovelhinhas de seu rebanho e as deu de presente a Abimeleque. — Pra que que eu vou querer essas ovelhas, Abraão? — Aceitando esse presente, você estará concordando que fui eu quem cavou este poço. E os dois resolveram assim a contenda, com Abimeleque aceitando as ovelhas e Abraão recebendo o poço de volta. Ali mesmo Abraão fez um juramento de lealdade a Abimeleque, a seus descendentes e à Filistia, sua terra.* Berseba *significa "poço do juramento" ou "Poço dos sete". Contente com o bom andamento das coisas, Abraão plantou uma árvore por ali e adorou a deus. Entende-se que o poço e a árvore são os mesmos que desempenhariam papel chave tempos depois na história de Agar e Ismael.*

ABRAÃO É POSTO À PROVA - O FIM DAS *PEGADINHAS DE JEOVÁ*

Depois de um breve porém intenso ataque de narcisismo, vamos voltar à bíblia, seus ímpios. Tantos anos depois de sua estréia, as *Pegadinhas de Jeová* ainda lideravam a audiência no horário. Mas deus estava cansado, as *Pegadinhas* tomavam quase todo o seu tempo e, sejamos francos, ele já não era mais nenhum jovenzinho impetuoso. Então ele resolveu que já era tempo de tirar umas férias, de parar de interferir na vida das pessoas e descansar um pouco. Convocou uma coletiva e anunciou à imprensa que o último episódio do programa iria ao ar na semana seguinte. Foi um rebuliço, os repórteres não acreditavam no que estavam ouvindo. Maior ainda foi a reação do público, choviam cartas na emissora pedindo a continuidade do programa, e pela primeira vez na história o servidor de e-mail do céu saiu do ar (tá certo que rodava Microsoft Exchange e ia acabar acontecendo mais cedo ou mais tarde). Mas deus mostrou-se irredutível, e na semana seguinte, como prometido, foi ao ar o último episódio das *Pegadinhas de Jeová*, que passo a narrar agora. Vou ver se consigo deixar a história um pouco mais leve e engraçada, mas é quase impossível, como vocês verão. A crueldade de deus não tem limites.

Estava Abraão dentro da tenda um dia, só ali coçando o saco, e deus veio falar com ele.

— Ô, Abraão, como é que vai?

— Tudo na santa paz de deus. Digo, do senhor. Bom, você entendeu.

— Beleza... Notícias de Agar e Ismael?

— Não, nunca mais deram sinal de vida, não entendo porquê. Fui tão legal com eles...

— Ah, Abraão, a ingratidão é foda. Se eu for te contar todas as vezes em que foram ingratos comigo, a gente não sai daqui hoje.

— Bom, eu não pretendo sair mesmo. Tô na minha casa, esqueceu?

— Não pretende sair, é? Pois é, mas acho que você vai precisar... Como está Isaque?

— Ah, seu deus, esse menino é a alegria da minha vida. É inteligente, é carinhoso, tá crescendo que é uma beleza. Eu e a velha passamos o dia rindo feito bobos das coisas que ele apronta, esse nome foi mais apropriado do que o senhor pensava. E fala cada coisa, cê tem que ver. Ah, nem gosto de falar muito, olha aí, já tô me emocionando. Foi o melhor presente que o senhor podia me dar, nada do que eu fizer será suficiente para agradecer.

— É, né? Pois é... Então... Bom, vou direto ao ponto: Você vai pegar o Isaque agora e vai com ele até a terra de Moriá.

— Pô, deus, outra mudança? Bom, tava demorando...

— Não, não, nada de mudança. Só você e ele. Vocês vão lá pra Moriá e vão subir até uma montanha que eu mostrarei. Em cima da montanha você vai pegar este filho que você tanto ama e queimar como sacrifício a mim.

É muita crueldade, né não? O cara espera até os 100 anos de idade para ter um filho, e quando tem, vem deus e pede pra sacrificar o menino. Isso sem contar que anos antes Abraão já tivera que expulsar de casa seu outro filho, Ismael. É, meu povo, esse é o senso de humor de deus... Mas Abraão era muito obediente (ou trouxa) e na madrugada seguinte arreou um jumento, rachou lenha, chamou dois servos, pegou Isaque e partiu para Moriá. No terceiro dia de viagem, avistou a montanha e seu velho coração se apertou. Falou para os empregados ficarem por ali, porque ele e o menino iriam à montanha para adorar a deus e logo voltariam. Colocou a lenha no ombro de Isaque, pegou o fogo e uma faca e foram os dois juntos na direção da montanha. Parem para imaginar isso: Isaque andando numa boa, encarando tudo como um passeio, e Abraão consciente de que voltaria sem o filho, alegria de sua velhice. Mas no meio do caminho Isaque, que era inteligente, reparou que havia alguma coisa errada.

— Pai!

— Fala, filho.

— Tô vendo a faca e o fogo, e estou carregando a lenha comigo. Mas cadê o carneiro pra gente sacrificar?

Ah, cambada! Eu no lugar de Abraão responderia: "Isaque, deus quer que eu sacrifique você, mas eu não vou fazer isso. Vamos voltar pra casa, se ele achar ruim, que venha acertas as contas comigo. Já suportei muita coisa desse sujeito, chega, quem ele pensa que é?". Mas Abraão era obediente, e só respondeu:

— Deus vai dar um jeito, Isaque, e vai providenciar o carneiro pra gente.

E continuaram caminhando. Ao chegarem ao lugar que deus havia indicado, Abraão fez um altar de pedras e arrumou a lenha em cima dele. Depois amarrou Isaque sobre o altar e pegou a faca para matar o menino. Nesse instante, um anjo gritou do céu:

— Abraão!

O velho levou um puta susto.

— Tô aqui.

— Não machuque o menino, não faça nada com ele. Agora sabemos que você é temente a deus. Olha ali praquela caverna, tá vendo a câmera? Você acaba de participar das *Pegadinhas de Jeová*! Os repórteres invadiram o cenário nesse momento, fazendo perguntas a Abraão. Deus entrou em cena para anunciar oficialmente o final do programa lendo uma carta que dizia:

> *Abraão, como você me obedeceu e não me negou Isaque, seu único filho, eu juro pelo meu próprio nome que farei os seus descendentes mais numerosos do que as estrelas do céu e os grãos de areia da praia. Toda a terra será abençoada através dos seus descendentes*

Ainda confuso com tudo aquilo, Abraão olhou em volta e viu um carneirinho preso pelos chifres a um ramo de árvore. Pegou o pobre bichinho, que nada tinha a ver com a história, e o ofereceu como sacrifício em lugar de Isaque. Atordoado pelos holofotes, Abraão esqueceu de fazer o que qualquer um faria: Mandar deus à merda. Mas parece mesmo que essa brincadeira de mau gosto estremeceu as relações entre os dois, porque depois desse capítulo (Gênesis 22), deus some de cena e só vai reaparecer lá na frente, pra falar com Jacó, filho de Isaque. Bom, talvez isso seja por causa das "merecidas" férias... O capítulo termina dizendo que Abraão voltou para onde estavam seus empregados e foram todos juntos para Berseba, onde Abraão ficou morando. Só isso. A impressão que dá é que ele fez isso para sumir por um tempo, por vergonha de ter saído com intenção de sacrificar o próprio filho. E Isaque deve ter carregado essa mágoa por toda a vida. Pegadinha ou não, acho que Abraão devia ter processado deus por essa.

A MORTE DE SARA

Antes de contar mais essa história triste, temos um trecho falando que Abraão recebeu notícias de casa. Naor, seu irmão, tivera oito filhos com Milca: Uz, Buz, Quemuel, Quésede, Hazo, Pildas, Jidlafe e Betuel. Além desses, Naor ainda tivera quatro filhos com sua concubina Reumá: Teba, Gaão, Taás e Maaca. Qual a relevância disso pra nossa história? Bom, primeiro várias sugestões de nomes para os filhos de meus leitores. Imagina que chique, ter gêmeos e chamá-los de Uz e Buz. Dá até uma dupla sertaneja. Mas o importante mesmo é que Betuel teve uma filha chamada Rebeca. Além de ser a única em toda essa família a ter um nome normal, ela ainda desempenhará importante papel em nossa história. Aguardem.

Mas é isso, Sara, nossa velhinha encrenqueira, morreu aos 127 anos de idade. Confessem que vocês já estavam criando uma certa simpatia por ela. Ela morreu em Quiriate-Arba e *veio* Abraão chorar por ela. Reparem nisso, o cara *veio*. Vejam que aquele negócio do sacrifício de Isaque pode ter sido mais sério ainda, causando a separação dos pais. Depois de chorar a morte de Sara, Abraão foi falar com o povo de Hete (que era onde ficava Quiriate-Arba) para arranjar sepultura para a morta. E a cena que se segue mostra bem a característica do negociante oriental, cheio de cerimônias:

— Olha, povo de Hete, vocês sabem que eu sou estrangeiro e tal e coisa. O negócio é que morreu minha velha, que ficou a vida inteira comigo, e estou procurando um lugar para sepultá-la.

E o representante deles respondeu:

— Abraão, você é um princípe de deus aqui pra gente. Escolhe a sepultura que você quiser entre as nossas, e será nosso presente.

E Abraão se reclinou em respeito a eles e disse:

— Já que é assim, falem com Efrom, filho de Zoar. Ele é o dono da cova de Macpela; falem com ele para que ele me venda a sepultura pelo preço justo.

O tal Efrom estava no meio dos caras e se manifestou:

— Queisso, Abraão? Você é gente boa, e sua finada esposa também era, todo mundo gostava dela. Eu te dou a cova e o campo onde ela está de presente, deixa de viadagem. Tá todo mundo aqui de testemunha.

— Ah, Efrom, eu agradeço muito — respondeu Abraão, reclinando-se novamente —, mas faço questão. Me fala o seu preço, eu compro o campo e a sepultura.

— Pára com isso, Abraão! — Agora vem a malandragem — O valor dessa tera é de quatrocentos siclos de prata, uma ninharia, o que é isso diante da nossa amizade?

Abraão entendeu o recado: Pesou a quantidade de prata estipulada (cerca de quatro quilos e meio) e pagou a Efrom. E sepultou Sara na cova de Macpela

A PROCURA POR UMA ESPOSA PARA ISAQUE

Hoje em dia quando alguém quer te fazer jurar alguma coisa, só diz "Jura?". Aí você responde "Juro" e a pessoa se dá por satisfeita. Mas nos tempos de Abraão não era assim, como veremos agora. Abraão já era bem velho. Quando Sara morreu, o patriarca contava 137 anos de vida. Sabendo que ia morrer e Isaque não arrumava mulher de jeito nenhum, e preocupado com a possibilidade de o filho estar indo pelo mesmo caminho cor-de-rosa trilhado por seu sobrinho Lot, Abraão tratou de acelerar as coisas: Chamou seu servo mais antigo, o que administrava tudo o que tinha e disse a ele:

— Põe a mão debaixo da minha coxa para me fazer um juramento.

Coisa mais esquisita essa fórmula de juramento, né não? Bom, tentem entender, Abraão estava viúvo, sozinho, melancólico. Precisava de um pouco de calor humano e foi buscar isso com seu servo mais fiel. Ah, vai, todo mundo está sujeito a uma escorregada... Mas vamos ao juramento:

— Jura por deus que você não vai arrumar mulher pro meu filho aqui na terra dos cananeus, mas irá até minha terra pra trazer pra ele uma namorada que seja da minha família.

O servo, que era bastante prático, levantou logo uma objeção:

— E se a mulher não quiser vir comigo? Vou ter que fazer o Isaque ir lá pra sua terra pra se casar? Trabalheira da porra...

— Não, de jeito nenhum! Deus me tirou de lá há tantos anos, e a terra que ele me prometeu é esta aqui. Vai pra lá, e que deus te ajude nessa empreitada. Mas se a mulher for ranheta mesmo e não quiser vir, paciência, você fica livre do juramento, só não faça Isaque ir pra lá.

Então o servo colocou a mão sob a coxa de Abraão (que coisa!) para fazer o juramento solene. E foi logo tratando da viagem: pegou dez camelos e foi pra Mesopotâmia (Síria), para a cidade onde morava Naor, irmão de Abraão. Chegando perto da cidade, fez os camelos se ajoelharem perto de um poço aonde as moças da cidade iam à tarde para fazer fofoca, trocar dicas de beleza e, claro, tirar água. Pô, o cara era um administrador de fazenda, e não tinha o mínimo dom para alcoviteiro. Então resolveu apostar na sorte mesmo:

— Ô, deus do meu chefe Abraão! Faz assim: quando as moças começarem a chegar eu vou começar a pedir a elas que me dêem um gole d'água. A primeira que me der água e também se oferecer para tirar água para dar de beber aos camelos, essa será mulher do Isaque, beleza? Bom, era um critério como outro qualquer. O servo ficou em pé perto do poço e pôs-se à espera da caravana de donzelas. E deus, lá de cima, pensou que esse negócio de arrumar casamento pras pessoas até que daria um bom programa de televisão. Mas pensou melhor, virou para o outro lado e voltou a dormir.

O CASAMENTO DE ISAQUE (ou: Risadinha desencalha)

Deixamos o servo de Abraão na beira do poço esperando que as moças da cidade viessem buscar água. Pois ele mal acabou de estabelecer o critério pelo qual escolheria a noiva de Isaque quando viu Rebeca aproximando-se, carregando um cântaro no ombro. Rebeca, lembrem-se, era neta de Naor, irmão de Abraão. O servo ficou de queixo caído: a moça era linda. Esperou que ela tirasse a água do poço e, quando já estava indo embora, correu até ela.

— Moça! Ô, moça! Tô com uma sede danada, será que a senhorita não podia me dar um golinho d'água?

Rebeca deixou que ele bebesse e se ofereceu para tirar água também para os camelos. Despejou o conteúdo do cântaro no bebedouro dos animais e voltou várias vezes ao poço até que os camelos estivessem saciados (e sede de camelo não é brincadeira, vocês sabem). Enquanto ela ia e voltava com o cântaro, o servo ficou só na miúda, observando a moça. Quando os camelos terminaram de beber, ele pegou uma argola para nariz pesando 6 gramas de ouro puro (vejam que já existia *piercing* naquela época) e duas pulseiras de mais de cem gramas cada uma, também de ouro, e deu os presentes a Rebeca. Em seguida perguntou:

— Você é daqui? Quem é o seu pai? Será que tem lugar na casa dele para os meus homens e eu passarmos à noite?

Hum... Embora isso não tenha sido dito antes, o servo não foi sozinho. Acho que nem era necessário dizer: partir para uma viagem longa, passando pelo meio do deserto sozinho seria suicídio. Ou então esse negócio de "meus homens" significa outra coisa, e o servo era coleguinha de Lot. Vai saber... Mas Rebeca, muito educada, respondeu:

— Meu pai é o Betuel, filho de Naor. Lá na nossa casa tem lugar para dormir e bastante palha para os camelos também.

Ao saber disso, o homem se ajoelhou e adorou a deus, agradecendo por tê-lo guiado até dar de cara com alguém da parentela de Abraão. Olhando lá de cima, deus ficou meio envergonhado: não tinha interferido em nada, e parecia que os homens podiam se virar muito bem sem ele. Pela primeira vez na História, deus duvidou da própria existência.

Rebeca correu para a casa dos pais para contar o que havia acontecido. Notem que ninguém ainda falou em Isaque, então dá pra imaginar que a moça tava de olho era no servo. Pensando bem, aquele negócio de "Pode beber, e vou pegar água para os camelos também" e "Sem problema, vocês podem dormir lá em casa", sei não... Acho que o tal servo perdeu uma excelente oportunidade de se passar por rico e faturar a donzela. Coitado... Rebeca tinha um irmão chamado Labão.

— *Lobão?*

Não, Labão.

— *Ah, Lobão!*

NÃO, porra, Labão! Prestem atenção nesse cara. Até agora os personagens da bíblia eram ou bonzinhos ou malvados. Creio que Labão é o primeiro a ter um caráter dúbio, o que o torna mais convincente como personagem. Labão viu a irmã com uma de ouro no nariz e duas pulseiras enormes, ouviu a história toda, fez uns cálculos rápidos de cabeça e foi depressinha ao encontro do servo de Abraão, que ficara esperando em pé ao lado do poço.

— Meu senhor, como vai? O que o traz até essas quebradas, um homem tão distinto, tão elegante? E por que está aqui ainda? Simbora, já preparei a casa para recebê-los.

O empregado foi com ele até a casa. Lá chegando, Labão descarregou os camelos e lhes deu palha e capim. Depois trouxe água para que os homens lavassem os pés e mandou trazer a comida. Puro interesse, claro. O servo, no entanto, disse que só comeria depois de contar o que o levara até ali. Doido de curiosidade, Labão pediu que ele se sentasse

— Sou todo ouvidos, senhor.

O servo contou toda aquela história que já sabemos, do juramento para Abraão, do critério que inventara para escolher a moça, do encontro com Rebeca.

— E foi isso. Agora é com vocês.

Nem era preciso dizer. Abraão era aquele tio rico do qual raramente tinham notícias. Era a oportunidade para saírem da pindaíba.

— Meu senhor — disse Labão, todo bajulador — quem somos nós para decidir alguma coisa, se tudo isso veio de deus? Pode levar a Rebeca para que ela se case com o filho do seu patrão, como deus determinou.

Então o servo tirou da bagagem vários objetos de prata e de ouro e vestidos e os deu de presente a Rebeca. Deu também presentes caros para Labão e sua mãe. Vejam que o velho Betuel não apitava nada nessa casa: não tomou parte na decisão de dar a filha em casamento e também não ganhou nenhum presentinho... Os homens comeram, beberam e passaram a noite na casa de Betuel. No dia seguinte, quando se preparavam para a viagem de volta, Labão veio falar com eles:

— Cês vão levar minha irmã embora? Mas já? Queisso! Acho melhor ela ficar por aqui mais uns dez dias e depois ela vai. Sabe como é mulher, demora pra arrumar as coisas, não pode ser assim, de uma hora pra outra.

Claro que o velhaco do Labão estava querendo mais presentes. Se Rebeca ficasse mais dez dias, os homens também ficariam, porque a viagem era longa e não valia a pena ir para Canaã e voltar depois. Além disso, o servo tinha feito um juramento a Abraão, não queria chegar dizendo "Olha, achei uma noiva para Isaque, lindíssima, virgem e neta do seu irmão, do jeitinho que o senhor queria. Mas deixei ela por lá mesmo". Já imaginaram a reação do velho? Por isso o servo bateu o pé e disse que estava indo e pronto.

— Tudo bem, tudo bem. — disse Labão — Vamos chamar Rebeca, ela que decida. Rebeeeeeecaaaaaaaa! Ô, Rebeca. Cê quer ir com eles?

Pensando na vida de fartura que levaria dali pra frente, ela não pensou duas vezes:

— Ôpa! Tamozaí! Rebeca chamou a mulher que havia sido sua babá para ir com ela, montaram nos camelos e começaram a viagem.

Isaque vinha andando cabisbaixo, no caminho de volta do poço de Laai-Roi (que significa *Aquele que vive e me vê*). Ele saíra à tardinha para meditar. Ainda estava muito triste com a morte da mãe. Não tinha irmãos que o ajudassem a superar essa dor, e não era de muita conversa com o velho, todos sabemos por quê. Aos quarenta anos de idade, permanecia solteiro, e sem perspectiva de encontrar alguém. Perdido nesses tristes pensamentos, olhou para o horizonte e viu uns camelos se aproximando. Rebeca também olhou e viu aquele homem tão bonito e tão triste, e perguntou ao servo de Abraão quem era aquele.

— É Isaque, filho do meu patrão.

Rebeca pôs o véu no rosto e foram ao encontro de Isaque. O servo contou a ele tudo o que ocorrera desde sua partida, mas Isaque mal ouviu sua história: Estava hipnotizado pela beleza de Rebeca.

Naquele tempo e lugar o casamento não era essa coisa chata de hoje, com uma pilha de papéis para assinar, roupas desconfortáveis para vestir e festas intermináveis para ficar até o fim sem tirar da cara o sorriso de noivos felizes: Isaque apenas pegou Rebeca pela mão e a levou para tenda que havia sido de Sara (e se Sara tinha uma tenda só dela, é mais um indício forte de que ela e Abraão haviam se separado). Isaque foi consolado, enfim, da perda da mãe. Os dois viveram felizes, mas não posso dizer que tenha sido para sempre. Rebeca também aprontou as dela, como veremos mais tarde.

ABRAÃO SAI DE CENA

Muito bem, pecadores. Já tratamos demais de assuntos diversos, vamos retomar nossa história, que é muito mais legal. Como vimos, Isaque se casou com Rebeca. Talvez aliviado do antigo peso na consciência, Abraão resolveu arrumar uma mulher também. O velho casou-se com uma tal de Quetura e tiveram seis filhos, cada um com o nome mais bonito que o outro: Zinrã, Jocsã, Medã, Midiã, Isbaque e Sua.

— *Minha?*

Não, não. Lá deles. Tenho nada com isso não. Desses aí só ouviremos falar ainda do Midiã, que é o antepassado dos midianitas, povinho que ainda vai nos dar trabalho.

Abraão viveu 175 anos (trinta e cinco anos depois do casamento de Isaque, portanto). Quando ele morreu, deus olhou lá de cima e pela primeira vez soube o que era tristeza de verdade. Abraão tinha sido seu amigo por tantos anos, talvez seu único amigo, e por causa de uma brincadeira de mau gosto eles haviam se distanciado. Deus se arrependeu, mas era tarde. Se pudesse, faria voltar o tempo. Mas como nós todos sabemos, deus não é o Super-Homem. Isaque e Ismael sepultaram o pai no túmulo que ele havia comprado para Sara, na caverna de Macpela. Ôpa, quando foi que Ismael voltou? Não é possível que Isaque tenha ligado para o celular dele pra avisar, "Ismael, vem pra casa, que o pai morreu". Ismael morava no deserto, e é claro que o celular dele passava o tempo todo sem sinal. O mais provável é que ele tenha voltado pra casa após a morte de Sara.

Mas é isso. Morreu Abraão, nosso personagem mais importante até agora. Vamos ver o que nos reserva Isaque. Porque sobre Isamel só ficamos sabendo que ele teve doze filhos, que cada um deles foi chefe de uma tribo (tudo isso pra explicar a origem dos povos do sul da Península Arábica) e que Ismael morreu aos 137 anos, ou seja, 86 anos depois da morte de Abraão.

Nota: *Já nos tempos do Novo Testamento (depois do nascimento de Jesus Cristo), surgiu uma tradição que situava essa caverna de Macpela, onde foram sepultados Abraão, Sara e vários de seus descendentes, num determinado ponto de Hebrom, cidade do sul de Israel, que conta hoje cerca de 120 mil habitantes. Os muçulmanos — que vieram a ocupar a área onde fica Hebrom por 1300 anos — incorporaram essa tradição: o túmulo é cercado por paredes de pedra, como uma fortaleza, e é considerado* Haram *(lugar proibido). Fica abrigado dentro de uma construção que é ao mesmo tempo mesquita e sinagoga, por ser Abraão patriarca tanto dos judeus quanto dos árabes.*

O NASCIMENTO DE ESAÚ E JACÓ

Bom, aconteceu o que sempre acontece: Isaque e Rebeca tentaram e tentaram até que ela conseguisse engravidar. Isaque devia ser meio devagar, porque isso só foi acontecer quando eles já estavam casados havia quase vinte anos. Mas Rebeca ficou grávida, e logo de gêmeos. Os dois brigavam dentro da barriga e ela foi perguntar a deus por que isso acontecia. Deus, feliz por finalmente alguém se lembrar dele, respondeu logo:

— Rebeca, há duas nações dentro de você, dois povos inimigos. Um deles será mais forte que o outro, e o mais velho servirá ao mais moço.

— Puxa, deus, que maluquice! Espera até o Isaque saber disso.

— Não, não, Rebeca, não fala nada pra ele. Aliás, nem conta que você andou conversando comigo.

— Ué, deus, por quê?

— Seu marido não vai com a minha cara. É uma longa história.

Depois de nove meses de gravidez, como geralmente acontece, os gêmeos nasceram. O primeiro a sair era ruivo e todo peludo, feito um casaco de peles, e por isso o chamaram Esaú, que significa *peludo*. O outro nasceu agarrado ao calcanhar do irmão, e por isso foi chamado Jacó, que quer dizer *usurpador*, *suplantador*. Esse Jacó ainda vai nos dar muito trabalho e é um dos personagens mais legais da bíblia. Isaque estava com sessenta anos quando eles nasceram.

Os meninos cresceram. Esaú era macho de verdade, caçador, vivia no campo. Jacó já era mais sossegado, gostava de ficar em casa ouvindo uns CDs de Jazz e navegando na internet. Esaú era o preferido de Isaque, porque o pai também gostava de caça. Rebeca era mais apegada a Jacó. Com tantas diferenças, era de se esperar que o conflito entre os irmãos atingisse um ponto insuportável. E atingiu mesmo, mas isso fica para outro dia.

ESAÚ VENDE O DIREITO DE PRIMOGENITURA A JACÓ

Hoje em dia ser irmão mais velho não é grande coisa. Pra falar a verdade, é uma merda. Mas naquele tempo era bem melhor: Os outros irmãos deviam respeito ao mais velho, e ele ainda recebia porção dobrada da herança. Ah, quem me dera meus irmãos me respeitassem só um pouquinho, já que herança não vai rolar mesmo...

Pois então, a regra era essa, mas Jacó era um vigarista cara-de-pau, e resolveu dar um golpe pra cima de Esaú. Jacó estava na tenda e tinha acabado de preparar um guisado. Esaú chegou do campo morto de fome e cansaço, viu o prato na mão do irmão e pediu, ou melhor, mandou, porque irmão mais velho naquele tempo tinha voz:

— Ô, moleque. Me dá esse negócio vermelho aí que cê tá comendo. Tô cansado, com uma fome da porra, e você tá na boa, passa o dia inteiro só aí nas prendas domésticas.

— Quer comer, é? Nem a pau! Te dou o guisado mas só se você me der em troca seu direito de irmão mais velho.

— Direito de irmão mais velho de cu é rôla! Me dá isso aí, seu boiola!

— Nem fodendo! O direito de primogenitura primeiro!

— Tá, tá, moleque, tô com fome, não tenho tempo pras suas babaquices. Cê pode brincar de irmão mais velho, tá bom? Agora me dá esse guisado aí.

— Só se você jurar!

— Ô moleque do caralho! Juro, juro, me dá aí esse negócio vermelho pra eu comer, que eu tenho que voltar pro meio do mato.

Satisfeito com o juramento, Jacó entregou ao irmão um pão e o guisado de lentilhas. Esaú comeu com pressa, levantou-se e voltou para o campo.

Bom, que eu saiba lentilha é verde, então Jacó deve ter caprichado no colorífico Hikari pra deixar o guisado vermelho. E por causa da cor desse prato, Esaú ganhou o apelido de Edom, que significa *vermelho*.

UM PARÊNTESE

Tantos anos estudando a bíblia e só agora atentei para um detalhe: Abraão morreu aos 175 anos, certo? Levando-se em conta que ele tinha 100 anos quando Isaque nasceu, e que Isaque estava com 60 anos quando Esaú e Jacó nasceram, então Abraão ainda estava vivo quando os gêmeos nasceram, e morreu quando eles já eram adolescentes. Mas não vemos nenhum contato dos netos com o avô. Vejam só o que deus fez: por ordem dele, Abraão expulsou Ismael e sua mãe e anos depois levou Isaque para ser sacrificado. Quanto aos filhos que ele teve com Quetura, só sabemos que não viviam perto dele. Aliás, depois do episódio do sacrifício, não há mais nenhum contato entre Abraão e Isaque até a morte do velho, quando os dois filhos o enterram. Dá pra imaginar que o velho Abraão morreu sozinho, possivelmente doente e desgostoso pela indiferença dos filhos, que não sabiam que ele era mero instrumento de um ditador sem coração chamado Jeová.

ISAQUE EM GERAR (ou: Filho de corno...)

Nosso amigo Isaque não tinha tempo para prestar atenção nas negociações dos filhos sobre primogenitura. Uma preocupação maior o afligia: a fome que começava a assolar Canaã. Vendo que a situação não ia melhorar tão cedo, levantou acampamento e foi para Gerar, na Filistia, onde Abimeleque continuava firme e forte como rei.

Vocês sabem que certas coisas são hereditárias, né? Por exemplo, meu pai é cabeçudo, minha mãe também, então só por um milagre eu teria uma cabecinha

normal. Meu pai é careca, eu também, só que tô ficando mais que ele, o que não é nada legal. Pois então, parece que a vontade de ser corno também é hereditária. Não que eu ou meu pai tenhamos essa vontade, tô falando de Isaque: chegando a Gerar, temendo que os habitantes da terra o matassem para ficarem com Rebeca que, como já foi dito, era muito bonita, disse a todo mundo que eram irmãos, a mesma coisa que seu pai Abraão fizera no Egito e em Gerar. Só que Abimeleque ficou desconfiado, já conhecia as manias esquisitas dessa família. Então, antes de tentar alguma coisa com Rebeca, ficou de olho nos dois por um tempo. E não deu outra: olhando pela janela do palácio um dia, viu Isaque e Rebeca trocando carícias no jardim (vejam só, um homem de mais de sessenta anos! Esse Isaque era sangue bom demais, e só se fodeu na vida). Mais que depressa, chamou Isaque à sua presença.

— Porra, Isaque, que história é essa? Então de tanta coisa boa que cê tinha pra aprender com seu pai, foi logo aprender o que não presta? Será que você não sabe que esse golpe não dá certo? Já imaginou se alguém come sua mulher? Cê não ia poder reclamar com ninguém, e ainda era capaz de o seu deus querer destruir a gente!

— Ô, Abimeleque, desculpa aí, foi mal. Mas é que Rebeca é tão bonita, olha só pra ela! Era capaz de me matarem por ela, entenda minha situação.

— Tá, mas cê não sabe que eu sou rei dessa porra aqui e amigo do seu pai? Era só chegar aqui e me dar um toque que eu providenciava proteção pra vocês. Aliás, é o que eu vou fazer. E Abimeleque baixou um decreto determinando que qualquer um que fizesse alguma coisa contra Isaque ou Rebeca seria morto. Como já dizia Mel Brooks no filme *História do Mundo*, é bom ser o rei...

Isaque ficou muito tempo morando em Gerar, e conseguiu ficar mais rico do que já era. Os filisteus sentiram inveja dele e, por não poderem fazer nada com Rebeca, resolveram tapar os poços cavados por Abraão naquelas terras (todos esses lugares de que estamos falando situam-se nas redondezas do que hoje é o Estado de Israel, onde a terra é desértica e a água tem muito valor). A situação foi ficando delicada, até que um dia Abimeleque resolveu que o melhor era convidar Isaque a se retirar de suas terras. O cara era rei, então Isaque nem discutiu e foi morar num vale ali perto. Desentulhou os poços que os filisteus haviam tapado e colocou neles os mesmos nomes que Abraão havia posto.

Mas a briga por causa de água não parou por aí: um dia os empregados de Isaque cavaram e encontraram uma mina d'água. Mas os pastores filisteus discutiram com eles, dizendo que a água pertencia a eles, que negócio era aquele, onde é que estávamos, essas coisas. E Isaque botou o nome de *Eseque* (que significa *discussão*) no

poço. Os servos cavaram mais adiante e econtraram mais água. E lá vieram os filisteus com a mesma ladainha, e esse poço Isaque chamou de *Sitna* (*inimizade*). Antes que seus servos cavassem outro poço e os filisteus viessem encher o saco de novo, obrigando-o a batizar o poço de *Pequepê* ou *Caraidiasa*, Isaque mudou-se para mais longe. Nesse lugar conseguiram cavar um poço em paz, e foi chamado de *Reobote*, que significa *terra espaçosa*.

Depois de um tempo, Isaque mudou-se para Berseba, lugar onde Abraão e Abimeleque haviam feito um juramento de cooperação mútua no passado. Abimeleque saiu de Gerar com um amigo chamado Auzate e com Ficol, comandante de seu exército, para ir até Berseba falar com Isaque. Ao ver quem o chamava na porta da tenda, Isaque nem se levantou:

— Ah, então você me expulsa da sua terra, eu tenho que agüentar seu povo me enchendo o saco por causa de água, e agora vem aqui com a maior cara lavada? Ah, Abimeleque, vai à merda.

— Ô, Isaque, não é bem assim. Vim aqui pra pedir desculpas. Mas a situação lá em Gerar não estava boa pro seu lado, cê sabe como é inveja. Com decreto real ou sem decreto real, mais cedo ou mais tarde alguém ia acabar com a tua raça. Quer saber? Pedir que você saísse de lá foi um favor que eu te fiz.

Isaque pensou bem e viu que Abimeleque podia até estar com a razão. Estando ou não, Isaque era gente boa, e mandou preparar um banquete para as visitas. Já de madrugada Isaque e Abimeleque firmaram um juramento semelhante àquele firmado entre este último e Abraão, e Abimeleque, Auzate e Ficol voltaram para Gerar sem maiores problemas.

ESAÚ SE CASA

Esse é um post rapidinho. Esaú se casou com duas hetéias (não, as hetéias não são fêmeas dos ETs, são mulheres da terra de Hete): Judite e Basemate. A bíblia só diz que as duas infernizaram a vida de Isaque e Rebeca, pra vocês verem que esse negócio entre noras, genros, sogros e sogras não é coisa recente não. E essa rixa em particular ainda vai desempenhar seu papel em nossa história.

JACÓ E REBECA ENGANAM ISAQUE E FODEM A VIDA DE ESAÚ

Às vezes eu reclamo do Beto, mas meu irmão caçula é gente boa. Já o Esaú não podia dizer a mesma coisa. Vejam só o que aprontaram com ele e o pobre do Isaque, nosso amigo tocador de berimbau. Isaque já estava bem velhinho e tinha ficado cego. Um dia chamou Esaú para conversar.

— Esaú, já estou velho demais, posso bater as botas de uma hora pra outra.

— Mas pai, nem inventaram as botas ainda, o máximo que o senhor pode fazer é bater as sandálias.

— Não me interrompe, moleque. Como eu ia dizendo, estou prestes a peidar no fubá, como já dizia Earl Tonon. Então eu queria te pedir um negócio: pega aí o seu arco, vai lá para o mato caçar algum bicho. Voltando pra cá, prepare um guisado daquele jeito que eu gosto, que é pra eu te dar a minha bênção.

Esaú saiu logo para o campo. Gostava muito do velho e era um prazer para ele satisfazer esses pequenos caprichos de Isaque. Mas o que nenhum dos dois sabia era que Rebeca tinha escutado toda a conversa atrás da tenda. "E daí?", perguntarão vocês. Ah, os ardis femininos... Rebeca foi correndo contar pra Jacó o que tinha ouvido.

— Então essa é sua chance, meu filho. Vai até o nosso rebanho e pega dois cabritos bons. Traz os dois pra cá. Eu vou preparar um guisado do jeitinho que seu pai gosta, você leva pra ele, e ele te abençoa em vez de Esaú.

— Mas mãe, como é que o pai vai acreditar que eu sou o Esaú? Ele é peludo feito o Tchaca do Elo Perdido, e eu sou liso. Se o pai me apalpar, aí fodeu, vou pegar fama de salafrário e ainda corro o risco de ser amaldiçoado.

— Primeiro, olha a linguagem na frente da tua mãe, moleque. E se ele te amaldiçoar, que a maldição caia sobre mim. Só faz o que eu te mandei, não discute com a mamãe. — Pra vocês verem, os judeus ainda não existem nessa altura, mas já temos aqui uma *idiche mamma*.

Jacó fez tudo conforme a orientação da mãe e ela preparou o guisado. Depois Rebeca pegou as melhores roupas de Esaú e fez com que Jacó as vestisse. Para dar o toque final, pegou a pele dos cabritos e com elas cobriu os braços e o pescoço do filho.

— Pronto, filho, agora vai lá levar o guisado para o seu pai, duvido que ele não caia nessa.

Jacó pegou o guisado e levou para a tenda de Isaque.

— Pai!

— Oi. Qual dos dois que está aí, é Jacó?

— Sou Esaú, pai, tá lesado das idéias? Vai, levanta o rabo velho daí e vem comer o guisado que eu preparei pra você.

— Ué — a desconfiança aumentando —, como foi que você encontrou caça tão rápido?

— Ah, o seu deus mandou o bicho ao meu encontro, nem tive trabalho.

Isaque ainda pensou "Meu deus o cacete!", mas deixou passar. Estava com uma pulga do tamanho de um hamster atrás da orelha.

— Chega aqui perto, filho, pra eu te apalpar e ver se é Esaú mesmo.

Jacó nem titubeou (Rá! Consegui usar mais essa palavra! Quero ver quem me segura agora!).

— É, filho... A voz e a falta de respeito são de Jacó, mas o cheiro é de Esaú, os braços também. Fala a verdade pra mim, meu pai foi vítima de umas pegadinhas que abalaram nossa relação, por isso que eu sou assim desconfiado: Você é Esaú mesmo?

— Sou, pai! Tá ficando doido?

— Tô não, filho.

— Tonon?

— Eu disse TÔ NÃO! Só me faltava essa, cego e com um filho surdo. Agora só me falta Jacó ficar mudo. Hum... Não seria mal. Mas desculpe, estou divagando. Chega pra cá esse prato, deixa eu comer essa caça que meu filho preparou com tanto carinho.

Jacó entregou a ele o prato e trouxe também vinho (não se pode contar sempre com a sorte, embebedar a vítima é sempre uma boa estratégia). Isaque comeu, bebeu e disse:

— Chega mais perto, meu filho, dá um beijo aqui no seu velho.

Jacó veio e o beijou. Vejam só que esse negócio de traidor beijoqueiro não foi invenção de Judas. Sentindo de perto o cheiro do filho, Isaque não teve mais dúvidas e deu sua bênção:

— Ah, filho, você tem o cheiro do campo! Que deus faça seu campo farto, que nunca te falte nada. Que as nações se curvem diante de você, que seus irmãos te sirvam. Malditos sejam aqueles que o amaldiçoarem, benditos os que o abençoarem.

Ah, a vida... Foi Jacó sair da tenda do pai, feliz pelo sucesso de sua trairagem, e Esaú chegou do campo. Com o animal que caçara preparou no capricho um guisado para o velho e foi levar para ele.

— Pai! Ô, pai! Levanta daí, vem comer o guisado que eu fiz pro senhor.

— Quem é que tá aí?

— Como assim, quem é? Sou eu, pai, Esaú, seu filhão! Não lembra que o senhor me pediu um guisado do que eu caçasse?

Isaque começou então a tremer, com aquela sensação que temos quando alguém trai nossa confiança, mas ainda não queremos acreditar que seja verdade.

— Quem foi então que acabou de sair daqui? Quem foi que me trouxe um guisado e foi abençoado por mim?

Ao ouvir isso, Esaú deu um grito cheio de amargura, feito algum bicho pego numa armadilha.

— Ô meu pai, por favor, me abençoa também!

— Mas filho, seu irmão veio aqui, me enganou, e levou a bênção que eu tinha guardado pra você.

— Ah, mas não é à toa que o nome desse moleque é Jacó! Já é a segunda vez que ele me engana: primeiro roubou minha primogenitura, agora veio até aqui, na crocodilagem, e roubou minha bênção. Porra, pai, cê não reservou bênção nenhuma para mim?

— Esaú, eu já coloquei você para servir Jacó na bênção que dei a ele, e ainda o abençoei com a promessa de fartas colheitas. Que que eu vou fazer por você, meu filho?

— Caralho, pai, será possível que você tem uma bênção só? Vai, te vira, dá seus pulos, quero ser abençoado também. Me abençoa, pai.

Esaú começou a chorar alto. E vocês sabem como é de partir o coração ver um homem crescido chorando. Isaque pensou, pensou, e se saiu com essa:

— Você viverá longe das terras boas e da chuva. Você vai viver da sua espada, e será escravo do seu irmão. Mas quando você se revoltar, será livre.

Tá, tá, não é grande coisa como bênção. Mas foi o que Isaque pode arranjar. O quê? Se Esaú ficou bravo com o irmão? Bravo é pouco! Esperem só pra ver...

NOTA: A bênção plena que Isaque deu a Jacó e a bênção capenga que deu a Esaú são, na verdade, bênçãos para seus descendentes. Quando ele diz que Esaú servirá a Jacó, portanto, significa que os edomitas servirão aos israelitas (Jacó ainda vai *se chamar Israel*, tenham paciência que a gente chega lá).

EDOMITAS

Vocês acham que os descendentes de Esaú não são grande coisa, é? Pois saibam que Jó, aquele da paciência (a virtude, não o jogo), era provavelmente edomita. E um edomita tornou-se particularmente famoso até os dias de hoje: o rei Herodes.

JACÓ FOGE PARA A MESOPOTÂMIA

Esaú ficou muito puto da vida mesmo. Peludo e carrancudo daquele jeito, parecia um gorilão revoltado. E fez um plano: Isaque não ia viver muito. Depois que o velho morresse e se cumprissem os dias de luto, ele, Esaú, mataria seu irmão. Simples assim. Ah, e vocês pensando que eles iam só ficar sem se falar por um tempo...

Porém Rebeca, que podia ter todos os defeitos mas de besta não tinha nada, ficou sabendo desse plano de Esaú e chamou Jacó para avisá-lo.

— Escuta aqui, moleque: seu irmão quer se vingar de você, ele vai te matar por causa daquela presepada que você aprontou.

— Que eu aprontei?! Mas mãe, foi idéia sua, eu só...

— Cala a boca, não discute com a mamãe! Presta atenção: você vai embora agora mesmo para a casa do meu irmão Labão.

— Lobão?

— LABÃO, Jacó! Ele mora em Harã, você sabe. Fica por lá um tempo, até seu irmão esquecer do que você fez com ele.

— Mas mãe, Harã é tão longe...

— Cê tá ousado hoje, hein, moleque? Obedece a mamãe que você ganha mais, se você me obedecesse sempre, não tinha caído nessa confusão, pra começo de conversa.

— Mas mãe, foi justamente porque eu te obedeci que o Esaú...

— Chega de "mas mãe" pra lá, "mas mãe" pra cá! Parece papagaio!

— Mas mãe, nem existe papagaio aqui!

— Tá querendo apanhar, Jacó?

— Não, mãe.

— Então cala a boca e presta atenção! Quando Esaú estiver mais calmo, eu mando te chamarem de volta.

— Mas mãe, o pai também deve estar puto com a gente, quer dizer, comigo, não vai me deixar ir.

— Disso eu cuido.

Depois desse diálogo cheio de amor e carinho com seu filho predileto, Rebeca foi falar com o marido:

— Isaque do céu, não agüento mais essas hetéias do Esaú. Vivem me infernizando, falam mal de mim, não gostam da minha comida, dizem que nossa tenda é uma bagunça, criticam minhas roupas. Se Jacó se casar com uma hetéia ou qualquer mulher dessas de Canaã, eu me mato!

Isaque, sabendo do temperamento da esposa, nem discutiu. Além do mais, imaginem o desgosto na vida desse homem: o pai ameaçara matá-lo, além de privá-lo da convivência do irmão mais velho, o filho mais novo era um velhaco vigarista sem-vergonha e o mais velho ameaçava tornar-se um fratricida. Mais por apatia do que convencido pelo argumento de Rebeca, chamou Jacó, o abençoou e disse:

— Jacó, não quero que você se case com um dessas mulheres aqui de Canaã. Pega suas coisas e vai para a Mesopotâmia, para a casa do seu avô Betuel e seu tio Labão, vê se consegue se casar com uma de suas primas. Que deus te abençoe, meu filho.

E Jacó mais que depressa se mandou para a Mesopotâmia, viagenzinha rápida, oitocentos quilômetros em lombo de camelo.

E vejam vocês como era o Esaú: vendo que o pai abençoara Jacó novamente, não ficou com raiva do velho. Seu negócio era com Jacó, e isso seria resolvido mais tarde. Ficou sabendo que Isaque não queria que Jacó se casasse com uma mulher de Canaã e compreendeu que o pai não via as cananéias com bons olhos. Então, foi até as terras de Ismael, seu tio paterno, e casou-se com Maalate, filha de Ismael. Esaú pretendia com isso apenas agradar ao pai, casando-se com uma prima, exatamente o que Isaque ordenara a Jacó.

A VISÃO DE JACÓ EM BETEL (*Stairway to Heaven*)

E as férias de deus acabaram. Já era hora! Não que alguém tenha sentido falta: durante sua ausência, as coisas aqui embaixo continuaram a zona de sempre. Mas o cara resolveu voltar, quem é que ia impedir? Só que deus logo percebeu um detalhe: Jacó não era bobo feito seu avô, Abraão. Chegar só prometendo uma grande descendência e o lero-lero de sempre não seria suficiente pra impressionar o cara. Deus pensou, pensou, fez *brainstorms* com sua equipe, encomendou pesquisas e concluiu que ia ter que apelar para os efeitos especiais.

O momento era perfeito. Jacó saíra de Berseba a caminho de Harã, na Mesopotâmia, onde morava seu tio Labão. No fim da tarde do primeiro dia de caminhada, resolveu dormir onde estava e continuar a viagem de madrugada. Escolheu uma pedra para servir como travesseiro e dormiu. E sonhou com uma escada que ia da terra ao céu, e os anjos subiam e desciam por ela.

— Nossa — pensou Jacó —, parece cenário da Broadway!

— Puta que pariu — pensou deus — o desgraçado descobriu. Tenho que ficar esperto com esse cara.

Deus pigarreou, e caprichou na voz de trovão:

— Jacó! Ô, Jacó! Quem fala com você é Jeová!

— Quem?

— Jeová! Javé! O Senhor dos Exércitos! O Todo-Poderoso!

— Hum... Nunca ouvi falar não.

— Ô caraio... Aquele sacrifício foi a pior idéia que já tive, Isaque ficou com raiva de mim e não me apresentou a você. Eu sou o deus de seu avô, Abraão. Estou aqui para renovar a promessa que fiz a ele. Seus descendentes serão mais numerosos que a areia da praia! Toda a Terra será abençoada através de seus filhos! Você voltará a esta terra, e ela será a terra de seu povo. E não vou te abandonar até que todas essas promessas se cumpram!

— Nem quando eu for ao banheiro?

— Você entendeu. Tá feita a promessa, é isso aí. Tchau.

Deus retirou-se meio frustrado. Aparentemente não causara em Jacó a impressão desejada. Jacó acordou do sonho e pensou: "Porra, que foi aquilo? Esse lugar até

parece assombrado! Quem será esse tal de Jeová? Bom, por via das dúvidas, não custa nada dar uma bajulada nele, quem sabe o negócio todo é verdade. Não tenho nada a perder". Pegou então a pedra que tinha usado como travesseiro e a pôs em pé como um pilar. Depois derramou azeite sobre a pedra, dedicando-a ao deus que acabara de conhecer.

E aqui entra mais uma vez a esperteza de Jacó. Vejam só a promessa que ele fez a deus:

— Se o senhor me acompanhar nessa viagem, e me der água e comida, e me fizer voltar na boa pra casa do meu pai, então o senhor será o meu deus.

Deus, tão acostumado a ser obedecido sem questionamentos, ficou confuso ao levar essa invertida. Não bastava dizer que era deus, que era o tal, que mandava e desmandava, que tinha a seu serviço anjos coreógrafos da Broadway. Com Jacó o negócio ia ser bem mais difícil. O vigaristazinho safado o estava tratando como se ele fosse o gênio da lâmpada. Pela primeira vez em sua vida (se é que se pode chamar de vida) deus pensou seriamente em aposentar-se.

JACÓ ENCONTRA RAQUEL

Jacó continuou sua viagem e chegou às vizinhanças de Harã, onde havia um poço. Três pastores conversavam por ali, e traziam com eles suas ovelhas e cabras. Este poço era tapado por uma pedra grande; quando todos os pastores chegavam ali, tiravam a pedra, davam de beber aos rebanhos e tapavam o poço novamente. Jacó foi falar com os pastores:

— Tarde.

— Tarde.

— Cês são aqui de perto?

— Somos sim, de Harã.

— Hum... Vocês conhecem o Labão?

— Lobão??

— [suspiro]. Não. Labão. Filho de Naor.

— Ah, conhecemos sim!

— E ele vai bem?

— Ah, muito bem. Olha, espia ali, é Raquel, filha dele.

Jacó olhou para onde eles apontavam e quem estava vindo, apascentando umas ovelhas, era a mulher mais linda que ele já vira. Ficou embasbacado, aquela família de sua mãe era pródiga em mulheres bonitas, e até Rebeca, apesar de já ter uma certa idade, conservava sua beleza. Jacó quis dar um jeito de ficar sozinho com a moça, e disse aos pastores:

— Mas, meus amigos, ainda é cedo para recolher o rebanho! Por que vocês não dão de beber às ovelhas e depois as levam de volta ao pasto, em vez de ficarem aqui jogando conversa fora?

— Ah, não podemos fazer isso não. Temos que esperar que todos os pastores e suas ovelhas e cabras estejam aqui, para que a pedra seja retirada. Aí sim daremos água aos animais.

— Ô, merda...

O plano de afastar os pastores não dera certo, e Raquel (que era pastora de ovelhas, como já devem ter percebido) já havia chegado com o rebanho de seu pai. Jacó partiu para o plano B: Impressionar a moça. Correu para tirar a pedra do poço (o que deve ter rendido uma hérnia ao pobre coitado) e deu de beber aos animais. Depois disso, beijou Raquel e começou a chorar (é sempre bom demonstrar sensibilidade e esse blá-blá-blá todo, mas acho que Jacó forçou a mão nessa).

— Raquel, eu sou sobrinho do seu pai! Sou filho de Rebeca!

Mas Raquel não se deixou levar pelas lágrimas de Jacó: ela sabia que tinha primos morando em Canaã, mas nada garantia que aquele chorão ali fosse um deles. Então voltou correndo para casa e contou a Labão o que havia acontecido. Ele ouviu com atenção e foi ao encontro de Jacó, o cumprimentou e o levou para casa. Lá Jacó contou o que o levava ali e tudo o que ocorrera no caminho, incluindo a impressionante visão da escada para o céu.

— Essa eu conheço, Jacó — disse Raquel. — É do Led Zeppelin!

— Liga pra minha filha não, Jacó, é meio tapadinha. Por essas malandragens que você andou aprontando, só pode mesmo ser meu sobrinho! E esse tal deus maluco, chegado nuns efeitos especiais, tenho certeza que é o deus de Abraão. Seja bemvindo, Jacó!

Jacó foi ficando, ajudando com os rebanhos (desculpinha esfarrapada pra ficar perto de Raquel). Ele já estava morando com Labão fazia um mês quando o tio veio falar com ele:

— Jacó, não é porque você é parente que vai ficar aqui trabalhando de graça, não é justo. Fala aí quanto você quer ganhar, e a gente negocia.

Jacó pensou bem. Não precisava de dinheiro, tinha uma gorda herança esperando por ele, principalmente depois de ter se tornado o primogênito. Ali na casa de Labão ele era tratado como um filho, não precisava comprar comida nem pagar aluguel. Então pensou numa forma de pagamento bastante original, da qual falaremos no próximo capítulo.

JACÓ FAZ UM TRATO COM LABÃO

Acho que já demos bastante tempo pro Jacó pensar, né? Pois o bicho pensou bastante. Labão tinha duas filhas: Léia e Raquel. Algumas traduções da Bíblia dizem que Léia tinha os olhos ternos, outras que os tinha enfermos, outras ainda se referem aos olhos de Léia como "sem brilho". Vamos falar a verdade: Era vesga, zarolha, olhava o peixe e fritava o gato, a pobre da moça. Em compensação, sua irmã Raquel era bonita e gostosa ("formosa de porte e de semblante", mas é sempre bom atualizar as coisas). Jacó, é claro, estava apaixonado por Raquel, e se saiu com essa:

— Tio, vou trabalhar para você por sete anos, e o único pagamento que quero em troca é a mão de sua filha Raquel.

— Ué, que que você vai fazer com a mão da menina, Jacó?

— Ah, tio, piada velha não! Cê entendeu: quero me casar com Raquel.

Os olhos de Labão brilharam. Ia ter um empregado trabalhando de graça por sete anos, e no fim ainda ia casar a filha com um sobrinho rico. Sua irmã, Rebeca, já fazia parte daquela família. Se Raquel entrasse nessa também, quando Isaque morrese boa parte de sua gorda herança seria da família dele, Labão. Mas é claro que ele não ia deixar transparecer sua alegria com a proposta de Jacó:

— Hum... Casar com minha filha? Sei não... Bom, melhor entregar minha filha a você do que a outro vagabundo. Digo, a qualquer vagabundo. Beleza, negócio fechado.

E assim Jacó trabalhou de graça por sete anos para poder casar-se com Raquel, e esse tempo todo passou como se fossem poucos dias, de tanto que ele a amava. Cumpridos os sete anos, Jacó foi falar com Labão:

— Tio, já trabalhei o tempo estipulado, agora falta o senhor honrar sua parte no contrato.

— Beleza, Jacó! Beleza!

Mas Labão ficara mal acostumado. Os lucros que obtivera com um jovem robusto trabalhando com entusiasmo sem pagamento algum eram bastante atraentes. E ele pensava em ter em sua família uma fatia maior ainda da herança de Isaque. Então chamou todos os homens do lugar e preparou um banquete. Todo mundo comeu e bebeu até cair pelos cantos. No fim da tarde, adivinhem o que Labão fez? Exatamente: entregou Léia a Jacó, aproveitando-se da bebedeira do sobrinho. Jacó levou Léia para sua tenda e mandou ver, claro. Deve ter gritado "Raquel, Raquel!" a noite toda, e a vesguinha lá, firme. De manhã, com uma ressaca desgraçada, Jacó olhou para o lado e levou um susto ao ver Léia olhando para ele. Ou melhor, olhando para o outro lado da tenda. Bom, vocês entenderam. Ficou puto, claro, quem não ficaria? Foi correndo falar com Labão.

— Ô, seu velho filho-da-puta! Que porra é essa? Então eu trabalho sete anos de graça para você, só para poder me casar com Raquel, e você me entrega a Léia? Tá querendo morrer?

Mas Labão era macaco velho:

— Jacó, Jacó, não é nada disso. Aqui na nossa terra o costume é casar a filha mais velha primeiro, então eu não podia casar Raquel antes de Léia.

— Porra, você teve sete anos para arrumar um marido pra vesguinha!

— E você acha que eu não tentei, Jacó? Ninguém quis a menina, tenha piedade! Vamos fazer o seguinte: Você cumpre a semana das bodas com Léia, e depois pode se casar com Raquel, desde que trabalhe para mim os próximos sete anos.

Jacó quis matar o tio ali mesmo. Mas era um homem apaixonado, coitado, e aceitou a sacanagem toda só para poder casar-se com a mulher que amava. E dessa vez Labão cumpriu a palavra (não era nem louco de não cumprir, se aprontasse mais o sobrinho lhe comia o fígado): depois da semana das bodas, entregou Raquel como esposa a Jacó, que em troca trabalhou mais sete anos para ele. E, claro, amou Raquel

muito mais do que Léia. Isso é que é amor, né não? O cara trabalhou catorze anos pela mulher! E a gente com preguiça até de mandar umas flores...

OS FILHOS (E A FILHA!) DE JACÓ

Pois bem, onde estávamos? Ah, sim: Jacó casou-se com suas duas primas, Léia e Raquel, esta por amor, aquela por pilantragem de seu tio — e agora sogro — Labão. Ia me esquecendo de dizer que cada uma delas levou consigo uma serva: Léia levou Zilpa e Raquel levou Bila. Essas duas serão importantes na história que segue.

Até então Jacó vivera sua vidinha, e deus não interferia em nada, só lançara mão de uns efeitos especiais para impressionar o cara. Como já vimos, Jacó amava Raquel, e só se casou com Léia também por força das circunstâncias. Mas deus não gostou desse negócio e resolveu meter o nariz onde jamais fora chamado, tornando Léia fértil e Raquel estéril, para que Jacó passasse a amar também a primeira esposa. E Léia pegou a parir um atrás do outro: primeiro foi Ruben (que significa *eis um filho*), porque comemorou seu nascimento dizendo: "Arrá! Deus me ouviu, agora o Jacó vai passar a me amar". Parece que não, porque quando nasceu o segundo rebento, ela disse "Deus viu que eu era desprezada, e me deu mais este" e chamou-o Simeão (*deus ouviu*). Mas Jacó continuou com aquele xamego com Raquel, e quando nasceu o terceiro moleque, Léia o chamou de Levi (*unido*), dizendo: "Agora vai, porra! Jacó vai se unir a mim!". Nada mudou, e o quarto menino foi chamado de Judá (*louvor*), porque ainda esperava que o marido lhe desse atenção: "Dessa vez eu vou louvar ao senhor, será o Benedito?".

Além de ter que conviver com esta mulher à qual não amava (mas que comia com certa freqüência, pelo visto), Jacó tinha também que administrar o gênio ruim da esposa amada, Raquel, que um dia veio falar com ele:

— Jacó! Se for pra eu não ter nenhum filho, eu prefiro morrer!

Jacó, claro, ficou muito puto:

— Porra, Raquel! Minha parte eu estou fazendo, e muito bem! Se você não engravida, isso é problema seu com deus, tenho nada com isso não!

Relevando esse negócio de "minha-parte-eu-faço-muito-bem" (homem sempre se engana quando o assunto é desempenho sexual, todo mundo já sabia disso naquela época), Raquel propôs que Jacó dormisse com Bila, sua serva, para que ela parisse sobre os joelhos dela. Sim, é isso mesmo que vocês leram: Bila ia ter o filho sobre os joelhos de Raquel. Bem pior que o tal juramento com a mão sob a coxa, né não? Mas

era uma forma de simbolizar que a criança nascida naquele momento não pertencia legalmente à mulher que lhe dera à luz, mas sim à outra, que a recebera nos joelhos. Puta negócio desagradável, que poderia ser perfeitamente contornado com um simples contrato de adoção.

Mas quem sou eu para criticar a cultura alheia? O fato é que Jacó mandou o bilau na Bila (argh!) e ela ficou grávida. Esse primeiro filho de Raquel foi chamado Dã. Não, Dã não significa *retardado*! Significa *fazer justiça*, porque Raquel disse: "Deus me julgou, viu que minha irmã era mesmo uma mocréia, e me deu um filho". Nosso amigo Jacó começou a gostar desse negócio de variar as parceiras: mandou ver com Bila de novo e a guria embuchou mais uma vez. Raquel disse "Tô lutando feito uma condenada com a minha irmã, mas tô ganhando!" e chamou o filho de Naftali, que quer dizer *lutando*. Não sei qual é a relação com a naftalina. A luta contra as baratas, talvez... Bom, não vem ao caso. O que nos interessa é que Léia viu que estava perdendo mais terreno ainda — se é que tinha algum para perder — e entregou a Jacó sua serva Zilpa para que ele a engravidasse, para depois ela dar à luz sobre os joelhos dela, aquele mesmo lenga-lenga. "Ôpa, é pra já", disse Jacó, e não perdeu tempo: Zilpa ficou grávida e Léia disse "Que sorte, puta que pariu!" e chamou o filho de Gade (*boa sorte*). Jacó se deu bem com Zilpa também, tanto que ela teve outro filho, que Léia chamou de Aser (*feliz*), pela óbvia alegria que mais este filho lhe causou. Depois de tanto pular de cama em cama, Jacó ficou meio prejudicado. Qualquer uma das quatro vinha com muito nhenhenhém, e ele logo dava um jeito de escapar, inventava uma desculpa qualquer, dizia que estava cansado, essas coisas. Pois então: um dia Rúben, o primogênito, saiu para o campo e trouxe umas mandrágoras para Léia. Ora, as mandrágoras eram consideradas afrodisíacas, e Raquel veio logo falar com Léia:

— Léia, me dá essas mandrágoras aí.

— Ah, sua piranha! Acha pouco ter me tomado o marido, agora quer também as mandrágoras do meu filho?

— Marido? Faz-me rir! Jacó anda broxa que só ele! Vamos fazer o seguinte: você me dá essas mandrágoras e pode dormir com ele esta noite.

O trato foi feito, e no fim da tarde, quando Jacó vinha voltando do campo, Léia foi ao seu encontro, toda serelepe. Olhou-o bem nos olhos (ou seja, olhou para algum ponto à direita do ombro de Jacó, tadinha da vesguinha) e disse:

— Jacó, hoje você não escapa: vai dormir comigo, porque eu te aluguei por esta noite.

A primeira reação dele, claro, foi tentar inventar logo uma desculpa. Mas aquela coisa toda das mandrágoras era muito parecida com a história do guisado de lentilhas. Se ele não aceitasse a negociação feita entre suas duas mulheres, corria o risco de mais tarde ouvir alguma delas questionando a forma como obtivera seus privilégios de filho mais velho. Então foi e deitou-se com Léia. Esta engravidou, é claro, e deu ao seu quinto filho o nome de Issacar (*presente*), porque considerou que era um presente de deus por ela ter mostrado desprendimento ao entregar Zilpa a Jacó. E ainda teve mais um filho e chamou o pequerrucho de Zebulom, que significa *eita nome feio da porra*. Brincadeira. Zebulom quer dizer *morada* porque ela achou que agora, com seis filhos, Jacó ia finalmente morar com ela. Depois ela ainda teve uma filha, mas como o nascimento de uma menina não era motivo pra comemoração naquele tempo, ela não disse nada e apenas pôs na garota o nome de Diná (*julgada*). Só a essa altura deus se lembrou de Raquel e resolveu que era hora de ela ter um filho também. Raquel engravidou e teve um menino a quem chamou José (*aquele que acrescenta*), porque pensou, aliviada: "Puxa, finalmente deus se lembrou de mim! Tomara que ele me acrescente outro agora".

Recapitulando: além de Diná, que não era levada em conta pelos padrões da época e do local, os filhos de Jacó até agora são Ruben, Simeão, Levi, Judá, Dã, Naftali, Gade, Aser, Issacar, Zebulom e José. Ainda falta um para completar as famosas Doze Tribos de Israel. Mas isso é mais para a frente, por enquanto guardem apenas o nome de José (não é difícil, podem chamá-lo de Zé). Esse cara ainda vai ser importante na nossa história.

O SALÁRIO DE JACÓ

Jacó agora já parou com esse negócio de Florentina, Florentina, Florentina de Jesus... Peraí, que que eu tô falando? Ah, comecei a escrever escutando a música. De novo: Jacó agora já parou com esse negócio de fazer filhos. Ao menos por enquanto. A preocupação dele: já trabalhara 14 anos para conquistar o direito de se casar com a mulher que amava. Agora era hora de sumir da casa do tio/sogro explorador, Labão.

— Lobão?

ESCUTA AQUI! De uma vez por todas: não é Lobão, nem Lambão, nem LaBamba. O nome do cara é Labão! Entendeu??? **LABÃO!**

Como eu ia dizendo, Jacó estava cansado do abuso, e foi falar com Labão:

— Tio, vim aqui pra me despedir. Vou voltar pra minha terra. Não fique bravo, deixe-me ir, você sabe o quanto trabalhei para você.

— Mas Jacó! Que que é isso, rapaz? Pelamordedeus, se você gosta mesmo do seu velho tio, fica aqui comigo. Você é um filho para mim! Além do mais, depois que você começou a trabalhar aqui, meus rebanhos têm se multiplicado muito, a ponto de alguns mais maldosos chegarem a insinuar que você anda cobrindo minhas cabras e ovelhas...

— COMO É QUE É???

— Hum... Bem.. Cê sabe... Tantos filhos, quatro mulheres... O povo fala, entende? Mas esquece isso, é tudo maledicência dessa gente invejosa. O que eu quero mesmo é te pedir para ficar aqui comigo.

— Tio, o pouco que você tinha agora é muito, tudo pelo meu trabalho. Estou trabalhando há catorze anos para você, tendo em troca apenas a mão de suas duas filhas, sendo que uma eu nem queria. Já não sou mais moleque, tenho onze filhos (e uma filha!) para sustentar, preciso receber alguma coisa pelo meu trabalho.

— Ah, mas isso é fácil de resolver! Olha, eu tenho uma sobrinha que...

— Não, tio, porra! Se liga! Não quero mais mulher pra me aporrinhar o juízo, já me bastam Raquel e Léia, que herdaram o seu sangue ruim.

— Tá bom, tá bom... Fala aí quanto você quer ganhar.

— Quero dinheiro não.

— Não quer dinheiro?

— Não.

— Tô entendendo mais porra nenhuma.

— Te conheço, tio. Se eu te pedir pagamento em dinheiro eu sei que você vai dar um jeito de me roubar.

— E vice-versa...

— Pois é, e vice-versa. Então, como somos dois ladrões, vamos fazer de um jeito que um não possa roubar o outro: Vou passar pelo seu rebanho separando todas os animais que sejam salpicados, manchados, malhados, xadrezes...

— Peraí, nunca vi cabra xadrez.

— Só para o caso. Como eu dizia, vou separar essas ovelhas e cabras do seu rebanho, e esse será o meu salário, bem como todos os animais que nascerem salpicados, manchados...

— ... malhados, xadrezes, estampados, listrados, com bolinhas...

— Isso aí. Então não tem como eu te roubar: se você olhar para o meu rebanho e vir qualquer bicho branco, pode me prender por roubo.

— E vice-versa ao contrário.

— Isso aí.

— Aceito sua proposta, me parece muito boa. Você é um cara inteligente, Jacó. Você vai longe!

Mas Labão, como já estamos cansados de saber, era um grande filho-da-puta: Naquele mesmo dia resolveu antecipar parte da herança dos filhos. De que forma? Entregou a eles os animais de seu rebanho que tinham as características especificadas por Jacó para seu pagamento. Grande jogada: deixando para os cuidados de Jacó apenas animais brancos ele reduzia em muito as expectativas do sobrinho/genro, uma vez que um bode branco cruzado com uma cabra branca tinha pequenas possibilidades de gerar uma cria manchada, ou salpicada, ou etc. etc. etc. Feita a malandragem, para se garantir, mudou suas tendas para um lugar que ficava a três dias de caminhada de onde Jacó ficaria cuidando do rebanho do tio. No dia seguinte Jacó acordou animado e foi logo para o rebanho para começar a selecionar seus animais. Imaginem a cara do coitado quando viu aquele rebanho todo branquinho... Ficou com raiva, claro, mas também era malandro e sabia reconhecer um golpe de mestre.

— Bom, dei uma de otário, beleza. Agora é correr atrás.

Utilizando-se de seus vastos conhecimentos de engenharia genética, inventou um jeito de forçar os animais a parirem filhotes crioulinhos. Agora, imaginem quão toscos eram os conhecimentos de engenharia genética naqueles tempos... Pois é. Havia uma crença segundo a qual colocar à vista dos animais que estivessem cruzando um objeto de determinada cor podia fazer com que os filhotes nascessem daquela cor. Até hoje fala-se disso às vezes, aí pelo interior e tal. Então: Jacó pegou umas varas e começou a descascar tiras delas, de forma que ficavam listradas. Botou essas varas nos bebedouros do rebanho, que era onde os animais iam beber (obviamente) e comer (no segundo sentido). Assim, os animais cruzavam olhando para as varas listradas e as fêmeas pariam filhotes listrados, malhados, aquela coisa toda.

Depois de um tempo, quando o rebanho já contava com um bom número de crioulinhos, ele fazia suas cabras e ovelhas ficarem na frente dos animais brancos que estivessem cruzando, causando assim o nascimento de mais animais para si. E Jacó não se contentava apenas com isso: milênios antes de Darwin, ele já sabia que casais fortes gerariam filhotes fortes e casais fracos gerariam filhotes fracos. Então quando via animais fracos cruzando, não colocava as varas listradas em sua frente, nem os fazia olhar para seu rebanho. Assim os animais fortes eram de Jacó e os fracos eram de Labão. Com tanta esperteza, além de dar um chapéu no tio, Jacó enriqueceu muito, teve grandes rebanhos, servos, servas, camelos e jumentos. E ainda tinha a herança de Isaque para receber, não vamos nos esquecer disso. O enriquecimento de Jacó, como era de se esperar, causou ciúmes a Labão e seus filhos. Mas falaremos disso outro dia.

JACÓ RESOLVE VOLTAR PRA CASA

Onde é que eu estava? Ah, lembrei. Então, como era de se esperar, o sucesso de Jacó começou a causar ciúmes nos filhos de Labão. Pra falar a verdade, o próprio Labão andava meio ressentido com ele. Tentou de tudo: quando viu que a maior parte do rebanho de Jacó era de animais malhados, determinou que o salário dele a partir de então seriam os animais salpicados. Adivinhem? As fêmeas começaram a parir só filhotes salpicados. Aí Labão mudou: agora Jacó ficaria com os listrados, e só os listrados. E claro que começaram a nascer só listrados rebanho. E assim por diante: Labão toda hora mudava o salário de Jacó para prejudicá-lo, mas o cabra era sortudo que só a peste.

Jacó ainda tentou contornar a situação botando adesivos nas cabras e ovelhas: "A inveja é uma merda", "Não me inveje porque não sou rico, apenas trabalho", "Se sua estrela não brilha, não tente apagar a minha", "A inveja é a arma dos incompetentes" e assim por diante. Não adiantou nada, então ele resolveu que já era hora de voltar pra casa do pai. Deus, sempre intrometido, veio falar com ele:

— Jacó! Volta para a casa do teu pai e eu estarei contigo!

— Ué, quem é você?

— Deus, porra. Javé, Senhor dos Exércitos, essa parada toda. Não lembra de mim?

— Hum... Não.

— O deus de Abraão e de Isaque, Jacó!

— Sei, sei... Não me é estranho...

— De Betel, Jacó, prestenção!

— Ah! O cara da escada?

— Esse.

— Efeitozinho especial mais sem-vergonha aquele, hein?

— Não vem ao caso. Estou falando que é pra você voltar pra casa do teu pai!

— Tá, tá, isso eu já tinha decidido. Eu, hein...

— Ah, é? Hum... Então tá. Vai lá. Vou nessa.

— Falou, té mais. Vê se aparece mais.

Pois é, com ou sem ordem divina, Jacó já estava decidido a partir, e chamou Léia e Raquel para conversar.

— Meninas, estou vendo que o pai e os irmãos de vocês já não vão muito com a minha cara. Eu enriqueci, apesar de toda a sacanagem do pai de vocês, sem querer ofender.

— Tudo bem, Jacó — disse Raquel —, a família dele é bem filha-da-puta mesmo. Pra você ter uma idéia, aquela irmã dele aprontou umas que...

— Ôpa, ôpa, peraí! A irmã dele é minha mãe! Pega leve, Raquel. Bom, o caso é esse, Labão tentou me foder de todo jeito, mas eu me dei bem apesar disso. Agora tenho que agüentar esses porras me enchendo o saco. Então decidi ir embora, voltar pra casa do meu pai. O que vocês acham?

— Ah, Jacó! Nosso pai nos vendeu, como se fôssemos escravas. Estamos com você, vamos embora.

Então Jacó juntou a molecada, os empregados, os rebanhos e a tralha toda para iniciar viagem. Mas, ah, as mulheres... Aproveitando que Labão tinha saído para tosquiar as ovelhas, Raquel entrou na tenda dele e roubou os ídolos que encontrou por lá. Voltou toda esbaforida para junto de Jacó, que só esperava por ela para começar a viagem, sem que Labão soubesse de sua partida. Quando Labão voltou e ficou sabendo que Jacó tinha ido embora sem dizer nada, ficou muito puto. E mais puto ainda ficou quando percebeu que seus ídolos haviam sumido. Rapidinho juntou um pessoal e no dia seguinte partiu no encalço do genro, alcançando o na montanha de Gileade.

— *Gilliard?*

Não começa...

Jacó havia acampado por lá e Labão armou suas tendas ali por perto também. Já acomodado, foi falar com Jacó.

— Ô, Jacó, que porra é essa? Então você sai, leva minhas filhas como que seqüestradas, não deixa eu me despedir dos meus netos... Custava nada me avisar, a gente fazia uma festa de despedida, ia ser bem mais bonito! Mas tudo bem, queria ir embora, estava com saudade do seu pai, entendo isso. Mas uma coisa eu não entendi: Você é rico, por que roubou os meus deuses?

— Labão, saí escondido porque tinha medo que você não deixasse suas filhas virem comigo. Quanto aos seus deuses, pode revistar tudo aí: se achar com alguém qualquer coisa que lhe pertença, essa pessoa será executada.

Labão não se fez de rogado: revirou a tenda de Jacó, das duas servas, de Léia e de Raquel, sem encontrar nada.

— Ô, Chicoteia, cê tá falando bosta. Não foi a Raquel que roubou os ídolos? Como é que o cara não achou nada na tenda dela?

Calma, porra! O negócio é que Raquel era malandra e tinha escondido as estatuetas na sela do camelo e sentado em cima. Se doeu? Ora, vá perguntar pra ela! O quê? Se Labão não teve a idéia de procurar nos camelos também? Claro que teve! Mas quando foi revistar o camelo de Raquel, ela se saiu com essa:

— Pai, desculpa eu não me levantar pro senhor revistar o camelo, mas é que eu estou menstruada, sabe como é. Ainda não inventaram o modess e...

— Tá, Raquel, já entendi. Xapralá. Confio em você.

Besta, esse Labão. Mas o negócio é que ele não achou nada, deixando Jacó fulo da vida:

— Labão, que foi que eu te fiz para você me perseguir tanto? Pra que tanto ódio? Você saiu pelo meu acampamento apalpando aqui e ali, só faltou olhar dentro do cu dos camelos. Agora mostra aí o que você encontrou! Vai, mostra na minha frente e na frente do seu pessoal, pra gente julgar quem é que tá errado. Porra, trabalhei vinte anos para você. Nesse período, suas cabras e ovelhas nunca abortaram e eu nunca comi nenhum dos carneiros, nem mesmo no mau sentido. Se algum carneiro era despedaçado por animais selvagens, eu nem trazia pra você ver, pagava por ele. Você me fazia pagar cada animal furtado, fosse de dia ou de noite. Desse jeito eu não conseguia dormir, e passava os dias me fodendo debaixo de sol e as noites tomando no rabo por causa da geada.

Vinte anos sem ganhar um tostão: catorze anos pelas tuas filhas e seis anos pelo rebanho, sendo que você mudava meu salário quando bem entendia. Porra, Labão, tá certo que você é meu tio, mas eu tenho que falar um negócio: Vai se foder!

Labão coçou a cabeça, pensou bem e viu que Jacó, claro, estava com a razão.

— É, Jacó, tá certo. Te sacaneei que só a porra. Vamos fazer um pacto de não-agressão, beleza?

— Hum... Beleza. Vamos erigir uma coluna de pedras aqui. A partir de hoje, nem você passa da coluna pra cá, nem eu passo da coluna pra lá. Assim a gente nem tem mais como brigar.

E assim fizeram. Pronta a coluna, Labão disse:

— Taí, Jacó. Se você fizer algum mal às minhas filhas, ou se arrumar outras mulheres, embora eu não esteja por perto, deus será testemunha. Assim também prometo não passar dessa coluna para lá, em nome do deus de Abraão e de Naor, meu pai.

— Ué, agora cê passou pro lado do deus da minha família?

— Claro, porra, meus deuses foram pro saco!

— Ah, é verdade. Então, tá certo. Também juro pelo deus de Abraão e de Isaque que não vou passar dessa coluna aí para o seu lado.

— Tá certo. Bom, tá tudo acertado, vamos comer alguma coisa.

— Ôpa!

Jacó mandou preparar a comida e todos comeram e beberam. Labão e o pessoal dele passaram a noite na montanha. Na manhã seguinte, Labão se levantou cedo, beijou as filhas e os netos e voltou para sua terra. E Jacó continuou sua viagem, já pensando em como seria o reencontro com Esaú. Mas isso, claro, fica para o próximo capítulo.

JACÓ ENVIA MENSAGEIROS A ESAÚ

Jacó, como vocês já devem ter percebido, não era besta: não ia aparecer na frente de Esaú na maior cara-de-pau. Então resolveu enviar mesangeiros ao irmão mais velho, para que dissessem o seguinte:

— Esaú! Que beleza de homem que você está, que olhos, que cabelos, que tórax, que bíceps! Olha, Esaú, temos uma mensagem do teu servo, Jacó. Ele diz que morou com Labão, tio de vocês, esse tempo todo, e trabalhando para ele, enriqueceu. Então ele envia esta mensagem ao senhor, que ele considera como patrão dele, que é para o senhor ficar contente. Ele diz também que vem ao seu encontro, com toda a humildade.

Pois bem, os mensageiros foram dar esse recado a Esaú e voltaram com a resposta:

— Jacó, falamos com Esaú e ele diz que também está vindo te encontrar.

— Ora, mas que beleza!

— É, e com ele estão vindo quatrocentos homens, tudo com sangue nos zóio.

— Epa...

Se Jacó ficou com medo? Se borrou todo! Imaginem, se ele já temia o irmão, que era bem maior que ele, imagine então o medo que sentiu ao saber que Esaú vinha com quatrocentos homens! Certo de que Esaú e seu bando vinham para acabar com tudo, repartiu o povo que andava com ele, assim como os rebanhos, em dois bandos.

— Bom, que Esaú vem pra botar pra foder, disso não tenho dúvida. Mas ele vai destruir um bando e o outro se salva, e espero que seja o meu.

Em momentos assim, a gente sempre busca ajuda onde pode, e por isso Jacó resolveu lembrar-se de deus:

— Ô, deus! Lembra de mim, né? Então. O senhor me prometeu um monte de coisa, que ia me acompanhar pelo meu caminho, que eu seria pai de uma grande nação e tal e coisa. Mas tá vendo agora? Esaú vem aí, e tá com uma raiva danada. Ô, deus, vê aí se me protege, porque tá foda o negócio. Não deixa Esaú me matar não, nem as minhas mulheres ou os meus filhos.

Esse negócio de pedir proteção a deus foi só por garantia. Jacó era um cara prático e sabia que tinha que fazer alguma coisa, e não ficar fiando-se na ajdua divina. Por isso, para amolecer o coração do irmão, reservou para ele um presentinho: duzentas cabras e vinte bodes, duzentas ovelhas e vinte carneiros, trinta camelas de leite com suas crias, quarenta vacas e dez touros, vinte jumentas e dez jumentinhos, trinta Audis e duas Mercedes. Entregou cada manada a um servo e deu ordem a eles que fossem na frente, deixando espaço entre as manadas. Assim, o primeiro que encontrasse Esaú diria:

— Esaú, este é um presente do seu servo Jacó, que vem vindo aí atrás.

Certamente Esaú pensaria "O desgraçado pensa que pode me comprar com duzentas cabras e vinte bodes?". Aí o segundo servo apareceria com a outra manada e contaria a mesma história, que já aplacaria um pouco a ira de Esaú: "Hum... Duzentas ovelhas, vinte carneiros. Já dá um bom rebanho. Talvez eu mate só o Jacó e deixe a família dele em paz". Ao receber o terceiro presente, Esaú já estaria se contentando em não matar Jacó, só cortar-lhe as pernas e os braços e furar-lhe os olhos. "Isso porque eu sou seu irmão e não te quero mal, hein?". Resumindo, o plano de Jacó era esse: água mole em pedra dura etcetera etcetera. Quando Esaú visse os Audis e as Mercedes pensaria "Porra, o moleque virou o Silvio Santos! Ah, aquilo tudo foi bobagem de criança, vou deixar pra lá". Era isso, pelo menos, que Jacó esperava. Se foi isso que aconteceu? Ah, esperem pelos próximos capítulos!

JACÓ SE ISOLA

Post curtinho.

Naquela mesma noite, Jacó se levantou, acordou as duas mulheres com suas servas e os onze filhos.

— Aê, macacada, é hora. Levanta todo mundo, que vocês vão viajar. Eu fico por aqui.

Depois que todos acordaram, Jacó os levou até o rio Jaboque e os fez atravessar o rio. Feito isso, voltou para onde estava dizendo que precisava treinar.

Treinar? Ué treinar pra quê? Vocês logo saberão...

JACÓ LUTA COM DEUS

— Muito bem, amigos da Rede Canaã. Interrompemos este blog para transmitir ao vivo com exclusividade, diretamente do Vale do Rio Jaboque, a Luta do Século, entre...

— Gabriel?

— Aqui ao meu lado o nosso comentarista, Arcanjo Miguel. Pode dizer, Miguel.

— É só uma curiosidade que eu tenho: Por que toda luta é chamada de "Luta do Século"?

— Sei lá, Miguel, deve ser para vender anúncio. Mas esta eu posso te garantir que é a Luta do Século, do Milênio, de Todos os Tempos! É pena não terem inventado ainda a televisão para o pessoal de casa poder ver este combate que promete ser sangrento, mas mesmo pelo rádio será emocionante!

— Hum... Gabriel?

— Que foi agora?

— Ainda não inventaram o rádio também.

— Não?

— Não.

— Que que esses caras inventaram até agora?

— Deixa eu ver... A roda. O arado. A escrita. Acho que é isso.

— Porra, tão de brincadeira! Então vamos ter que gravar a transmissão desta luta emocionante para a posteridade?

— Também não. Não existe gravador ainda, esqueceu?

— Ah, cê tá querendo me boicotar. Bom, vamos transmitir a luta, quem puder que ouça. Está bom agora?

— Perfeito.

— Muito bem. Pois bem, meus amigos, estamos aqui para transmitir a luta pela qual todos esperavam. Já no ringue, com um metro e setenta e dois, pesando setenta quilos, o safado, o sem-vergonha, o desonesto, o canalha Jacó, o Usurpador! Estamos esperando a entrada da grande estrela desta noite, campeão absoluto... Ôpa, lá vem ele. A platéia delira. De altura e peso desconhecidos, o Senhor dos Exércitos, o Rei das Nações, o Soberano da Terra, o Criador de Todas as Coisas, o...

— *Porra, Gabriel, pára de puxar meu saco! Coisa desagradável...*

— Perdão, senhor. Bom, adentrando agora o ringue, Jeová, o Todo-Poderoso! O público não se agüenta! Aplausos ensurdecedores! Duas moças já desmaiaram de emoção! Ele é o ídolo das multidões!

— *Ídolo é o cacete, Gabriel! Eu sou é deus, porra!*

— Perdaõ de novo, senhor. Muito bem, o juiz está dando as instruções. Vamos ouví-lo.

— Muito bem, aqui vale tudo, desde golpe baixo até puxar o elástico da cueca do adversário. Mas devo adverti-los que não será aceita a utilização de superpoderes de qualquer espécie, sendo imediatamente desclassificado o lutador que apelar para eles. Isso vale para o senhor, Jeová. Fingir que foi atingido por superpoderes também não vale, está ouvindo, senhor Jacó? Não quero saber de malandragem. Entendido?

— Entendido é teu pai.

— Perguntei se os dois compreenderam...

— Ah, entendi sim.

— Eu também.

— Muito bem, meus amigos, soou o gongo. Os adversários se estudam. Nota-se que há respeito de ambas as partes. Olha lá, Jacó tomou a iniciativa do combate, tentando um *jab* de esquerda, do qual Jeová se esquiva com facilidade. Aproveitandose da guarda baixa do adversário, Jeová aplica um cruzado de direita no queixo de Jacó. Uh, doeu até em mim. Mas Jacó parece não sentir e passa uma rasteira no Todo-Poderoso. Jeová caiu! Mas olha só, ele mesmo caído conseguiu aplicar um rabo-de-arraia em Jacó. Por essa ele não esperava! É emocionante meus amigos! E este foi o primeiro assalto.

— Peraí, Gabriel, não ouvi o gongo.

— Não, Miguel, foi o primeiro assalto, acabam de levar meu relógio. Ô, situação calamitosa... Bom, de volta à luta: Jacó parece estar aprontando alguma. Está com a mão direita nas costas, o que será. EPA! EU NÃO ACREDITO NOS MEUS PRÓPRIOS OLHOS, MEUS AMIGOS! JACÓ ACABA DE JOGAR UMA TORTA NA CARA DE JEOVÁ!!!

— Gabriel, esta é a primeira vez que ocorre algo assim numa luta de nível internacional.

— É verdade, Miguel. A única coisa que eu já vi parecida com isso foi naquela luta entre Jeová e Lúcifer, quando o Canho botou uma tachinha no banco em que Jeová se sentaria no fim do primeiro assalto. Jeová ganhou aquela luta, mas passou meses sentando de ladinho. E agora está puto da vida com o golpe inesperado de Jacó. Olha lá, Jeová está fazendo alguma coisa... Ah, é o velho golpe da distração! Ele está apontando para alguma coisa atrás de Jacó. Não acredito que ele vá cair nessa. Ah, não! Jacó olhou e Jeová aplicou-lhe um telefone com as mãos em concha nos ouvidos.

Ui, isso dói! Jacó está visivelmente atordoado e Jeová aproveita para tentar um fura-olho estilo Três Patetas. Mas Jacó conhece o golpe e se protege colocando o lado da mão sobre o nariz. Que reflexos, meus amigos! Que combate emocionante! Jacó já se recuperou e prepara um novo golpe. Mas Jeová foi mais rápido e deu um beliscão no braço de Jacó, chamando-o de bobo, feio e cabeça de melão! O campeão está ousado hoje! Mas não é só ele, vejam só! Jacó acaba de aplicar um peteleco no nariz do Todo-Poderoso! E outro! E mais outro! Jeová está irritado, o que só faz com que ele perca a concentração. Jacó aplica um joelhaço no saco de Jeová! Pode ser o fim da luta!

— Gabriel, deus tem saco?

— Deve ter, porque está encurvado e arfando feito um cachorro asmático. Jacó não vai perder essa oportunidade. Pronto, Jacó aplica um mata-leão no adversário. Deve ser o final do combate, meus amigos, que emocionante!

— Gabriel...

— Que foi?

— Tem uma luzinha saindo do dedo de Jeová, tá vendo ali?

— É verdade, Miguel! Parece que Jeová está querendo quebrar as regras. O dedo dele está brilhando, parece o ET! O que será que ele vai fazer? Ele está encostando o dedo na coxa de Jacó, na junta do quadril! Jacó urra de dor! Tenta se levantar, mas a perna não se move! Abre o microfone do ringue, vamos ouvir o que o juiz tem a dizer sobre isso.

— *Senhor Jeová, eu avisei. O senhor usou superpoderes e está desclassificado. O vencedor da luta é Jacó.*

— *Juiz?*

— *Sim, Jeová?*

— *Quer ir para o inferno, quer?*

— *E O VENCEDOR É... JEOVÁAAAAAAAAAAAA!*

— *Assim que eu gosto. Me manda o prêmio via Sedex, que eu preciso ir porque já está amanhecendo. Tchau*

— Meus amigos, é inacreditável o que vimos aqui hoje! Jeová trapaceou na cara dura, e mesmo assim manteve o título!

— E que papo foi esse de voltar pra casa porque já está amanhecendo?

— Sei lá, Miguel. Será que o Todo-Poderoso ia virar abóbora?

— *Ouvi isso, Gabriel! Espera só até você voltar pra cá!*

— Ahan... E é isso, amantes do esporte, Jeová é confirmado mais uma vez como campeão inconteste do Universo! Jacó parece estar se recuperando lentamente, e já consegui ficar em pé. Encerramos por aqui nossa transmissão e voltamos à programação normal. Boa noite, ou melhor, bom dia a todos.

QUE PORRA FOI ESSA?

Cazzo, entraram no meu blog pra narrar luta. Tá, é verdade que Jacó lutou com deus, mas não lembro desse leriado todo não... Jacó ficou sozinho lá perto do rio. Aí veio um homem e lutou com ele quase até o nascer do sol. Quando viu que Jacó estava levando a melhor, tocou na juntura da coxa dele, deslocando o nervo, e disse:

— Porra, me deixa ir embora que já está amanhecendo.

— Deixo nada, rapaz! Só se você me abençoar. Tô numa situação desgraçada, tô apelando até pra benzedura.

— Qual é o seu nome?

— Jacó.

— Ah! É que tá escuro, acho que vim brigar com o cara errado... Bom, a partir de hoje seu nome será Israel.

— E eu te autorizei a mudar meu nome, cabra safado?

— Eu faço o que quero.

— Ôpa, conheço essa voz. Qual o seu nome?

— Não interessa. Quer que eu te abençoe? Tá bom, sê bento. Pronto, tchau.

O homem foi embora. Jacó percebeu que estivera lutando com deus e chamou aquele lugar de Peniel. Bom, *el*, como vocês já devem ter percebido, é *deus* em hebraico. Então isso quer dizer que Peniel significa *pênis de deus*??? Não, seus hereges! Significa *rosto de deus*, porque Jacó esteve cara-a-cara com o hômi. Ah, e Israel significa *aquele que luta com deus*.

O REENCONTRO DE ESAÚ E JACÓ

— Não percam hoje, após o *Domingo Legal*, Silvio Santos apresentando *Casa dos Artistas 2*. Quem será que vai deixar a Casa hoje? Não percam! Pois bem, chegou a hora do quadro que todo mundo espera, aquele momento em que várias pessoas, íntimas ou não do convidado, levam o pobre coitado às lágrimas, ao absoluto constrangimento, ou ambos. Nosso convidado de hoje é um rapaz que tem uma linda história de vida. Ainda adolescente, saiu fugido de casa, com medo da vingança do irmão. Hoje, vinte anos depois, ele está rico. Mas não foi fácil. Pode entrar, Jacó!

[aplausos]

— Boa tarde, Jacó.

— Boa tarde, Gugu.

— Quem são essas pessoas aí?

— Bom, essas duas são Bila e Zilpa, servas das minhas esposas, e seus filhos, Dã, Naftali, Gade e Aser. Gade, tira o dedo da boca. Atrás deles, vem Léia, minha primeira mulher, com os filhos que tive com ela, Ruben, Simeão, Levi, Issacar e Zebulom.

— Zebulom, Jacó? Que nome é esse?

— Sei lá, Gugu, ela que escolheu, eu não discuto essas coisas. Ah, e tem também a menina, como é o nome dela? Diná. E ali atrás está minha querida Raquel, com nosso filhinho José. Ela é meio tímida, repare não.

— Que bonito, Jacó. Mas por que você enfileirou todo mundo assim? Se Raquel é o amor da sua vida, porque ela não está aqui na frente com você, apesar da timidez?

— Ah, Gugu, não sou bobo não! Meu irmão Esaú está para aparecer, então... Peraí, deixa eu falar baixinho... Então eu organizei assim, comigo na frente. Se Esaú vier pra matar a gente, me mata primeiro, depois as servas e seus filhos, depois Léia e as crianças, e só depois vai chegar até Raquel e José. Assim minha esposa e meu filho preferido têm mais chances de escapar. Entendeu?

— Mas tu é safo mesmo, Jacó. Eu tenho mais perguntas para fazer a você, mas antes eu quero falar aos telespectadores sobre Kid Vibrator do Gugu®. Se você anda desconfiado do seu filhinho, se ele se tranca no quarto por horas a fio com os amiguinhos, se ele brinca de boneca, para que reprimir um menino que dá tantas mostras de ser perobo mesmo? Dê a ele o Kid Vibrator do Gugu® e faça a vida do seu filho muito mais feliz e cor-de-rosa. Pois então, Jacó, recentemente aconteceu aí uma

luta e seu oponente mudou seu nome. Mas você continua usando o nome antigo, Jacó. Por quê?

— Veja bem, Gugu, eu...

— Espera, espera! A produção tá me dizendo que tem um VT com ele aí. Pode soltar o VT!

DEUS — *Pois é, Israel. Tá lembrado de mim? Sou eu, Israel! Jeová! Que bela luta aquela nossa, hein? Nunca vou me esquecer. Você não é fraco não, admito que não foi fácil derrotá-lo. Você é bom, rapaz, tem futuro. Só fiquei chateado com um negócio: Escolhi um nome tão bonito pra você, mas você insiste em continuar se chamando Jacó. Puxa, Israel, que que eu te fiz? Bom, mas tá tudo bem, um abraço para você, te garanto que ainda vou fazer de você uma grande nação.*

[aplausos]

— E aí, Jacó, cê quer explicar essa história?

— Puxa, eu quase que não reconhecia o cara. O velho Jeová... Pois é, Gugu, você deve ter visto a luta, o cara roubou na cara dura. Tô mancando até agora, e meu quadril dói quando o tempo está úmido. Além de tudo ainda quer mudar meu nome? Ah, peraí, e a trabalheira de mudar toda a documentação? Ele que vá mudar o nome das negas dele, comigo não!

— Mas ele vai fazer de você uma grande nação!

— Esse é outro negócio que me irrita. É "grande nação" pra cá, "grande nação" pra lá... Porra, deus, vira o disco! Cê já falava isso para o meu avô Abraão, depois para o meu pai, e até agora eu não vi nada!

— Pô, Jacó, mas você enriqueceu, subiu na vida. O VT que vamos mostrar agora é de uma pessoa que diz que te ajudou muito para que você chegasse aonde chegou. Sabe de quem eu estou falando?

— Não faço idéia.

— Então roda VT!

LABÃO — *Ê, Jacó! Esse meu sobrinho é demais! Chegou aqui sem nada, corrido de casa, assustado feito um coelho. Dei emprego pra ele, ensinei uma profissão, dei condições ideais de trabalho, vale-refeição, assistência médica e odontológica, férias uma vez por ano, décimo-terceiro... E ainda deixei o danado se casar com minhas filhas, já que ele queria tanto! Achei que foi um pouco de ingratidão ele*

ter ido embora, mas entendo. A juventude é assim, impulsiva. Mas sei que onde quer que ele vá sempre carregará com ele tudo o que aprendeu aqui comigo, e mais importante, todo o amor que dispensei a ele. Jacó, meu querido, uma abraço do seu tio e sogro!

[aplausos. Gugu está com os olhos vermelhos]

— Jacó, apesar de tanto sofrimento na vida, cenas como essa fazem tudo valer a pena, não é?

— O que que faz valer a pena? O papo furado desse velho semvergonha? Ah, Gugu, faça-me o favor. Esse maldito fodeu minha vida, me fez trabalhar pra ele durante vinte anos, acabou com minha juventude, e agora vem com historinha. Labão, vai à merda!

— Eu devo lembrar, Jacó, que estamos transmitindo em TV aberta para todo o Brasil no horário vespertino, e que sua linguagem é inadequada.

— Inadequada, é? E o que você acha adequado? Essas putas balançando o rabo na frente das câmeras é adequado?

— Arran... Continuando. Outro VT pra você, Jacó.

REBECA — *Jacó, meu filhinho! Eu e papai estamos morrendo de saudades! Vê se acerta logo as coisas com seu irmão e volta pra casa! Mamãe te ama. Beijo no coração!*

[aplausos. Uma lágrima furtiva se insinua no olhar do apresentador]

— Ah, Jacó, pode confessar: Esse seu coraçãozinho de pedra está começando a amolecer...

— Amolecendo está é o seu cérebro. Tá, ela é minha mãe, mas se eu não tivesse acatado as idéias dela não teria me fodido tanto na vida. Esse negócio todo de enganar meu pai e meu irmão, e depois ainda ir morar com Labão, foi tudo idéia dela. Ô, mãe, não vou xingar a senhora por respeito. Mas que puta sacanagem que a senhora me aprontou!

— Jacó, você é um homem amargurado.

— Amargurado meu ovo! Vai você dormir no meio dos bodes pra ver se não fica amargurado também.

— Hum... Bom, outro VT. Pode soltar, produção.

ISAQUE — *Oi, filho. Estou com saudades. Você foi embora há tanto tempo! Esaú sumiu também, foi morar noutras terras. Sua mãe só vive reclamando. Eu sei que sou só um velho cego e fraco, mas como eu queria a família toda reunida outra vez! Vê se volta pra casa, filho. Não guardo mágoas de você. Você sabe que eu sempre quis seu bem. Você abusou ao se aproveitar do amor do seu pai para levar vantagem, mas isso tudo foi há muito tempo. Volta, filho. Um beijo do papai.*

[aplausos emocionados. Jacó não consegue conter o choro]

— Ufa, finalmente! Pensei que você não fosse...

— Cala a boca, biba! Cê queria o quê, porra? É meu pai! Meu pai, que eu tanto fiz sofrer, como se ele já não tivesse sofrido na vida. Eu tenho raiva de deus pelas coisas que me fez passar, mas troço muito pior ele fez com meu pai. Quando ele ainda era uma criança, deus pediu ao meu avô, Abraão, que ofertasse meu pai em sacrifício. Meu avô, com sua fé cega e sua faca amolada, foi correndo obedecer. O sacrifício foi impedido em cima da hora, mas meu pai carregou esse trauma para sempre.

— Que história triste, Jacó. Não sabia disso. Conta mais.

— Conto nada! Leia a bíblia! Ou pelo menos leia a versão do *Jesus, me chicoteia!*

— Ok, ok... Mas, Jacó, deixamos a surpresa melhor para o final. Tem alguém aí nos bastidores que veio para reencontrar você. Sabe quem é?

— Não faço a mínima.

— Uma pista: Ele não está sozinho, com ele estão quatrocentos homens.

— AI, CARAIDIASA, É O ESAÚ! Rápido, cambada, em fila, do jeito que combinamos. Ai, putaquepariu!

— Calma, Jacó, calma. Pode entrar, Esaú! Deixa seus amigos aí fora!

[Esaú entra e levanta Jacó, que tinha ficado de pernas bambas. Esaú abraça e beija o irmão. Todo mundo chora]

— Ah, meu irmãozinho, que saudades! Quem são essas pessoas que estão com você?

— São minhas esposas, senhor, e os filhos que tive com elas.

[As esposas, as servas e a molecada chegam mais perto e Esaú abraça e beija um por um]

— Tá, Jacó, vamos largar desse negócio de "senhor". Sou teu irmão, porra! E o que eram aqueles rebanhos todos que você me mandou?

— Ah, uns presentinhos, pra ver se você consegue me perdoar.

— Queisso, Jacó! Tenho bastante, sou rico também, não preciso! Além do mais, não guardo rancor. Pode pegar tudo de volta.

— Não, faço questão. Por favor, Esaú, aceita o meu presente.

— Tá bom, vai. Ê, moleque! Tava se cagando de medo, hein?

— É, um pouquim...

— Imagino.

— Mas também, Esaú, cê vem com quatrocentos homens!

— Ah, esses aí? Porra, estávamos indo assistir a sua luta, mas não deu tempo. Muito longe. Mas ficamos sabendo da roubalheira.

— Não se pode ganhar todas.

— É isso aí.

— Pessoal de casa, vejam que cena emocionante! Os dois irmãos se encontram depois de tantos anos! Que coisa linda! Que maravilha! Que...

— Calaboca, bicha deslumbrada! Jacó, vamos voltar pra casa? Eu vou indo na frente com meu bando, você vem seguindo. O pai vai ficar doidinho de alegria.

— Esaú, acho que não consigo te acompanhar não. Você está só com homens adultos, eu estou com essas crianças e vários animais ainda filhotes. Se eu for andando no seu ritmo, logo logo o rebanho todo morre e os moleques se cansam. Não quero te atrapalhar, então vai indo, que eu sigo andando no passo da molecada. Não tenho pressa mesmo.

— Boa desculpa. Cê não consegue me acompanhar mas é por causa desse seu andar deixa-que-eu-chuto. Tá bom, manquitola. Estou indo, então. Vou dar a boa notícia aos velhos. Vê se vem logo, tá? Tchau.

— Tchau, meu irmão.

[Esaú sai. Gugu vai falar com Jacó]

— Jacó, o Silvio está chamando a gente lá do outro estúdio, quer falar com você. Fala, Silvio!

— Ha-haaaaaaaaai! Boa noite, Gugu.

— Boa noite.

— Boa noite, minhas amigas de casa, minhas colegas de trabalho. Boa noite, Jacó.

— Boa noite, Silvio.

— Jacó, você é de onde?

— Canaã, Silvio.

— Ah, um cananeu! Tem caravana de Canaã no auditório hoje? Ha-haaaaaaaaai! Jacó, você sabe que eu sou judeu, não é?

— Sei sim. E daí?

— Como assim, "e daí"? Isso quer dizer que eu sou descendente do seu filho Judá. Em outras palavras, sou do povo de Israel.

— Xi... Então esse nome vai pegar?

— Sim senhor, vai se acostumando. Mas eu estava aqui assistindo e me emocionei com a sua história. Eu sei que você é rico, mas vou te dar um prêmio, porque achei que você merece.

— Ai, ai, ai... Deixa eu adivinhar: Carnê do Baú?

— Não, Jacó, que coisa! Ha-haaaaaaaaai! Você acaba de ganhar um terreno no valor de cem peças de prata em Siquém, Canaã, para armar suas tendas e ficar vivendo por lá, perto dos seus pais e do seu irmão!

— Puxa, Silvio, muito obrigado! Não sei como agradecer!

— Não precisa agradecer não. Apenas trate bem dos seus filhos, se não eu nunca vou existir.

— Meio confuso isso aí...

— É, eu sei. Gugu, acho que está na hora.

— Está na hora, Silvio. Amigos de casa, vocês agora ficam com *Casa dos Artistas 2*. Quem será que vai sair da Casa hoje? Eu fico por aqui. Até semana que cem com mais um programa *Domingo Legal*!

[A Técnica esquece o microfone aberto, e ainda dá para ouvir Jacó falando]

— Viadão sem-vergonha...

DINÁ É DEFLORADA: A VINGANÇA DOS FILHOS DE JACÓ

— Na edição de ontem do *Mesopotâmia Urgente*, falamos do homem que está enriquecendo no Egito graças às cheias do Nilo. Hoje veremos como muitas outras pessoas aproveitaram a idéia e... Esperem, acaba de chegar uma notícia às minhas mãos. Parece que houve uma chacina em Canaã. Aconteceu na cidade de Siquém, onde está nosso correspondente para trazer maiores detalhes.

— Não foi bem uma chacina, seria melhor qualificar o que aconteceu como genocídio. A cidade está destruída e deserta. Apenas um homem foi encontrado no meio dos escombros. Estava bêbado e falando coisas incoerentes. Depois de tomar uma ducha fria e um café forte, acabou confessando à polícia que participou do saque da cidade, ajudando os filhos de seu patrão, um nômade rico chamado Jacó, que morava aqui já havia alguns anos, em um terreno cedido pelo apresentador e empresário Senor Abravanel. Estamos com ele aqui. Para resguardá-lo, sua identidade será mantida em segredo. Você pode nos contar o que aconteceu?

— Peraí, esse negócio de identidade em segredo. Vocês não vão colocar aqueles quadradinhos na minha cara e me deixar com voz de pato?

— Sinto muito, estamos ao vivo e não dá pra fazer isso. Mas posso te garantir que essa máscara de Tiazinha e o prendedor de roupa no nariz são suficientes. Por favor, conte sua história.

— Então, rapaz... Meu patrão, Seu Jacó, tem uma filha muito bonita, chamada Diná. Os irmãos dela são muito ciumentos, não deixavam a menina sair de jeito nenhum. Mas você sabe como são as moças nessa idade, aquele fogo na periquita, então um dia, deve fazer uma semana, ela saiu escondida pra ir conhecer a cidade.

— A família do seu patrão não morava na cidade?

— Não, a gente morava em tendas. Mania da família do Seu Jacó, acho que eles gostam de acampar, sei lá. Pois então, a menina foi conhecer a cidade e o príncipe de lá, Siquém, acho que ficou apaixonado pela menina e levou ela pra casa.

— Siquém? O cara tem o mesmo nome da cidade?

— É, não sei se o pai dele botou esse nome na cidade por causa do filho ou se foi o contrário.

— O pai dele era o manda-chuva por aqui, então.

— Isso mesmo. Hamor era o nome dele. Um senhor muito distinto. E Siquém também era um rapaz muito decente. Mas você não conheceu a Diná, a menina era linda demais. Todo mundo tinha vontade, mas Siquém foi e fez. A menina chegou virgem à cidade, e duas horas depois já não era mais. A história se espalhou, Seu Jacó acabou sabendo e contou pros filhos o que tinha acontecido. Ah, os meninos ficaram muito putos com a história toda e a gente logo percebeu que isso não ia acabar bem. E não adiantou nada Hamor ir falar com o patrão.

— Ah, então ele chegou a ir falar com a família da moça?

— Ôpa, foi sim. Ele e o filho. Foram lá para pedir a menina em casamento. Muito honrado da parte deles, eu achei. Hamor falou pro meu patrão que Siquém estava apaixonado pela filha dele, que não falava noutra coisa e queria casar com ela. Propôs que passassem a conviver, e ele daria a mão das filhas aos filhos do patrão, e nós poderíamos viver na terra deles. Mas o mais bonito foi o menino falando, o Siquém. Tava quase chorando. Disse que Diná era a razão da vida dele e que eles podiam pedir o que quisessem e ele daria, pedindo em troca apenas que deixassem ele ser feliz com a menina. Foi bonito, muito bonito mesmo.

— Mas então, por que tudo não se resolveu?

— Ah, você não conhece os meninos... Inventaram que não podiam deixar a irmã se casar com um homem incircunciso, que seria uma vergonha e coisa e tal. Disseram que só aceitariam a proposta deles se eles e todos os homens da cidade fossem circincidados.

— Circuncidados? Que é isso?

— Ah, um costume da família desde os tempos do velho Abraão, avô do chefe. Eles cortam a pele do... Do... Como é que eu vou dizer?

— Do pinto?!?

— É, isso aí. Todo menino que nasce eles cortam a pele do pinto, e todo empregado que vem trabalhar aqui com eles tem que fazer a mesma coisa.

— Negócio esquisito...

— Também acho, mas eles dizem que foi ordem de um deus aí deles. Eu acho é que esse deus falou o negócio só de sacanagem e o velho acatou. O que importa é que o costume pegou, e os meninos se saíram com essa para cima dos caras de Siquém. Hamor e o filho acharam que não tinha nada demais, foram até a porta da cidade deles e chamaram todos os homens para comunicar a circuncisão geral. Não sei se eles gostaram muito da idéia, eu não gostaria, mas cê sabe como é, ordens do rei, que é que cê vai fazer? Além do mais, fiquei sabendo que Hamor explicou tudo direitinho para eles, que se cortassem a pele do pinto o príncipe da cidade ia se casar com a filha do ricaço, e todo mundo saía ganhando. Bom, só sei que todo mundo foi circuncidado naquele dia.

— Peraí, conseguiram passar a navalha no pinto de todos os homens da cidade num só dia?

— Ah, a cidade era pequena... Para você ter uma idéia, nosso acampamento tinha bem mais habitantes que a cidade, contando os servos todos. A única diferença é que eles viviam num lugar fixo, em casas de pedra, e a gente nessas merdas de tendas cheias de goteira, tendo que cagar no mato, sem água encanada, sem luz elétrica.

— Certo. Mas ainda não entendi: Como é que cortar o pinto levou a tamanha tragédia? Infecção hopistalar?

— Não, você ainda não entendeu o que os filhos do patrão estavam planejando. Tudo isso aconteceu há três dias. Na noite de ontem, aproveitando que todos os homens da cidade estavam meio prejudicados por causa da operação, Simeão e Levi, os mais velhos, convocaram a gente pra invadir a cidade. Chegamos à noite e entramos sem problemas. A ordem era para matar todos os homens, e a gente não era doido de desobedecer. Dava dó de ver aqueles marmanjos tentando correr. Acabou que matamos todos eles.

— Hamor e Siquém também?

— Também, coitados. Esses os meninos fizeram questão de matar pessoalmente, e pelo menos sou feliz por não ter presenciado a cena.

— E por que você ficou por aqui?

— Então... Depois que todos já tinham morrido, os outros irmãos vieram para saquear a cidade. Levaram as mulheres e crianças para o acampamento, roubaram os animais e tudo o que havia nas casas. Terminado todo o serviço, eu e mais uns três colegas encontramos vários odres de vinho numa casa e começamos a beber. Não me lembro de mais nada. Hoje de manhã os colegas tinham sumido e tinha polícia pra todo lado. Foi isso.

— Você sabia que Jacó e seus filhos assassinos fugiram durante a madrugada?

— Não tava sabendo não. É assim a vida, a gente trabalha tantos anos pro cara e quando precisa...

— É, rapaz, infelizmente você se deu mal. Obrigado pela entrevista. Guardas, podem levar. Pois é, meus amigos. Uma tragédia nunca vista aconteceu por aqui e os culpados estão desaparecidos. Vamos esperar que ao menos dessa vez a justiça seja feita. E que alguém explique direito esse negócio de cortar o pinto, que eu nunca vi coisa tão estapafúrdia na minha vida.

JACÓ VOLTA PARA BETEL

Ora, ora, ora! Este blog já estava descambando para a pornografia, meus amigos! Onde ficam a moral, os bons costumes, a tradição, a família, a propriedade? Foi só meter televisão no meio que já virou putaria. Voltemos a bíblia, seus ímpios. Penitenciem-se!

Pois bem, o que foi que aconteceu com Jacó e sua alegre patota? Os filhos acabaram com uma cidade, e o bando todo precisava sumir do mapa, e rapidinho. Foi quando deus (sim, deus, ele ainda é personagem da história) veio falar com Jacó.

— Israel!

— Porra, me chama de Jacó. Não gosto desse nome.

— Jacó, Israel, Zé Mané, te chamo do jeito que eu bem entender. Eu sou é deus, tu tá pensando o quê?

— Tá, tá. Fala, véio.

— Véio é o diabo que te carregue! É o seguinte: Teus filhos aprontaram feio dessa vez e vocês têm que tratar de sair daqui.

— Disso eu já tô sabendo, oras! Se é pra vir me falar o óbvio, melhor nem vir.

— Deixa eu terminar, cabra sem-vergonha! Você vai pegar todo esse povo aí e vai pegar o caminho para Betel, que foi onde eu te apareci quando cê tava fugindo do seu irmão. E lá você vai erguer um altar para mim.

— Ah, tá! Vou simplesmente levantar, dizer "Ô, cambada, simbora pra Betel" e meter o pé na estrada?

— É isso aí.

— Porra, deus, numfode! Os caras das cidades vizinhas de Siquém estão doidinhos pra pegar a gente. Como é que eu vou passar pelas terras deles, hein, sabichão?

— Confia em mim uma vez na vida. Ninguém vai te fazer nada, eu não vou deixar.

Jacó não acreditou muito nessa história. Mas ficar por ali também não era boa idéia, então achou melhor confiar. E para que deus não tivesse um de seus arroubos de *prima donna* ciumenta e fulminasse a todos, Jacó pediu a sua família e aos servos que trouxessem a ele todos os deuses que tinham.

— E tratem de trazer tudo mesmo! A partir de hoje, todo mundo aqui vai ter um deus só!

Todos trouxeram seus ídolos e Jacó os escondeu (os ídolos, porra) no oco de um carvalho [*"No oco de um carvalho"... Fala isso rápido. Mais rápido. Fica engraçado. "No oco de um carvalho"*]. Feito isso, pegaram a estrada, e a bíblia diz que "O terror de Deus foi sobre as cidades que estavam ao redor deles, e não seguiram após os filhos de Jacó". Em outras palavras, deus soltou uma bufa e ninguém teve a manha de sair de casa. Jacó e os seus chegaram sem maiores problemas a Betel, onde ele construiu o altar que deus solicitara, e chamou o lugar de El-Betel que, como vocês sabem, significa *O deus de Betel*. Débora, ama de Raquel, morreu por ali e foi sepultada debaixo de um carvalho que eles chamaram de Alom-Bacute (*O carvalho de pranto*). E deus apareceu novamente a Jacó.

— Israel!

— Israel de cu é rola, deus! Meu nome é Jacó!

— Peraí, rapaz! Cê é muito encanado com esse negócio de nome... Então, eu ia dizendo: Quero que você tenha muitos filhos...

— Já tenho.

— Ah, é verdade. Então. Mas é bom que você tenha mesmo muitos filhos, porque farei de você uma...

— ... Grande nação, e da minha descendência sairão reis, meus descendentes serão em maior número que as estrelas do céu e os grãos de areia da praia, e darás a eles a terra prometida a Abraão e Isaque. Tô sabendo do leriado todo. Mais alguma coisa?

— Hum... Deixa eu ver aqui no meu palm, peraí... Filhos... Grande nação... Reis... Estrelas, grãos de areia... Terra prometida... Abraão, Isaque... Luana Piovani...

— COMO?

— Ahan... Nada não. Misturei as coisas aqui. Bom, era só isso que eu tinha pra dizer. Tchau.

— Até mais.

Já sabedor das manias esquisitas de deus, Jacó ergueu ali uma coluna de pedra em louvor a ele e voltou para o acampamento.

VÁRIAS COISAS ACONTECEM EM MEIO CAPÍTULO

A bíblia tem coisas estranhas. Há histórias que caberiam em dois parágrafos e ocupam capítulos inteiros. Por outro lado, temos trechos como essa segunda metade do capítulo 35 do Gênesis, em que várias acontecimentos da maior importância são contados em poucas linhas. Pela ordem:

1. Jacó e seu povo saíram de Betel em direção a Hebrom, onde Isaque morava. Faltando um pouco para chegarem a Efrata, Raquel entrou em trabalho de parto. O parto foi complicado, e Raquel morreu pouco depois do nascimento do menino. Antes de morrer ela ainda teve tempo de dizer que o nome do moleque seria Benoni, que significa *Filho da minha dor*. Mas Jacó era um filho da puta mesmo e não respeitou nem o último desejo da mulher que amava: rebatizou o filho como Benjamim, *Filho de boa sorte*. Boa sorte pra ele, porque a coitada da Raquel... Bom, Raquel foi enterrada no caminho de Efrata, e Jacó erigiu uma coluna ali. Acho que o túmulo de Raquel está lá até hoje. Ah, e mais tarde Efrata teve seu nome mudado para Belém, a cidade onde Jesus nasceu.

2. Ruben, o filho mais velho de Jacó, resolveu dar uns futucos em Bila, mãe de dois de seus irmãos. Jacó ficou sabendo, mas parece que não fez nada. Depois de Abraão e Isaque, alguém precisava manter a tradição chifruda da família.

3. Finalmente Jacó chegou a Hebrom para juntar-se aos pais e ao irmão Esaú. Isaque, nosso anti-herói autêntico (Jacó é só mais um pilantra) morreu aos 180 anos de

idade e, assim como ele e Ismael passaram a vida toda separados e se juntaram para sepultar Abraão, foi sepultado por Esaú e Jacó.

OS DESCENDENTES DE ESAÚ

Eu não falei? O capítulo 36 trata exclusivamente dos descendentes de Esaú, aquela coisa chata de Fulano gerou Sicrano que gerou Beltrano que habitou a Casa do Caralho. A única coisa que precisamos saber de todo o capítulo é que Esaú pegou tudo o que tinha e se mudou de Canaã, porque ele e Jacó possuiam bens e a terra ficou pequena demais para os dois. O lugar para onde ele se mudou veio a tornar-se o reino de Edom que, lembremo-nos, era o outro nome de Esaú.

JOSÉ, A BICHINHA SONHADORA

Desde Lot que a gente não conta nenhuma história de bichinha, né? Então chegou a hora. Com um diferencial importante: Lot foi apenas coadjuvante das aventuras do titio Abraão (E ficava pensando: "Esse corno velho recebe todas as lantejoulas, sendo que eu sou muito mais *cool* que ele. Morra!"), enquanto José será nosso protagonista daqui até o final do Gênesis.

Pois bem, José era uma bichinha alegre de 17 anos de idade. Sendo ainda jovem, andava com os filhos de Bila (Dã e Naftali) e de Zilpa (Gade e Aser). Os irmãos tinham raiva dele, não por ser viadinho, mas por ser dedo-duro.

— Naftali, batendo punheta de novo? Vou contar pro pápi!

— Conta, viado. Conta, que eu falo pra ele que você vive suspirando pelo tio Esaú e chamando ele de "ursão".

— Ui, Náfi, quanto veneno! Tava brincando, cruz-credo!

Pra aumentar ainda mais o ódio dos irmãos, José era o preferido de Israel [*nota: a partir daqui o texto passa a tratar o cara ora como Jacó, ora como Israel*]. Não por alguma qualidade que tivesse, mas por ser o primeiro filho de sua falecida esposa Raquel, a mulher que ele amara de verdade. Atendendo aos pedidos insistentes do filho, Israel fez para ele uma túnica toda colorida e José foi correndo mostrar para os outros.

— Olha só o que pápi fez pra mim! Vejam que tecido, que cores! Quanto brilho, reparem nos detalhes de strass. E essas plumas, que ar-ra-so!

Por essas e outras a raiva dos irmãos crescia a cada dia. Não conseguiam falar com o moleque numa boa. Batiam nele, mas nem isso valia a pena, porque ele corria pra contar pro "pápi". E para foder tudo de vez, José resolveu dar para sonhador. Não, seus infames, não é nada disso que vocês estão pensando. Eu, hein? O que eu quero dizer é que José começou a ter uns sonhos cheios de significados. Podia muito bem guardar os sonhos para ele, mas a bichinha era meio burra e ia toda serelepe contar para os irmãos:

— Nossssssssssssssa, vocês não têm i-dé-ia do sonho que eu tive essa noite! Estávamos todos nós amarrando feixes no campo. Aí, olha que coisa mais esquisita, o meu feixe, que era muito mais lindo e vitaminado, todo cheio de paetês, ficava de pé, e os feixes de vocês rodeavam o meu e se inclinavam para ele, como se estivessem adorando ele! Olha que coisa doida! Que será que significa, gentem?

— Ô boiola... Cê tá querendo insinuar que nós vamos servir a você? Que você vai ser superior a nós?

— Ai, calma! Não sei de nada, tô só contando meu sonho! Afe...

Aí sonhou de novo na outra noite e veio contar, dessa vez para os irmãos e o pai.

— Ah, não. Vocês não vão a-cre-di-tar! Outro sonho esquisito, pode? Dessa vez estavam o sol, a lua e onze estrelinhas, todos se inclinando para mim. E eu estava lindo de morrer, com uma tiara deeeeeeeeeeste tamanho na testa, umas pulseiras enooooooooooooormes de ouro puro, uns...

— Queisso, Zezinho? — Repreendeu Jacó — Quer dizer que eu, sua mãe e seus irmãos vamos nos inclinar perante você? Não é muita pretensão sua não?

— Ai, pápi, tô só contando o sonho! Além do mais essa lambisgóia vesga não é minha mãe!

— Respeite Léia, que ela é vesga mas é a única que eu tenho. Bom, acho que é desnecessário dizer que esses sonhos acabaram de vez com a relação de José com seus irmãos. A raiva que eles sentiam da bichinha era tanta que tramaram um jeito de se livrarem dele. Mas essa história fica pra outra ocasião.

JOSÉ DESAPARECE

É isso aí, galera, vamos acelerar isso aqui que eu quero ver se até o fim da semana termino o Gênesis. Pois bem, um dia os filhos de Jacó foram apascentar os rebanhos do pai em Siquém. Cara-de-pau deles, já que eles haviam detonado a cidade, mas não vamos entrar nessa questão. O fato é que foram para lá. José, claro, não ia arriscar quebrar uma unha ou arranhar o joelho num negócio desses, então ficou em casa. Mas Jacó pediu que ele fosse até lá para trazer notícias dos irmãos, e lá foi a bichinha toda saltitante pela estrada que levava a Siquém. Já em Siquém, uma bicha velha viu aquela gazela feliz que vinha pela estrada e foi falar com José.

— Que que cê tá procurando, bi?

— Ai, mona! Meus irmãozinhos! Disseram que estavam aqui em Siquém mas já procurei por todo lado e não acho os meninos. Cê não viu eles por aí não? São uns meninos lindos, estavam com umas ovelhas.

— Afe, e não vi? Cada bofe, minha filha, nossa! Acho que foram para Dotã, ouvi eles falando que iam para lá.

— Ah, brigadinha. Vou pra lá, então.

O viadinho pegou a estrada para Dotã. Os irmãos, que de fato estavam por lá, o viram de longe (claro, com aquela túnica toda colorida) e começaram a conspirar contra ele.

— Olha, cambada, lá vem a libélula sonhadora. Sabe o que a gente podia fazer? Matar ele e jogar numa cova dessas por aí. Depois a gente diz que algum bicho feroz comeu a bicha, e vamos ver se ele volta a sonhar.

Mas Rúben, o mais velho, ouviu a conversa e não gostou nada daquilo. O irmão viado o irritava também mas, porra, era irmão!

— Calma, meus irmãos, pra que isso? Pra que matar nosso irmão? Por que a gente não joga ele numa cova dessas vivo mesmo? Não parece muita bondade, né?

Mas o plano de Rúben era jogar o moleque numa cova e, quando os outros saíssem, tirá-lo de lá e levá-lo de volta à casa do pai. Os outros gostaram da idéia e logo que ele chegou trataram logo de arrancar a túnica dele.

— Ai! Ui! Não façam isso! Minha túnica não! Ai, tão linda! Cuidado com o strass! Olha as plumas!

Mas os outros não se comoveram: Jogaram a pobre bichinha numa cova e foram almoçar. Enquanto comiam, viram surgir um bando na estrada. Era uma caravana de ismaelitas que vinha de Gileade

— *Gilliard?*

Porra, você de novo??? SAI DAQUI!

Ahan... Como eu dizia, a caravana vinha de GILEADE e levava especiarias para o Egito. Judá viu a caravana e teve uma idéia.

No fim do dia, Rúben voltou à cova para resgatar o irmão, esperando que com isso o moleque tivesse aprendido alguma coisa. Qual não foi sua surpresa ao constatar que José não estava mais lá. Ficou desesperado e rasgou as roupas. Não, seus hereges, não é viadagem: Era o costume da época e do lugar rasgar as vestes em sinal de luto. Rúben foi falar com os irmãos, desesperado:

— O moleque não está na cova! O que eu vou fazer?

Então eles mataram um cabrito, pegaram a túnica colorida de José e a tingiram com o sangue. Feito isso, mandaram a túnica para Jacó, com um recado dizendo que tinham encontrado a túnica e achavam que era de José. Jacó, claro, reconheceu a roupa que ele mesmo fizera.

— Meu filho! Meu filhinho foi despedaçado por algum animal!

Jacó rasgou suas vestes (em sinal de luto, lembrem-se) e lamentou a morte de José por muitos dias. Todo mundo tentava consolá-lo, mas ele não aceitava.

— Quero chorar até morrer, para encontrar meu filho no mundo dos mortos.

Que bicho foi esse que comeu José? Será que os dois se deram bem? Será que foram morar juntos? E existia união civil entre homossexuais naquela terra? Vocês saberão de tudo isso e muito mais no próximo capítulo.

O PARADEIRO DE JOSÉ

Estamos no meio do deserto. A caravana dos Ismaelitas continua sua viagem para o Egito. Dentro de uma jaula, choramingando, está nosso viadinho, José. De vez em quando ele fala com o bando:

— Pra onde vocês estão me levando, seus desalmados?

— Para o Egito, coisa fofa. Vamos ver se achamos alguma bicha velha por lá que se disponha a pagar um bom preço por você.

— Como vocês são cruéis!

— Nós? Cruéis são seus irmãos, que venderam você por vinte siclos de prata.

— Isso é coisa do Judá, aquele malvado.

— Pára de reclamar, bichinha. Canta uma música aí pra gente, que o caminho é longo e precisamos de distração.

José, que não resistia ao chamado do palco (mesmo o palco sendo uma jaula imunda), não se fez de rogado e emendou um medley de *I Will Survive*, *Macho Man* e *It's Raining Men*. Os aplausos entusiasmados dos ismaelitas comoveram seu coração, e ele ficou muito triste quando teve que se separar deles. Porque haviam chegado ao Egito e o capitão da guarda do faraó, um tal Potifar, gostou muuuuuuuuuuuuuuuito de José e pagou por ele o preço estipulado pelos comerciantes de especiarias.

Coisas in-crí-veis vão acontecer na casa de Potifar. Mas antes eu preciso contar a vocês a história de Judá e Tamar. Acho até que vou contar ainda hoje. Aguardem.

JUDÁ E TAMAR

Depois a gente vê o que acontece com o José no Egito. Por enquanto vamos contar uma história de Judá, irmão dele. Um dia, visitando um amigo chamado Hira, na terra de Adulão, Judá conheceu a filha de um cananeu. O nome da moça era Sua, então Judá deve ter pensado "Minha? Beleza!" e levou pra casa. Sua deu a Judá três filhos: Er, Onan e Selá

— *Sei lá?*

Porra, cê não vai parar com isso?

— *Olha quem fala, depois da piadinha infame com a Sua.*

O blog é meu e eu sou infame quando quiser. Agora suma daqui!

Pois então. Quando Er atingiu a maioridade, Judá escolheu uma mulher para ele, de nome Tamar.

— *Não vai fazer trocadilho com o nome dela?*

...

Mas deus não ia com a cara de Er. Não se sabe por quê. Ele devia usar bigodinho, ou deixar a unha do mindinho crescer, não sei. Só sei que deus não gostava do cara de jeito nenhum, tanto que um dia resolveu matar o danado. De acordo com os costumes de então, toda viúva deveria ter como primeira opção casar-se com um irmão de seu marido. Os filhos provenientes dessa união seriam considerados filhos do finado, garantindo assim sua descendência, mesmo morto. Ora, Onan sabia disso, e não gostava nada da idéia. Então quando ia pra cama (ou sei lá onde, acho que não existiam camas na época) com Tamar, fazia tudo direitinho, mas usava a velha técnica de gozar fora para não dar filhos ao irmão morto [*Arrá! Perceberam? Daí vem o termo* onanismo*, que nas origens, como podem ver, não tinha nada a ver com masturbação*]. Deus não gostou dessa história e resolveu matar Onan também. Judá, vendo que deus estava a fim de deixá-lo sem filhos, ficou com medo de deixar Selá casar-se com Tamar. E saiu-se com essa desculpa:

— Tamar, o Selá é muito novo ainda. Faz o seguinte: volta para a casa do seu pai e fica de luto por lá até que meu filho atinja a maioridade.

Muito bem, Tamar voltou para a casa do pai e Judá não se preocupou em honrar o trato. Só que um dia, precisando supervisionar seus tosquiadores de ovelha em Timna, chamou o velho amigo Hira e foram para aquela cidade, onde a família de Tamar morava. É claro que ela ficou sabendo. Tratou logo de tirar o luto, colocar um véu e ir postar-se no caminho por onde Judá passaria, porque sabia que Selá já era maior de idade mas mesmo assim Judá não aparecera para cumprir o prometido. Judá a viu de longe e pensou: "Mulher sozinha, de véu, parada no caminho... É puta!", e foi falar com ela.

— Oooooooi...

— Oooooooi!

— Tudo bem com você?

— Tudo.

— Sabia que você é linda?

— Ah, muito obrigada. São seus olhos. Além do mais, você nem tá vendo minha cara.

— Hum... Bom, então vamos direto ao ponto. Tá a fim de dar uma?

— O que você me dá?

— Te mando um cabrito do meu rebanho.

— Bom. Mas como eu vou saber que você vai mandar mesmo o cabrito? Preciso que você deixe alguma coisa como garantia.

— O que você quer?

— Deixa aí o seu sinete com o cordão e o seu cajado

[*Os homens andavam com um cilindro pendurado no pescoço, que tinha um símbolo gravado e era usado como carimbo*]

— Tá bom.

Concluída a negociação, fizeram o que tinham que fazer, e Tamar ficou grávida do sogro. Depois que ele foi embora, ela voltou para a casa e enlutou-se novamente.Chegando aonde estavam seus tosquiadores, Judá escolheu um cabrito dos melhores e pediu a Hira que levasse o animal para a prostituta de Timna. Hira foi para lá, mas não a encontrou, óbvio. Perguntou aqui e ali mas ninguém sabia de prostituta nenhuma. Judá achou estranho, mas como ela tinha ficado com seu sinete e seu cajado como garantia, deixou por isso mesmo. Afinal de contas, ele tentara entregar o cabrito, ela é que não aparecia.

Passados três meses, os fofoqueiros (essa raça sempre existiu) foram contar para Judá que sua nora, Tamar, tinha adulterado e estava grávida. Judá, bonzinho como sempre (não nos esqueçamos que foi dele a idéia de vender José), decidiu:

— Tragam ela para fora, para que seja queimada. O povo, doidinho por uma execução, foi correndo arrancar Tamar de sua casa. Ela saiu com o sinete e o cajado nas mãos, dizendo que o dono daqueles objetos era o pai de seu filho. Judá reconheceu seu sinete e disse:

— Deixa pra lá, cambada. Ela foi pilantra, mas mais pilantra sou eu, que não a dei em casamento ao meu filho.

Tamar não foi queimada e teve gêmeos, que se chamaram Perez e Zerá.

JOSÉ É PRESO

Oquêi, Oquêi! Babado forte agora no programa *Chiques, famosos, fúteis & vulgares*! Vocês devem se lembrar do José, mordomo de Potifar. Ele saiu na *Caras* mês passado, e até fizemos uma matéria com ele tempos atrás. Roda o VT da matéria com o José!

[José está ao lado da repórter e olha sorridente para a câmera, com uma sombra discreta para realçar os olhos e vestindo uma túnica muito mais colorida que aquela dada por Jacó e destruída pelos irmãos]

— Estamos aqui na mansão de Potifar, do chefe da guarda do Faraó. Ao meu lado está o hebreu José, que foi vendido como escravo e hoje administra a casa. José é uma das figuras atualmente mais requisitadas na sociedade egípcia, por sua grande cultura e bom gosto.

— Ai, menina, bondade a sua! Sou só um rapaz comum, que teve sorte de conhecer essa pessoa ma-ra-vi-lho-sa que é o Poti.

— Você gosta muito do seu protetor, não é?

— Ah, demais! E ele me a-do-ra também, sabia?

— Sei, sei. E a esposa dele não tem ciúmes?

— Imagina! Ela me adora! Quando eu cheguei isso aqui era um lugar todo cinzento, feioso. Ela me ajudou muito na decoração, e o resultado é esse que vocês estão vendo. Olha ela ali! Vem aqui, menina, deixa de ser tímida!

— Ah, Senhora Potifar, uma linda flor de nossa sociedade. Como é para a senhora a convivência com essa pessoa super popular que é o José?

— É muito boa! José é um amor, muito delicado mas muito másculo também. Olha esse rosto lindo, esses olhos. Esses braços, ai...

— Menina, assim você me deixa encabulado! Já pensou se o Poti vê um negócio desses?

— Que é isso, José? Potifar nem liga...

— Arram... Continuando a entrevista: José, parece que teremos uma rave ao ar livre em frente à Esfinge no próximo sábado e você vai ser o DJ.

— É isso mesmo! Vai ser tudo de bom, vai todo mundo pra lá, cês não vão se arrepender. Duas palavras: Se joga, mona!

— Foram três palavras

— Hein?

Pois é, essa foi a matéria com José. E hoje ficamos sabendo que ele está preso! O que terá acontecido? Nossa repórter está lá na peniteciária, parece que ela conseguiu uma entrevista exclusiva com José. É com você!

[Área de visitantes da cadeia. José veste roupas de prisioneiro, mas não parece muito abatido]

— Está aqui comigo o José, ex-administrador da casa do chefe da guarda, que foi preso em circunstâncias misteriosas. Ao que dizem, ele tentou abusar da esposa do patrão. Você quer nos contar sua versão dos fatos, José?

— Claro, claro... Aquelazinha vivia me importunando. Ficava pedindo pra eu ir dormir com ela, porque o marido dela, aquela mona, não tinha coragem de encarar a feiosa. E, olha bem pra mim, eu ia querer uma fubanga daquela? Nem morrrrrrrrrrrta! Mas a mocréia insistia, era todo dia tentando me agarrar pelos cantos, um inferno. No dia em que fui preso, eu tinha chegado da cidade e não havia ninguém em casa, só ela. Feliz da vida, ela me segurou pela capa e começou a insistir demais. Falei pra ela, 'Prefiro morrer de silicone inflamado' e saí correndo, deixando a capa na mão da maldita. Ela guardou minha capa e quando o patrão chegou em casa foi chorando falar pra ele que eu tinha tentado agarrá-la. Pode um negócio desses? O Potifar nem quis me ouvir, me mandou pra cadeia na mesma hora.

— Isso é muito triste José. Mas você até que está bem. Está gostando da vida na cadeia?

— Olha, não é que eu esteja gostando. Aqui eu não tenho meus sais de banho, não tenho minha esponja de estimação, meus livros todos, minhas roupinhas... Mas o carcereiro é um fofo, gosta muito de mim. Me deu até as chaves, acredita? Então eu estou aqui administrando o presídio, e já comecei até uma decoração. É meio pobre, sabe, porque não temos recursos. Mas as celas ficaram tão mais lindinhas com as cortinas nas janelas e as flores... Isso aqui está uma beleza, você não acha?

— Sem dúvida, José, sem dúvida. Mas nosso tempo acabou, precisamos voltar ao estúdio. Você tem algo mais a dizer?

— Tenho sim, só três palavrinhas: Você me paga, mocréia!

— Foram quatro.

— Hein?

Oquêi, Oquêi! Impressionante, não? Se isso for verdade, Potifar vai ficar muito mal falado por aí. Bom, mas não estou aqui para especular, eu aumento mas não invento. Obrigado pela audiência, voltamos amanhã com mais um programa *Chiques, famosos, fúteis & vulgares*.

JOSÉ INTERPRETA SONHOS NA CADEIA

Pois muito bem, José foi preso injustamente. Ora, todos já percebemos que ele não ia querer nada mesmo com a mulher de Potifar, ela que era é uma tarada. Mas paciência, o fato é que ele foi pro xadrez.

Tempos depois, o copeiro do Faraó deve ter servido um vinho ruim ao soberano, porque foi parar na cadeia juntamente com o padeiro, que deve ter mandado pão amanhecido para a mesa do rei do Egito. O carcereiro entregou os dois aos cuidados de José, como fazia com todos os presos.

— Fiquem sossegados, meus queridos, vou tratá-los muuuuuito bem.

Naquela mesma noite os presos recém-chegados tiveram cada um um sonho, e ficaram impressionados. Pela manhã, José veio visitá-los.

— U-hu! Meninos! Bom dia, flor do dia! Acordem, seus preguiçosos, trouxe café para vocês, não deixem esfriar. Noooooooossa, que caras são essas? Parece que viram assombração! Contem aqui pro José, estou aqui pra isso.

— Ah, Seu José — começou o copeiro — tive o sonho mais esquisito hoje.

— Sonho? Menino, que coincidência! Adoro interpretar sonhos! Vem, senta aqui do meu lado e me conta tudinho!

— Tá. Foi o seguinte. Tinha uma videira. Nessa videira, três ramos. Aí a videira dava uvas maduras. O copo do Faraó estava na minha mão, então eu espremia as uvas no copo e dava o vinho para o Faraó beber. O que significa isso, Seu José?

— Ah, bobinho, que sonho fácil de interpretar! Olha só: Os três ramos são três dias. Daqui a três dias você estará com o copo do Faraó na mão novamente, quer dizer, ele vai te readmitir como copeiro. Viu que simples?

— Puxa! Obrigado, Seu José.

— Não precisa agradecer. Só te peço uma coisinha de nada: Quando você estiver de novo trabalhando, fala com o Faraó sobre o meu caso. Conta pra ele que estou preso injustamente, para ele me tirar desse lugar hor-ro-ro-so.

— Pode deixar, Seu José! Se isso tudo for verdade mesmo, a primeira coisa que eu vou fazer vai ser falar do senhor.

Impressionado com a interpretação do sonho do colega, o padeiro animou-se a contar o seu também:

— Pois meu sonho tem a ver com trabalho também, Seu José, será que eu vou voltar pro palácio? Sonhei que eu carregava na cabeça três cestos de pão branco. No cesto mais alto estavam os melhores pães, mas vinham os corvos e comiam tudo.

— Ai, padeiro, é muito triste a interpretação do seu sonho! Pobre menino, pobre menino! Os três cestos também são três dias. Daqui a três dias o Faraó vai te mandar executar, e os corvos vão comer a sua carne.

— Porra, Seu José, que merda de interpretação!

— É verdade, padeiro, mas não posso fazer nada. Mas veja pelo lado bom!

— Que lado bom? O Faraó vai me mandar matar, qual o lado bom disso?

— Ué! Cê não vai precisar falar com ele sobre o meu caso, que eu fui preso injustamente e agora estou...

— Ah, vá se sentar num mastruço!

— Quem me dera, menino! Quem me dera...

O caso é que três dias depois era aniversário do Faraó. Ele resolveu fazer uma festa, mas não tinha um copeiro para servir o vinho, então mandou trazer de volta o copeiro que estava preso. Ele voltou todo feliz e serviu bastante vinho. Quando já estava bem manguaçado, o Faraó se lembrou do padeiro.

— Hum... O padeiro... Maldito padeiro! O que foi mesmo que ele me fez? Ah, foi coisa muito ruim. Guardas! Enforquem o padeiro!

— Mas seu Faraó...

— Mas é um cacete! Enforquem!

Assim as interpretações de José mostraram-se verdadeiras. E não precisamos dizer que o copeiro em momento nenhum se lembrou de falar com o Faraó sobre José, porque todos já conhecemos muito bem a magnitude da ingratidão humana.

JOSÉ INTERPRETA OS SONHOS DO FARAÓ

Dois anos se passaram. José tinha montado uma tenda na prisão, onde interpretava sonhos, jogava búzios, lia tarô e fazia amarração para o amor por módicas quantias. Não era exatamente o que ele queria, ainda sentia saudade dos tempos de glória na casa de Potifar. Mas pelo menos podia usar um turbante púrpura e um diadema E-NOR-ME na testa sem ninguém falar mal, e isso bastava. Já estava com trinta anos e não esperava que a situação mudasse. Mas mudou, e muito.

Um dia José estava deitado em seu catre, descansando um pouco depois do almoço, quando ouviu uma barulheira no corredor. Instantes depois o carcereiro estava na porta de sua cela, e com ele dois guardas do Faraó.

— José! José! Levanta, menino! O Faraó quer te ver!

— O Faraó quer me ver? Ora, me poupe! Brincadeira besta.

— É verdade, José! Parece que ele teve uns sonhos estranhos e nem os maiores sábios do Egito conseguem interpretar.

— Ué, e como ele ficou sabendo que euzinha interpreto sonhos?

— O copeiro se lembrou de você. Contou pra ele como você interpretou direitinho os sonhos aqui na prisão.

— Ah, copeiro desgraçado! Dois anos depois! Bom, deixa pra lá. Quando o Faraó deseja que eu vá até lá?

— Agora mesmo, José.

— AGORA? Ai, minha santa! Eu estou com umas olheiras horríveis, meu cabelo está um desastre, eu estou um trapo! Será que ele não pode deixar pra outro dia não? Eu passo o dia num salão de beleza e aí...

— José, tem que ser agora.

— Tá bom, tá bom! Credo! Deixa pelo menos eu botar uma roupinha, é rapidinho.

[Três horas e meia depois...]

— VAI LOGO, BICHA!

— Calma, seu guarda, calma! Já estou quase pronto! Só falta a echarpe, cadê minha echarpe, minha echarpe... Pronto, achei! Vamos!

No palácio, o Faraó já estava impaciente, andando de um lado para o outro.

— Enfim, chegaram! Por que a demora? Eu não falei que era assunto urgente?

— Falou, Faró, falou sim. E fomos correndo buscar o hebreu na prisão. Mas a bicha levou uma eternidade para se arrumar. E ainda tivemos que agüentar o viado empolgado cantando *"Egito, Egito-ê, Faraó-ó-ó-ó"* da banda Reflexus o caminho todo.

— Hum... Então é você o hebreu interpretador de sonhos?

— Às suas ordens, alteza.

— Poupe-me da viadagem. Vamos logo ao sonho: Eu estava em pé às margens do Nilo e vi subir do rio sete vacas gordas e saudáveis. Elas vieram e ficaram pastando entre os juncos. E então subiram do rio outras sete vacas. Mas estas eram magras e feias. Mas feias mesmo. Imagina o Costinha pulando corda. Imaginou? Pois eram piores. Nunca vi vacas tão feias em todo o Egito, e olha que eu conheço essa terra e suas vacas. Essas vacas horrendas e ossudas vieram e devoraram as sete vacas gordas. Engoliram de uma vez só. Mas depois de comer continuaram magras e horríveis do mesmo jeito. Acordei assustado, mas me dei conta que era só um sonho e voltei a dormir. E sonhei com um pé de trigo do qual brotavam sete espigas cheias e boas. Depois delas, brotaram sete espigas secas, mirradas e queimadas. E as espigas secas comeram as boas. Contei os sonhos aos magos do Egito e não houve quem os interpretasse. E você, hebreu, o que me diz?

— Alteza, isso é coisa muito séria! Os dois sonhos são uma coisa só, percebe? As sete vacas gordas e as sete espigas boas são sete anos, e as sete vacas magras e as sete espigas secas são outros sete anos. O Egito viverá sete anos de fartura. Vai ter comida pra todo mundo, uma festa. Mas depois desses sete anos teremos sete anos de fome, mas uma fome que nunca se viu na terra. Se o sonho foi duplicado, então é porque isso vai acontecer logo, os sete anos de fartura já estão começando.

— Hum... Faz sentido, hebreu. Sete anos de fartura, sete anos de fome. Os próximos sete anos serão uma beleza, mas espero não estar por aqui quando vier a fome.

— Vossa Alteza me permite um comentário?

— Pode falar, o que é?

— Eu se fosse Vossa Alteza nomearia alguém para ajudá-lo a administrar o Egito. Essa pessoa coordenaria a provisão de mantimentos durante os sete anos de fartura, armazenando parte das colheitas, para quando vierem os sete anos de fome. Para essa tarefa o senhor vai precisar de um homem de confiança, que tenha demonstrado capacidade de liderança e administração, que seja jovem e inteligente, que seja justo, bonito, sarado...

— Sua idéia é muita boa, hebreu. Excelente, para falar a verdade. Você é um cara inteligente, vai longe. É José o seu nome, não? Muito bem, José, muito bem. Agora só preciso pensar. Quem é que eu vou nomear para esse cargo tão importante...

José é nomeado governador do Egito

O Faraó pensou, pensou, chegou a uma conclusão e chamou seus conselheiros.

— E então? A idéia da bichinha é boa. Acho que não há ninguém melhor que ele para exercer esse cargo. E vocês, o que acham?

— O que achardes, Majestade.

— Como quiseres, Alteza.

— Sua opinião é a verdade, Soberano.

— Ora, vão puxar o saco das respectivas putas que lhes pariram! Não sei por que perco meu tempo perguntando as coisas a vocês. José!

— S-Sim, Alteza...

— Venha cá! Estou vendo que não há ninguém tão entendido quanto você em todo o Egito.

— Ah, não é pra me gabar, Alteza, mas de fato eu sou o maior entendido da região.

— Não nesse sentido, cáspita! Estou falando de sabedoria, esse negócio todo. Eu resolvi botar você como governador do Egito. Só eu estarei acima de você, e nada será feito sem o seu consentimento.

— Ai, Alteza... Não sei nem o que dizer... Eu... Eu... Ai, acho que vou des-fa-le...

— Vai desfalecer lá no inferno, fresco. Recomponha-se, você agora é governador da porra toda.

— Pois não, Alteza.

E assim José ganhou o maior dos poderes no Egito, abaixo apenas do Faraó. O soberano entregou seu anel sinete a José, de forma que a assinatura dele valesse tanto quanto a do Faraó. Deu ainda a ele um colar de ouro e roupas de linho fino. Como se não bastasse, desfilou junto com o hebreu em carro aberto pelo Egito, ordenando que todos se ajoelhassem perante José. Pense numa bicha feliz. Pois era José.

Depois da presepada toda, com José atirando beijinhos para o povo, voltaram ao palácio.

— José, agora só preciso trocar esse seu nome hebreu para algo mais egípcio.

— Ai, alteza! Pode ser Cleópatra? Pode? Pode?

— Não, José.

— Ah, mas por que não?

— Porque Cleópatra é quase dos tempos de Cristo, e ainda estamos no primeiro livro do Velho Testamento.

— Nossa, que atraso!

— Não me culpe, o tal cara do *Jesus, me chicoteia!* é que é um preguiçoso e não acelera esse negócio. Mas como eu ia dizendo, vou mudar seu nome. A partir de agora você se chama Safnat-Paneah.

— Ah, Faraó, seu senso de humor é...

— Meu senso de humor é o cacete. Pra sua informação, Safnat-Paneah significa *salvador do mundo*.

— Hum... Não gostei muito não. Que tal alguma coisa mais *clean*, mais *cool*, mais *in*?

— Ué, virou bicha que escreve em jornal agora? Não senhor, seu nome é Safnat-Paneah e pronto. E digo mais: você vai se casar.

— Ah, aqui no Egito é permitido? Posso escolher um rapaz, então?

— Rapaz o cacete, sua gazela deslumbrada. Você vai se casar com Asenate, filha de Potífera, que é sacerdote da cidade de Om.

— Ai, que lindo casal! Safnat-Paneah e Asenate. E aí, vamos ter três filhas, Xerox, Fotocópia e Autenticada?

— É bom você parar, já está me irritando. Amanhã mesmo você se casa e começa seu trabalho. Você vai percorrer todo o Egito armazenando os mantimentos desses sete anos de fartura.

— Tá. Posso pelo menos ir à cerimônia montada?

— NÃO! Agora some daqui!

Como não havia escolha, José (sim, José, não vamos ficar escrevendo aquele nome comprido e feio toda hora) desposou Asenate e começou seu trabalho: Andou por todo o Egito administrando o armazenamento de alimento para os sete anos de fome. Ele tinha lá seus controles de quanto armazenava, mas a fartura era tanta que ele desistiu de contar depois de um tempo. E antes que viesse a fome, José teve dois filhos, Manassés (que significa *aquele que faz esquecer*, porque José estava esquecendo de todo o sofrimento e do desgosto que tivera com os irmãos) e Efraim (*frutífero*, porque estava frutificando na terra em que tanto havia sofrido). Quando perguntavam a ele se estava feliz, ele respondia:

— Só digo três palavras: Abalou Paris em chamas!

— Foram quatro.

— Hein?

E então acabaram-se os sete anos de fartura e começou a fome. Quando o povo foi reclamar com o Faraó, ele ordenou que fossem procurar o governador. José abriu os celeiros e vendia o alimento aos egípcios. E não só a eles, porque havia tanta comida armazenada que gente de todo canto vinha ao Egito comprar o que comer. Aliás, vieram uns caras de Canaã também, vocês já devem até desconfiar. Mas isso fica para o próximo capítulo.

OS IRMÃOS DE JOSÉ VÃO AO EGITO

Estava Jacó um dia em sua tenda pensando no que fazer. A fome assolava a terra e a família começava a passar apertos. Olhou para fora, viu os filhos de papo pro ar e emputeceu-se.

— Que que cês tão aí de braços cruzados, bando de vagabundos? Ouvi dizer que no Egito tem comida a dar com o pau. Por que vocês não vão até lá para comprar mantimentos em vez de ficarem aí feito uns songo-mongos?

— Mas pai...

— Mas pai meu ovo! Vão logo, os dez. Só Benjamim fica aqui comigo, José morreu porque deixei vocês cuidarem dele, não vou fazer a mesma cagada com outro filho.

Benjamim, lembremo-nos, era o outro filho que Jacó tivera com Raquel, a esposa que amava, e ela morrera no parto. Como o velho dava José por morto, Benjamim passara a ser o filho predileto. Os outros? Ah, um bando de songo-mongos.

Ora, como já estamos carecas de saber (vocês não estão? Droga!), José era o responsável pela administração da venda de mantimentos no Egito. Imaginem agora a cena: Os dez filhos de Jacó vêm até José e se ajoelham perante ele, sem reconhecê-lo. Na hora José se lembrou do sonho. Estão lembrados do sonho? Não? Cazzo, eu tenho que relembrar tudo a vocês? Refresquem a memória **aqui**. Pronto? Então vamos tocar em frente. José, claro, reconheceu os irmãos, mas fingiu que não e falou com eles cheio daquela arrogância que só as bichas muito bichas sabem ter:

— Posso saber de onde é que estão vindo os donzelos?

— Viemos de Canaã, senhor para comprar mantimentos.

— Meu cu. Vocês são espiões, vieram para xeretar nossa vidinha aqui no Egito.

— Não, senhor! Nós, teus servos, somos irmãos e viemos comprar comida.

José a-do-rou o tratamento, mas continuou firme em cima do salto Luís XV:

— Mentira deslavada! Olha, um com mais cara de espião que o outro!

— Seu Safnat-Paneah, nada disso, por favor! Somos doze irmãos filhos de um homem de Canaã. O mais novo ficou com nosso pai e o outro já não existe mais.

— Ai, me poupem! Não são espiões? Então vão ter que provar. Um de vocês vai voltar a Canaã e trazer esse irmão mais novo de que falaram. Os outros vão ficar presos aqui até que o caçula venha. E se não vier, morrem todos.

Dito isso, mandou prender os irmãos até que decidisse qual dos dez voltaria para pegar Benjamim. Quê? Maldade? Maldade nada! Pior foi o que eles fizeram ao nosso pobre viadinho, vendendo-o como escravo. José tinha mais é que deixá-los um bom tempo na masmorra. Mas tinha um coração mole, tadinho, e depois de três dias foi falar com eles.

— Olha, vamos fazer o contrário: Um de vocês fica preso aqui e os outros nove vão buscar o irmão que falta, levando os mantimentos que comprarem. Tudo bem?

Esse "tudo bem?" foi, obviamente, uma pergunta retórica. Quem eram eles para questionarem uma decisão do governador do Egito?

— Tá vendo? — Disse um dos irmãos — Isso é castigo pelo que fizemos com José há vinte anos.

— Eu avisei — Respondeu Rúben —. Falei para vocês não fazerem mal ao menino. Mas vocês me ouviram? Nãaaaao. E agora temos que pagar. Ô, merda.

Começaram a discutir e jogar uns sobre os outros a culpa pelo que tinham feito ao irmão. Nem se importavam com a presença de José, pensavam que não estava entendendo lhufas, mesmo porque ele só falava com eles através de um intérprete. José saiu disfarçadamente da presença deles e chorou. Chorou muito, pobrezinho:

— Ai deus, ai deus! Que ironia cruel do destino! Ai, essa minha vida daria uma novela! Quem eu vou deixar preso agora? O melhor seria deixar o mais velho, mas Rúben foi o único que pelo menos tentou me ajudar. Ah, então vai ser o segundo filho. Ai, tadinho de papai, vai ficar tão sentido com isso tudo!

Depois de muito chorar, retocou a maquiagem e voltou ao cárcere para anunciar sua decisão. Mandou amarrar Simeão na frente dos outros, e ordenou aos servos que botassem o dinheiro dos irmãos de volta em suas sacolas de mantimentos, sem que eles (os irmãos, não os mantimentos) percebessem. Feito isso, os nove irmãos carregaram os jumentos e partiram de volta para Canaã. Nâo, não sairam carregando os jumentos. O que eu quis dizer é que eles pegaram as sacolas e... Bah! Vocês entenderam.

OS FILHOS DE JACÓ VOLTAM AO EGITO

Canaã, 16 de abib, não sei o ano.

Caro Esaú:

Espero que esta carta te encontre bem e com saúde. E também que os inúteis dos meus filhos me tragam papel pautado do Egito, porque eu escrevo tudo torto!

Preciso te contar o que esses babacas fizeram. Você sabe que o Egito não está sofrendo com essa crise toda, né? Pois bem, assim como todo mundo, achei que seria boa idéia comprar comida no Egito e mandei os meninos para lá. Não tinha como dar errado, não é mesmo? Só chegar lá, combinar o preço, pagar e trazer os mantimentos. Ah, mas a capacidade de fazer presepadas é maior!

Primeiro que o tal Safnath-Paneah, viadinho governador do Egito, enfiou em sua cabeça de libélula que meus filhos eram espiões. Como é que pode, já se viu espião ser burro? Só o Austin Powers. Mas a bichona encasquetou com isso, prendeu Simeão por lá e só vai soltar ele quando os outros voltarem com Benjamim.

Veja só minha situação. Você bem sabe que Raquel foi a única mulher que eu amei. Ela morreu muito cedo, e o primeiro filho que ela me deu já não está aqui graças à incompetência desses songo-mongos que eu chamo de filhos. Agora querem levar meu filhinho para o Egito, e vai saber o que pode acontecer. E nem gosto de pensar no que aquela bicha egípcia deve estar fazendo com Simeão agora. Tá, ele é um idiota, mas é meu filho, porra!

Ah, pra esmerdear tudo de vez: quando os retardados chegaram aqui, abriram os sacos de mantimentos e o dinheiro estava todo lá dentro. Devem ter esquecido de pagar, é típico deles, mas quem é que vai acreditar nisso? Agora serão acusados de ladrões, além de espiões, e vou perder onze filhos de uma vez. Vou para o Guiness Book por isso!

Bom, acho que é isso aí. Recomendações a suas mulheres e filhos. Com esta carta, estou enviando um kit de depilação. São tempos modernos, Esaú, os homens podem se render à vaidade sem culpa.

Abraço do seu irmão

Jacó

OS FILHOS DE JACÓ NO EGITO (DE NOVO)

— Vai logo, pai! O que você tanto escreve?

— Calaboca, Judá. Estou escrevendo uma carta pro meu irmão pra ver se a raiva passa e eu não esgano vocês, seus imbecis.

— Porra, pai, a gente precisa ir logo pro Egito. A comida já tá acabando. Além do mais, se o senhor não lembra, Simeão continua por lá, e vai saber o que aquela biba egípcia está fazendo com ele a essas horas. Vai ver até obrigou o coitado a se casar com ela. Então vê se termina logo essa merda de carta.

— Tenho que escrever devagar, o Esaú não sabe ler rápido. E não lhe devo satisfações. Se vocês soubessem ficar de bico fechado, o viadinho não saberia da existência de Benjamim e tudo teria corrido bem.

— Ué, como a gente ia saber? "Ah, vocês têm um irmão? Então eu vou prender um de vocês e só vou soltar quando o caçula vier aqui". Porra, não dava pra adivinhar.

— Tá bom, tá bom. Já que não tem outro jeito, levem o Benjamim. Mas muito cuidado, seus porras. Se acontecer com ele o que aconteceu com José, eu juro que acabo com a raça de vocês.

— Beleza. Estamos indo então.

— Estão indo o cacete! Pensam que é assim? A bicha deve estar muito puta com vocês, achando que são ladrões e espiões. Querem chegar lá de mãos abanando? De jeito nenhum! Tomem, separei uns presentes pra vocês levarem. Nada de mais: Uns perfumes, um estojo de maquiagem, lencinhos, bichinhos de pelúcia, bombons e essa echarpe de seda. Foi assim que eu enrolei Esaú quando ele queria me matar, com presentes. Aprendam a usar a cabeça. E além dos presentes, vocês vão levar o dinheiro em dobro, para compensar o que estava dentro dos sacos de mantimentos.

— Até agora não entendemos isso, pai. Pagamos tudo lá, e quando abrimos os sacos...

— Não me venham com essa conversa pra camelo dormir, que eu não tô com paciência hoje! Se vocês tivessem se lembrado mesmo de pagar, o dinheiro estaria lá no Egito. Ora, onde já se viu? Vão querer que eu chame o Padre Quevedo para esfregar na cara de vocês que isso tudo é *una gránde* mentira, que *dinero* que volta para o saco *non ecsiste*, que vocês *son charlatans*?

— Tá bom, pai, já entendemos.

— Então é isso. Cuidem bem do meu filhinho, que é o único que vale alguma coisa.

Depois de tantas palavras de carinho e amor paterno, os filhos de Jacó pegaram a estrada de volta para o Egito, lá chegando sem maiores percalços. Ao ver Benjamim com eles, José chamou o despenseiro.

— Menino, prepare uma festança pra esse pessoal que está vindo aí. Muita comida, muita bebida, quero receber bem esses moços.

O empregado nem estranhou. Achou que o patrão estava planejando uma festinha íntima para os rapazes hebreus, e tratou logo de cumprir as ordens. Depois de tudo pronto, foi chamar os caras e os levou à casa de José. Os irmãos começaram a ficar preocupados. Bah, preocupados é pouco: bateu um baita cagaço danado neles.

— Fodeu, cambada. Isso aí é armadilha, por causa do dinheiro que voltou pros sacos.

— É, e ele vai pegar a gente de escravo.

— Ou pior.

— Como assim, pior? O que pode ser pior que isso?

— Ele pode nos obrigar a prestar favores sexuais a ele pelo resto da vida.

— Puta que pariu, é verdade. Como eu já disse, fodeu, cambada.

Conversa vai, conversa vem, cada um imaginando um destino pior que os esperava, resolveram enfim ir falar com o despenseiro.

— Ôpa.

— E aí?

— Tá lembrado da gente?

— Lembro sim. Cês vieram comprar mantimentos aqui uns tempos atrás e o patrão desconfiou de vocês, achou que eram espiões e tal.

— É isso aí. E olha só que coisa estranha: Daquela outra vez, quando chegamos em casa e abrimos nossos sacos, o dinheiro que a gente tinha pago estava todo lá dentro.

— Eita, peraí. Que negócio esquisito, pra que vocês abriram os sacos? Não doeu não?

— Os sacos de mantimentos, rapaz.

— Ah, esses. E então?

— E então é isso, não sabemos como aconteceu. Mas trouxemos o dinheiro todo de volta, pra vocês não pensarem que a gente é ladrão nem nada assim.

O despenseiro poderia aproveitar a deixa para sacanear os pobres hebreus. Mas ele mesmo tinha colocado o dinheiro de volta nos sacos por ordem de José, e não era nenhum **Zezinho** pra ficar infernizando a vida dos outros.

— Hum... Estranho isso aí, porque eu mesmo recebi o dinheiro. Deve ter sido algum milagre, sei lá. Bom, deixa isso pra lá. Ôpa, olha quem tá vindo lá! É o irmão de vocês. Viu como meu patrão cumpre o que promete?

De fato, depois de rever o irmão mais novo, José cumpria com a palavra e libertava Simeão. O reencontro dos irmãos foi emocionante.

— Oi.

— E aí.

— Belê.

— Sussu.

— Só.

Após essa cena comovente e enaltecedora dos mais nobres sentimentos fraternais, o despenseiro levou os onze irmãos para lavarem os pés e providenciou forragem para os jumentos (falo das montarias dos caras, longe de mim insinuar características asininas nos filhos de Jacó). Quando José chegou, na hora do almoço, os onze irmãos ofereceram a ele os presentes. A cada embrulho que abria, nossa querida gazela soltava "uis" e "upas" e "uias" de surpresa e felicidade. Abertos os presentes, perguntou a eles:

— E o papai de vocês, de quem falaram da outra vez, está vivo ainda? Está bem?

— Ah, tá bem demais, Seu José. Cabeça dura, mas um coração mole que só vendo.

— É, eu sei.

— Hein?

— Hein?

— Como foi que o senhor disse?

— Não disse nada. Humpf. E esse menino aí é o caçulinha, certo?

— Isso mesmo, Seu José. Cumprimenta o moço, Benjamim.

— Oi.

— Ai, que lindinho! Deus te abençoe, criança linda.

A visão do irmão e a lembrança do pai foram demais para José, que deu um jeito de sair dali rapidinho para chorar. Chorou, espernou, descabelou-se, quase desfaleceu de pranto. Recomposto, ordenou aos servos que servissem a mesa. Já aliviados, os irmãos comeram como porcos. Fazia tempo que não viam tanta comida.

A TAÇA DE JOSÉ NO SACO DE BENJAMIM

Seus hereges pervertidos, não é nada disso que vocês estão pensando! Os dois eram irmãos, esqueceram? Bom, deixamos a cambada toda jantando na casa de José. Os irmãos de José haviam voltado ao Egito para levar Benjamim para que José libertasse Simeão, lembram? Não? Ah, vão lá reler os capítulos anteriores. Lembraram? Então vamos tocar o barco, que eu quero ver se termino a porra do Gênesis logo. Se eu soubesse o trabalho que isso ia dar, nem começava. Ai meus bagos.

Pois bem. Os irmãos comeram feito uns porcos e chegou a hora de voltarem para casa. Não podiam deixar o velho Jacó sozinho muito tempo. Enquanto arrumavam as coisas para partir, José foi falar com seu despenseiro.

— Menino, depressa! Encha os sacos dos rapazes!

— Tá bom. AÊ, HEBREUS! CÊS SÃO TUDO BOIOLA! U-HU! BANDO DE VIADO! O PAI DE VOCÊS É UM CORNO! A MÃE DE VOCÊS TÁ NA ZONA! VOCÊS LAMBEM CHAP...

— Que que cê tá fazendo, por Osíris??? (*Consegui falar "por Osíris", u-hu!!!*)

— Enchendo o saco deles, seu Safnath. Não foi o que o senhor pediu?

— Ai meu cu. Estou falando dos sacos de mantimentos, macaca.

— Ah, de mantimentos... Desculpa aí.

— Toma cuidado, se continuarmos com esse tipo de piadinha manjada, ninguém mais vai ler o *Jesus, me chicoteia!* Como eu ia dizendo, encha os sacos deles de comida até a boca. E coloque o dinheiro deles de volta nos sacos. E no saco do mais novo, além do dinheiro dele, coloque aquela minha taça de prata linda.

— Tem certeza, patrão? O senhor gosta tanto daquela taça.

— Calma menino, já pensei em tudo. Você acha que eu ia me desfazer assim da taça que o Faraó me deu? Vai, caminha, faz o que eu mandei. E depois que eles tiverem saído da cidade, você vai fazer o seguinte...

Amanhecia quando os onze filhos de Jacó começaram a viagem de volta para casa.

— Tão vendo? Tudo deu certo. Quero ver a cara do pai quando a gente chegar com o Simeão, o Benjamim e tudo isso de comida. Agora sim o véio vai confiar na gente.

— Porra, já não era sem tempo. O pai é foda, pega muito no pé, não sei porque isso

— Hum... A gente vendeu o filho dele como escravo. E depois falou pra ele que o moleque tinha morrido. Não será por isso?

— Ah, mas isso foi há tantos anos! Aliás, por onde andará o José, hein?

— Já deve ter morrido. Escravo não vive muito, cês sabem. Mas imaginem se ele estivesse com a gente agora, pegando essa estrada poeirenta.

— "Ai, esse vento estraga meu cabelo", "Ui, esse sol vai a-ca-bar com a minha pele", "Nossa, esses jumentos...".

— É mesmo, ia ser um inferno. E os sonhos então? "Meninos, sonhei que vocês estavam todos pelados. Aí eu vinha por trás e...". Ih, quem é que tá vindo ali?

É o despenseiro, porra

— Quem falou isso?

— Foi o *Chicoteia*. Tá com mania de se meter nas histórias agora. Ignora que ele para. Mas olha lá, é o despenseiro mesmo. Fala, despenseiro!

— Falo porra nenhuma! Eu odeio minha vida, sabiam? Além de ser o único personagem nessa merda a não ter nome, ainda tenho que agüentar desaforo de hebreu. Vocês são loucos? A gente recebe vocês como iguais, serve um banquete farto,

vocês comem que nem umas putas velhas, bebem até cair, se divertem. E como retribuem? Roubando a taça de prata do patrão, a taça que ele usa para fazer adivinhações! Vocês não têm jeito mesmo!

— Cê tá bem lôco, despenseiro? Cheirou meia? Porra, pra que a gente ia fazer isso? Voltamos ao Egito com o cu na mão para resgatar o nosso irmão...

— Ô, isso dá samba-enredo! *Voltamos ao Egito com o cu na mão/Pra quê, pra quê?/Pra resgatar o nosso irmão/Numa aventura sem iguaaaaaal*.

— Calaboca, Issacar. Então, cê tá doido, cara. A gente não era nem besta de roubar nada. Porra, até trouxemos de volta o dinheiro que apareceu nos nossos sacos da primeira vez. Faz o seguinte: revista os sacos e...

— Eu não vou botar a mão nesses...

— OLHA A PIADINHA SEM GRAÇA!

— Ok.

— Revista os sacos. Qualquer um de nós que estiver com a taça que você falou, morre. E digo mais: seu patrão pode pegar os outros dez como escravos. Beleza?

— Ôpa, calma! Não é pra tanto. Se eu achar a taça com algum de vocês, pego o mequetrefe como escravo e os outros podem ir embora.

— Tanto faz. Não roubamos nada mesmo.

O despenseiro começou a revistar os irmãos, do mais velho para o mais novo. E encontrou a taça no saco de Benjamim.

— Ih, cambada, agora fodeu.

— Putz, lá vamos nós falar com o governador do Egito de novo... Os irmãos voltaram para o palácio de José. Judá era o mais apreensivo de todos. Não era pra menos, já que ele havia se responsabilizado pelo retorno de Benjamim. No palácio, José veio falar com eles:

— Hum. Estou decepcionado com vocês, sabiam? Fiz de tudo por vocês, e pra quê? Pra vocês roubarem minha taça, essa obra de arte que o Faraó me deu. O que vocês estavam pensando? Não sabem que eu sou adivinho, que ia saber do roubo mais cedo ou mais tarde? Vocês me matam assim! Olha, estou pálido! Minhas mãos tremem, minha cabeça dói! Olha isso! Estou passando mal! Meus sais! Meus sais! Hum... Ahhhh...

— Ah, meu senhor, o que podemos dizer? Somos seus escravos, é tudo o que podemos fazer para tentar reparar o mal que causamos.

— Ah... Hum... Ei, peraí, não é pra tanto! Tolinhos... O menino que roubou a taça fica aqui pra ser meu escravinho. Os outros podem voltar pra casa do papai.

Então Judá, quase morrendo de nervosismo, se adiantou para falar com José:

— Meu senhor, não fique puto comigo, mas eu tenho que falar. O senhor sabe que nós éramos doze irmãos, sendo dois filhos da mulher que nosso pai mais amou na vida. Um deles já morreu faz muito tempo, e o outro é esse menino cabeça oca aí que roubou sua taça. Agora o senhor imagine o quanto nosso pai é apegado a esse garoto. É a razão da vida dele. É o único que ele trata bem, que nós outros ele só chama de songo-mongos.

— E com razão.

— Pois é. Mas então. O velho não queria deixar o menino vir de jeito nenhum, porque o irmão dele estava com a gente quando desapareceu, então o pai não confia, sabe? O Ruben, esse grandão aí, que é nosso irmão mais velho, chegou a dizer que o pai podia matar os dois filhos dele se a gente não voltasse com Benjamim são e salvo, e nem assim o velho se convenceu. Então eu, cheio de lábia, sabe como é, joguei uma conversa nele. Dei todas as garantias, falei que a gente fez cagada mesmo com o José (era esse o nome do nosso irmão que morreu), mas isso já foi há muito tempo, e que já era hora dele dar um voto de confiança pra gente, essas coisas. Falei tanto, fiz tantos juramentos, que ele acabou concordando. Mas eu conheço meu pai. Ele deve estar sem dormir há várias noites esperando a gente voltar com o filhinho dele. Se a gente aparecer sem esse menino, meu senhor, nosso pai morre. Não é exagero não, a gente mata o velho se fizer isso. Nós já quase matamos ele quando aconteceu o negócio todo com José, já causamos desgosto demais ao velho, isso não se faz. Então eu proponho ao senhor o seguinte: deixa o Benjamim ir com os outros e eu serei seu escravo. Meu pai não merece tanta tristeza na idade dele.

José ficou comovido com o discurso de Judá. Não sabia que ainda era tão presente na vida da família. Não conseguindo conter a emoção, ordenou que todos saíssem da sala, ficando apenas ele e os irmãos.

— Meninos, vocês não me reconhecem. Tudo aconteceu há muito tempo.

— O que o senhor está dizendo, seu Safnath-Paneah?

— Vocês são burros? Olhem bem para mim! Não reconhecem seu próprio irmão? Eu sou José, porra!

JOSÉ MANDA BUSCAR JACÓ EM CANAÃ

Arrá! Pensaram que não tinha mais, né? Pois sosseguem o rabo, que ainda temos muita história pela frente. José acaba de revelar sua identidade a seus estupefatos irmãos. Vamos a ele.

— Mas e aí, meninos? Quero novidades! O que me contam do papai? Está bem de saúde? E a terrinha de Canaã, na mesma pasmaceira de sempre? Contem tudo!

— ...

— Ai, credo! Que foi, o gato comeu a língua de vocês? Ah, já sei... Cheguem aqui mais perto. Não estão conseguindo acreditar, né? Pois olhem bem, sou eu mesmo, José, em carne e osso. Muito mais osso que carne, com essa pobreza toda. Mas tem seu lado bom, eu não entrava nessa túnica há anos, e agora está até folgada... Ai, desculpem, eu disperso demais. Onde é que eu estava mesmo? Ah! Então, podem acreditar, sou euzinho. Vocês me venderam como escravo e hoje sou governador do Egito. É uma história comprida, não dá pra contar agora. Eu só não quero que vocês se culpem pelo que fizeram. Tá, foi uma puta sacanagem e eu devia estar putíssimo com vocês. Mas não consigo, porque no fim tudo deu certo, então venham aqui abraçar o irmãozinho.

José abraçou os irmãos um a um, e foi aquela choradeira que vocês podem imaginar. E a choradeira aumentou quando abraçou Benjamim, único irmão também por parte de mãe. Bom, não vamos nos perder em minúcias, mesmo porque essa cena de doze marmanjos chorosos e catarrentos é deveras constrangedora. Depois da melação toda, José continuou o papo:

— Mas vocês não falaram nada ainda! Como está papai?

— Ah, tá muito bem, José. Cento e trinta anos, mas nem parece. Xinga a gente o tempo todo, mas acho que no fundo ele gosta da gente.

— Sei não, acho que nem no fundo ele gosta da gente.

— Calaboca, Judá.

— Ai, que saudades de papai! Pronto, decidi um negócio: Vocês vão voltar pra Canaã, pegar o pai e trazer ele e todas as coisas pra cá. Vocês vão morar aqui no Egito, pertinho de mim.

— Ô, José, cê parece que não conhece o pai. É mais fácil fazer o Cristo Redentor ir morar em São Paulo do que arrancar ele de Canaã.

— Ai, é verdade... Faz o seguinte: Explica pra ele que essa fome que já dura dois anos ainda vai se prolongar por mais cinco. Há nove anos o Faraó teve um sonho e eu interpretei, e era isso que o sonho dizia: sete anos de fartura seguidos de sete anos de fome. Por isso que aqui no Egito tem comida, porque a gente já sabia antes e armazenou mantimentos durante a fartura. Então digam lá pro pai que se ele ficar em Canaã, ele, vocês e suas mulheres e filhos vão morrer de fome. A única solução pra vocês é vir pro Egito.

— Tá, nós vamos tentar. Mas não garantimos nada. O velho é cabeça dura.

E foi isso. Ou seria. Os irmãos já se preparavam para mais uma longa e cansativa viagem até Canaã para depois voltar ao Egito quando o Faraó ouviu dizer que os irmãos de José tinham aparecido.

— Irmãos de José? Os irmãos de José? Porra, que legal! Fala pra eles virem pra cá, quero conhecer os caras.

— Hum... Acho que não vai dar, seu Faraó. Parece que o José mandou eles de volta pra Canaã para pegarem o pai, as mulheres, os filhos, a tralha toda e virem morar aqui no Egito.

— Pra virem morar no Egito! Porra, será uma honra! Mas como eles vão pra lá?

— Em lombo de jumento, ué.

— Jumento é meu pau de óculos! Mas nem fodendo que eu vou deixar os irmãos do meu melhor amigo viajarem de jumento. Em quantos são os familiares do José que vão vir pra cá?

— Olha, pelo que ele falou, são sessenta e seis pessoas no total.

— SESSENTA E SEIS??? Porra, aquele povo não tem televisão? Tá, tudo bem. Tava pensando em mandar uma van pra lá, mas acho que não vai dar. E tem os animais também. Faz o seguinte: Freta dois ônibus e mais uns caminhões pra trazer o rebanho todo. Ah, e uma carreta de alimentos também, para a viagem de ida e volta. Quero nossos visitantes no maior conforto.

— Pois não, seu Faraó, tô indo agora providenciar o transporte.

— Hum... Só mais uma coisinha.

— Sim, Faraó.

— Vê se vocês ensinam as mulheres desses caras a tomarem anticoncepcional. Se eles continuarem a se reproduzir nesse ritmo, sinto que teremos problemas...

Tudo foi providenciado conforme as instruções do Faraó, e os onze irmãos foram para Canaã numa mordomia nunca sonhada. Tudo muito bom, tudo muito bem. Agora só precisavam convencer o velho Jacó a trocar Canaã pelo Egito.

JACÓ RESOLVE SE MUDAR PARA O EGITO

Após fazerem mais uma vez a longa viagem (só que dessa vez no maior conforto), os filhos de Jacó chegaram a Canaã sem maiores problemas e foram logo falar com o velho.

— Pai! Ô, pai! Arruma as coisas, chama a cambada toda. Nós vamos morar no Egito!

— Como é que é?

— É isso aí! Estamos de mudança, viemos buscar o senhor.

— Que que eu vou fazer no Egito, seus songo-mongos? Gosto daqui, Canaã é minha terra. Que idéiazinha de jerico essa de vocês.

— De Jericó?

— Não, porra! De jerico! Jericó é lá com Josué, vai demorar ainda pra chegar nessa história. Tô falando dessa idéia de se mudar pro Egito. Pra quê? Pra passar o dia vendo pirâmide?

— Hum... Ainda não tem pirâmide lá não.

— Tão vendo? Nem pirâmide tem naquela merda, que que eu vou fazer lá?

— Pai, cê não tá entendendo nada. A gente tem que ir pro Egito porque o José está lá! O José, pai!

— Dã, não foi à toa que eu te dei esse nome. Cê é um babão retardado mesmo. Não sabe que José morreu já faz muito tempo?

— Não morreu não, pai! A gente pensou que ele tava morto, mas ele tá lá no Egito! E agora é que o senhor não vai acreditar mesmo: Ele é o governador de lá!

— Ah, pelo menos te resta um pouquinho de inteligência. É CLARO QUE EU NÃO VOU ACREDITAR, PORRA! Como é que um de nós ia ser governador do Egito? Ainda mais um **defunto**? E, caralho, vocês disseram que o governador do Egito é viado. Meu filho era macho!

—Tem pai que é cego...

— Como é que é?

— Nada não. O senhor não acredita, é? Pois então olha ali fora. Olha lá, dois ônibus mais uma carreta de mantimentos, tudo com placa do Egito. Como o senhor explica isso?

— Hum... Não sei... SEI SIM! Isso deve ser aquela porra de Telegrama Legal do Gugu! Desde que eu fui naquela merda de programa pra reencontrar o Esaú que eu tô esperando me aprontarem alguma. Cadê a câmera? Cadê? Acabou a brincadeira, podem ler o telegrama aí, eu choro, vocês choram, tudo bem bonito. Vai logo, quero dormir.

— Mas pai...

— "Mas pai" o cacete! Não vão acabar com a brincadeira? Então saiam da minha tenda, vou dormir. Não sou palhaço.

— Mas... Mas...

— BAH! FORA DAQUI! SONGO-MONGOS!

Os irmãos saíram desconsolados. Pelo jeito não ia ser fácil tirar o velho de Canaã. Passaram a noite em claro discutindo e procurando uma forma de convencer o pai a se mudar para o Egito. Mas nem precisavam disso, porque durante a noite receberam uma ajuda inesperada. Jacó estava dormindo quando ouviu alguém chamá-lo:

— Israel! Ô, Israel!

— Israel é o car... Peraí. Só tem uma pessoa que me chama por esse nome. É você que tá aí?

— Sou eu, Israel! Jeová! Javé! O deus de Abraão, de Isaque, de...

— Tá, tá, já sei quem é. Toda vez você precisa se apresentar? Que é isso, mal de Alzheimer?

— Tá bom, desculpa, foi mal.

— Tudo bem, não tem problema. Mas e aí, deus, que cê me conta? Há quanto tempo!

— Pois é, rapaz. Ando ocupado aí com outros projetos e tal. Mas resolvi te fazer uma visita assim que sobrou um tempinho. Tô aí, na correria. E você?

— Mesma coisa, mesma coisa. Essa fome agora tá foda, a gente tem que trabalhar mais e nem vale a pena.

— É, sei disso. Mas então por que você não vai pro Egito? Lá tem comida sobrando.

— Você também com essa história de Egito?

— Porra, Israel. Você já tá velho, não pode ficar se arriscando por aqui, nessa terra estorricada. E pense nos seus netos, as crianças não merecem isso. Além do mais, José é governador do Egito. O que você tá esperando pra ir lá reencontrar seu filho mais querido?

— Ai, essa história de novo... Cê não sabe que o governador do Egito é bicha? Como é que um filho meu ia virar bicha, deus?

—Tem pai que é cego...

— Como?

— Nada não, deixa pra lá. Eu quero é que você atenda o pedido dos seus filhos e se mude para o Egito.

— Ah, você quer, é? E eu com isso? Pfffffff...

— Escuta aqui! Eu sou é deus, tá me ouvindo? Eu sou é deus, e tô mandando você ir pro Egito! A gente trabalha pra caralho, cria todo um universo, tudo bonitinho, pra vir um hebreu sem-vergonha dar uma de folgado pra cima da gente? Ora, meu ovo! E digo mais: Você me faça o favor de passar a assinar como Israel, que eu escolhi esse nome com o maior carinho.

A voz trovejante de deus intimidou Jacó, e ele achou que era melhor mesmo se mudar para o Egito. E a história de José ser governador podia mesmo ser verdade.

— Tá bom, deus. Eita! Não precisa ficar tão puto. Amanhã mesmo eu junto todo mundo, entramos nos ônibus e vamos embora para o Egito. Beleza?

— Assim é que se fala, Israel. Que beleza! Bom, preciso ir. Nos vemos por aí.

— Falou, deus. Té mais.

No dia seguinte, Jacó chamou os filhos e anunciou que resolvera aceitar a sugestão deles e estava pronto para ir embora pro Egito. Os irmãos quase não acreditavam, e mais que depressa juntaram suas famílias, sua tralhas, e se aboletaram todos nos ônibus. E lá vão eles para o Egito de novo, só que dessa vez para ficar.

JACÓ E SUA FAMÍLIA CHEGAM AO EGITO

Xô, preguiça! Onde é que estávamos mesmo? Ah, Jacó decidiu mudar-se para o Egito com a parentada toda. Precisou de um empurrãozinho de deus, daquele tipo ou-você-faz-ou-eu-fodo-tua-vida, mas o que importa é que o velho finalmente criou coragem para sair de Canaã. E lá foram Jacó, os onze filhos com suas respectivas esposas, a molecada toda, os empregados, os animais do rebanho, aquele mundaréu de gente e bicho no caminho para o Egito. A viagem foi aquela chatice de sempre, passando pelo meio do deserto, areia de um lado, areia do outro, areia entrando no nariz, nos ouvidos, nos três olhos, aquela merda. Então vamos pular essa etapa direto para a chegada da família à terra de Gósen, já no Egito. Pois chegando a Gósen, Jacó chamou seu filho Judá.

— Judá! Ô, Judá! Vem aqui, seu songo-mongo.

— Ô pai, cê não vai parar com isso de ficar xingando a gente?

— Vou sim. No dia em que deixarem de ser songo-mongos. Enquanto esse dia não chega, é melhor você aceitar calado se não quiser apanhar.

— Mas pai, vai querer me bater? Com todo respeito, o senhor é um velho e eu sou um homem no auge da forma física.

— Seu imbecil, você por acaso já saiu na mão com deus?

— N-não...

— POIS EU SIM! Então é melhor calar a boca, certo?

— ...

— É assim que eu gosto. Judá, você que é o menos songo-mongo dos filhos que deus resolveu me dar pra tirar sarro da minha cara, vai até a capital e avisa pro José que já estou aqui.

— Tá bom. Vou com um dos ônibus ou com a carreta?

— Vai a pé que é pra aprender a deixar de ser besta.

— Mas pai...

— AGORA!

Judá, que era burro mas não tanto a ponto de desafiar Jacó, foi correndo cumprir as ordens do pai. Quando José soube que o pai já estava no Egito, ordenou que trouxessem seu New Beetle rosa, chamou Judá e pegou a estrada para Gósen levantando poeira.

— Ai, Judá, ainda bem que eu não peguei o Cadillac Rabo-de-Peixe bordô, essa poeira toda ia acabar com minha pele.

— José, você não mudou em nada...

— Como assim?

— Deixa pra lá. Olha, o pai tá ali na beira da estrada.

Ao ver o velho pai depois de tantos anos, José mordeu os punhos para conter a crise de choro que ameaçava acometê-lo e quase bate o carro. Mas conseguiu retomar o controle, parar o carro e sair saltitante para jogar-se no pescoço do pai, quase sufocando o velho.

— Papai! Papai! Pensei que nunca mais fosse te ver. Ai, papai, que saudade!

— Ah, meu filho! Agora eu já posso morrer, porque estou vendo você de novo. Para mim é como você tivesse ressuscitado, porque esses songo-mongos pensavam que você tinha morrido, e eu também.

— Pensaram que eu tinha morrido, é? — Lançando um olhar faiscante aos envergonhados irmãos.

— É. Me trouxeram sua túnica suja de sangue, e claro que eu também pensei que você estivesse morto.

— Tudo bem, papai, isso é passado. Agora a gente vai esquecer isso e pensar no seu futuro morando aqui no Egito, na maior mordomia. Ai, o senhor precisa conhecer o Faraó! Uma pessoa ma-ra-vi-lho-sa, o nosso soberano. O senhor vai a-do-rar.

— Não vejo a hora, filho. Puxa, quem diria que eu ainda ia conhecer o Faraó, hein? Bom, tá certo que uma vez eu lutei com deus, já contei essa história pra vocês?

— Er... Acho que sim, pai. Mas agora não dá tempo, liguei para o Faraó no caminho e ele tá esperando a gente. Vamos, vamos, rápido.

— Então vamos. Hum. José?

— Fala, papai.

— Seus irmãos, da primeira vez que vieram aqui, voltaram pra Canaã dizendo que o governador do Egito era viado.

— Ah, é? Hehe. Que coisa, não?

— Pois é. Olhem bem, seus songo-mongos! Este é José, ele é muito educado, é um homem fino, amigo do Faraó, se veste bem, se cuida, não é um homem da roça feito nós. Isso não quer dizer que ele seja bicha, seus burros!

—Tem pai que é cego...

— O que você disse, Gade?

— Ai, papai, deixa o Gade pra lá, ele é resmungão mesmo. Vamos, não é educado deixar o Faraó esperando.

José enfiou o pai e mais cinco irmãos dentro do New Beetle rosa (*"Podem entrar, é igual coração de mãe esse meu carrinho"*) e foram todos para o palácio do Faraó, que os recebeu na maior simpatia.

— Eita porra! Vocês de novo por aqui? E esse velho aí que é o pai de vocês?

— Velho é o corno do teu pai, Faraó!

— Ôpa, calma lá! Mais respeito comigo! Sou o Faraó, soberano do Egito, tá pensando o quê?

— Soberano do Egito, grandes merdas! Pois saiba que eu já lutei com deus! Uma vez, quando acampei no vale do Rio Jaboque, um

homem veio à noite e...

— Tá bom, tá bom, Jacó! Até eu já ouvi essa história, porra!

— Hunf. Então sabe com quem está se metendo.

— Sei, tá bom, vamos deixar isso pra lá. Fui com a sua cara, apesar de você ser um velho desbocado.

— Olha quem fala...

— Ô, Jacó, quem dera seu filho aqui fosse macho assim, hein?

— Como é?

— Hum... Nada não. Er... Mas e aí, já escolheram onde querem morar?

— Ué, pode escolher?

— Claro que pode! Cês são parentes do meu amigo Zé, é como se fossem minha família. E aí, que vocês acham?

— Olha, aquela terra de Gósen parece bem legal...

— Pois então tá decidido. Cês vão morar em Gósen. E vou ver se descolo uns cargos públicos pra vocês. Que tal?

— Muito bom, seu Faraó. Cê tem cara de filho da puta mas até que é gente boa.

— Ora, bondade sua, Jacó. Agora vão arrumar suas coisas que eu sei que a viagem foi longa e cês devem estar com o rabo cheio de areia.

— Ainda bem que você sabe. Bom, vambora, cambada. Precisamos arrumar as coisas em nossa nova casa.

E foi assim que os primeiros hebreus foram morar no Egito, o que no futuro gerou muita confusão. Mas isso eu vou contar só láaaaaaaa na frente, porque antes ainda tenho que falar da jogada de mestre que José aprontou como governador do Egito. No próximo capítulo. Até mais!

O GOLPE DE JOSÉ

Ok, tudo muito bom, tudo bonito, a família reunida depois de tantos anos, aquela coisa toda. Mas a fome continuava, cada vez pior. O povo de Canaã e do Egito ia comprar comida com José. Agora imaginem: como a terra não produzia nada, os caras não tinham como ganhar dinheiro. E sendo obrigados a comprar comida de um lugar só, foi rapidinho pro dinheiro acabar. Então foram falar com José.

— Seu José, pelamordedeus! Nosso dinheiro já era e a fome continua. O senhor vai deixar a gente morrer de fome?

— Eu, hein? Que que eu tenho com isso? Ficam aí gastando com bobagens, não guardam dinheiro, não investem, e agora é problema meu? Meu cu.

— Mas nós gastamos tudo comprando comida do senhor! O senhor cobra o preço que quer!

— Claro que cobro o preço que quero, oras. Se acham caro, vão comprar na concorrência.

— Não tem onde comprar, só o senhor tem comida pra vender.

— Azar então.

— Seu José, o que vamos fazer?

— Ai minha santa! Olha, vou quebrar o galho pra vocês, tá bom? Tragam os animais de vocês e eu dou comida em troca.

— Puxa, nossos bichos...

— Ué, eu nem devia estar negociando com uns vagabundos esbanjadores feito vocês.

— Tá bom, então. Melhor do que morrer de fome.

Então todos traziam seus animais e trocavam por comida. Foi assim durante um ano, até se acabarem os animais também. E lá foram eles de novo falar com José.

— Seu José, não temos mais animais para trocar por comida. Por favor, nos ajude.

— Ora, e eu tenho cara de Madre Tereza? Na-na-ni-na-não. Se virem.

Desesperados, os egípcios ofereceram suas terras como pagamento e a si próprios como escravos do Faraó.

— Ai, também não é pra tanto, né? Vamos fazer assim: As terras de vocês passam a pertencer ao Faraó. Em troca das terras, dou comida e sementes a vocês, pra poderem semear a terra. Aí de tudo o que colherem vocês dão vinte por cento pro Faraó. Tá bom assim?

O negócio não era muito bom, pensando bem. Do pouco que iam conseguir colher, ainda iam ter que abrir mão de um quinto. Mas para quem tinha acabado de se oferecer como escravo a proposta de José era uma maravilha, e foi prontamente aceita

por todos. Com isso, José conseguiu fazer do Faraó, além de soberano do Egito, proprietário de todas as terras do país. Bichinha safada, esse José.

Essa historinha aí foi só um interlúdio. Ainda temos o que falar da família, como por exemplo do juramento que Jacó exigiu de José. Mas isso só no próximo capítulo.

JACÓ ADOECE, EXIGE DE JOSÉ UM JURAMENTO FORMAL, ABENÇOA EFRAIM E MANASSÉS E DÁ ORIGEM AO TÍTULO MAIS LONGO DO *JESUS, ME CHICOTEIA!*

O tempo passou. Claro que passou, ou estaríamos todos naquela época ainda, esperando alguma mente brilhante inventar o computador, a Internet, o telefone, e tudo o mais que seria necessário para este blog poder existir. Pois passou. Dezessete anos depois de sua chegada ao Egito, Jacó já estava com 147 anos, não era mais nenhum rapagão pujante. Caiu de cama, muito adoentado, e percebeu que estava chegando a hora de peidar no fubá. Pensando nisso, chamou José.

— José, meu filho, preciso que você me prometa uma coisa.

— Pode falar, pápi, faço qualquer coisa.

— Tá. Então bota a mão aqui embaixo da minha coxa.

— Ugh! Pra que isso, pápi?

— É a tradição, José! O servo de meu avô Abraão fez um juramento a ele dessa forma, quando foi procurar uma esposa para Isaque, meu pai.

— Pápi, você é um gênio! Como consegue falar assim?

— Assim como?

— Com links! Que chique isso!

— Pára, José, você me deixa encabulado... Um dia cê aprende. Mas agora vem cá, bota a mão embaixo da minha coxa pra fazer o juramento.

— Er... Pápi, será que não era melhor eu chamar os moços do cartório? Eles vêm aqui, trazem a papelada toda, a gente assina... É até mais garantido, e não tem essa história de botar a mão embaixo da coxa e tal.

— José, me obedeça! Sei que estou velho, mas ainda posso te arrebentar. Não sei se você sabe, mas uma vez eu lutei com deus! Eu estava passando pelo...

— ... Vale do Rio Jaboque, tô sabendo, tô sabendo... Tá bom, levanta a coxa aí. Ui. Pronto. Aiaiaiai, fala rápido!

— É o seguinte: Eu estou velho. Muito velho. Tenho catarata. Estou meio surdo, então fico gritando com os outros. Confundo as pessoas, esses dias mesmo passei duas horas chamando Rúben de Esaú. Minhas mãos tremem. Meus dentes caíram todos e eu vivo babando na sopa. Meu saco está batendo nos joelhos. Tenho que tomar banho de assento duas vezes por dia com Violeta Gensiana pra aliviar as hemorróidas. Aliás, meu rabo está...

— Pápi, poupe-me dos detalhes!

— Tá, tá. Resumindo, tô no bico do corvo, e devo bater as botas logo. Quando isso acontecer, quero ser sepultado na terra dos meus antepassados, não aqui no Egito.

— Oquêi, pápi, tudo bem.

— Tudo bem o cacete. Você jura que vai levar meu corpo para ser enterrado em Canaã?

— Juro, juro! Agora deixa eu tirar minha mão, que está tudo pegajoso aí embaixo.

— Ai, a velhice... Pronto, filhinho, pode ir. Aceita um conselho?

— Pode dizer, pápi.

— Lava essa mão aí com creolina. Na boa.

— ARGH!

José estava mergulhado em seu banho morno com pétalas de rosas dias depois, quando vieram lhe dizer que seu pai estava pior.

— Pior do que já estava? Afe! Então o pápi morreu?

— Ainda não. Mas tá pedindo pro senhor ir até lá com seus filhos.

— Meus filhos? Que filhos???

— Efraim e Manassés, seu José. Tá lembrado que o senhor se casou com a filha do sacerdote, que teve sua noite de núpcias, que uma vez a cada três meses o senhor tem que cumprir seus deveres de marido, ir até o quarto dela, tirar a roupa e...

— Tá, tá, já lembrei! Credo!

— Aliás, quarta-feira é dia...

— Ui! Mas de novo??? Maldita a hora em que assinei aquele contrato! Tá bom, traz lá os moleques e tira meu Cadillac Rabo-de-Peixe bordô da garagem.

O empregado fez conforme ordenado, e meia hora depois José estava com seus filhos no carro, a caminho de Gósen.

— Hum... Não faz bagunça, Efraim!

— Eu sou o Manassés, porra!

— Respeite sua mã... Seu pai, moleque sem-vergonha! E os dois vão se comportar lá na casa do vovô, o velho não agüenta mais nem com ele, não é obrigado a ter paciência com dois diabinhos feito vocês.

Entre cenas de amor familiar, chegaram à casa de Jacó.

— José, meu filho!

— Ai, pápi, falando desse jeito tá parecendo o Gepetto chamando o Pinóquio!

— Não me encha os bagos, José. Quem são esses moleques aí?

— Ué, o senhor não pediu para eu trazer meus filhos? Então, esse aqui é o Manassés...

— EU SOU O EFRAIM!

— Isso, Efraim. E esse é o Manassés.

— Ah, José! Eu pensava que nunca mais ia vê-lo, quem diria que ainda ia viver para ver seus filhos! Traga eles mais aqui perto, para que eu os abençoe. José empurrou seus dois relutantes filhos para perto de Jacó, deixando Manassés, que era o mais velho, perto da mão direita de Jacó, e Efraim perto da esquerda. Fez isso porque a bênção com a mão direita era reservada ao primogênito, que tinha privilégios de herança, aquela coisa toda. Mas Jacó, como já sabemos, nunca levara muito a sério essa história de direito de primogenitura, e cruzou as mãos, deixando a direita sobre a cabeça de Efraim e a esquerda sobre a de Manassés.

— Deus, seu velho safado, vê se acorda aí em cima para abençoar esses dois meninos! Protege eles como me protegeu, e que eles consigam te engabelar tão facilmente como eu consegui!

José, porém, não gostou de ver as coisas fora de ordem daquele jeito, e tentou corrigir a postura das mãos de Jacó.

— Pai, se eu que não tenho nada a ver com isso aprendi, você também aprende. Prestenção: Esse aqui é Manassés, o mais velho. Esse menorzinho é o caçula, Efraim. Você trocou as mãos.

— Troquei porra nenhuma! Eu quero que se foda esse negócio de filho mais velho! Quem era o mais velho na casa do meu pai?

— Esaú.

— Pois é. E quem é que acabou sendo protagonista de metade do Gênesis?

— Você.

— Então. E lá em casa, quem é o mais velho?

— Rúben.

— Que é um songo-mongo! E quem é que aparece, é governador do Egito, ganha as melhores falas?

— Eu.

— Então cala a boca e deixa eu abençoar seus filhos do jeito que eu quiser.

— Tá bom, vai em frente.

— Bah, agora já terminei! Cheguem mais perto, meninos. Isso. Agora botem as mãozinhas embaixo da coxa do vovô e jurem que serão bons garotos.

Os dois até chegaram mais perto. Mas quando ouviram aquela história de botar a mão embaixo da coxa... Efraim mostrou a língua para Jacó, Manassés meteu-lhe um chute na canela, e saíram ambos correndo para o quintal.

— Porra, José, cê não deu educação pra esses moleques não?

— Ai, pápi, tenho o Egito inteiro pra governar e o senhor ainda quer que eu tenha tempo para cuidar desses pestinhas? Meu cu... Bom, deixa eu ir que ainda tenho uma *vernissage* hoje à noite. O senhor vai ficar bem?

— Claro que não vou ficar bem, porra. Estou morrendo. Mas pode ir, ainda não vai ser dessa vez.

José saiu, enfiou os filhos no carro e voltou para o palácio. Jacó ficou lá, deitado em sua cama, muito doente e relembrando acontecimentos de sua vida. Principalmente aquela vez em que ele vinha andando pelo vale do rio Jaboque e... Bah, vocês sabem.

JACÓ ABENÇOA SEUS FILHOS E PEIDA NO FUBÁ

(Post dedicado a Earl Tonon, que cunhou essa expressão tão bonita)

Acho que já tá na hora, né? Estou falando de Jacó faz tempo demais, não há mais quem agüente esse cara. Pois bem, percebendo que tinha chegado a hora, Jacó mandou chamar os filhos. Pediu a eles que fizessem um círculo em volta de sua cama, pois ele queria revelar o futuro deles. Na verdade esse trecho todo foi incluído bem depois, quando Israel já era um país, e as previsões que ele faz para cada um dos filhos na verdade representa a situação futura das doze tribos de Israel.

— Rúben, eu queria ser mais legal com você, te dar uma bênção boa e tal e coisa. Afinal de contas você é o mais orgulhoso e impetuoso de todos os songo-mongos que são meus filhos. Mas você dormiu com minha concubina, fazendo brotar um belo par de chifres na testa do seu pai, então eu quero mais é que você se foda. De Simeão e Levi nem digo nada, são violentos e dizimaram uma cidade sem remorso algum. Tenho vergonha de vocês. Judá, você ainda é melhorzinho, então da sua descendência sairão reis, seus filhos viverão na mordomia. Zebulom vai morar na praia, viver bronzeado, vai aprender a surfar e catar muita mulé. Issacar é um trouxa, vai deixar que todo mundo monte nele e vai trabalhar feito um jumento de escravo. Dã, apesar de seu nome de retardado, será como uma cobra venenosa na beira do caminho, sempre esperando para picar quem passar, que filho da puta! Gade será atacado por um bando de ladrões, mas depois vai correr atrás deles.

— Como assim, pai?

— Sei lá, porra! Essas previsões nem sempre vêm claras na cabeça da gente. Posso continuar? Humpf. Onde eu estava? Ah. A terra de Aser produzirá alimentos de primeira, pra dar de comer aos reis. Naftali é como uma gazela saltitante solta pelos campos.

— Hum... Pai? Será que essa parte aí não é pro José?

— Calaboca, porra! Não vê que eu tô morrendo? O José é o mais foda, o mais macho de todos, o mais forte, o que resiste a tudo e a todos, e será mais abençoado que seus irmãos. Falta alguém?

— Eu, pai.

— Ah, é. Benjamim. Benjamim... Deixa eu ver... Benjamim é... É como um lobo feroz, de manhã devora a vítima e reparte as sobras à tarde.

— HEIN???

— Foi o que se pode arranjar. Pensam que é fácil? Muito bem, agora que estão todos abençoados, quero que me prometam uma coisa: Que vão me sepultar na cova de Macpela, que meu avô Abraão comprou de Efrom, o heteu. Meus avós e meus pais estão enterrados lá, e foi lá também que eu enterrei Léia. Vocês prometem que vão me enterrar lá?

— Claro, pai. Tá prometido.

— Que bom. Já posso morrer em paz.

José, como era de se esperar, não ficou contente com isso:

— Que negócio é esse de "Ai, vocês prometem, que bom, obrigado"??? Na-na-ni-na-não! Vai, vai, todo mundo botando a mãozinha embaixo da coxa do papai! Só eu passo por isso? Pápi, fala pra eles! Pápi! Pápi...? AI MEU DEUS!!! PAPAI MORREU! MORREU PAPAI! O QUE EU VOU FAZER??? O QUE EU...

— Morri porra nenhuma, José! Estou me fingindo de morto para não ter que agüentar essas suas viadagens. Ora, onde já se viu, o único filho em que eu botava alguma fá virar uma libélula esvoaçante? Você é um desgosto pra mim, José! Olha pra sua cara, começou a chorar e borrou toda a maquiagem. Isso lá é coisa de homem? Bicha! Viado! Tresloucada! Pederasta! Seu... Seu... COF! COF! HHHHHHM! COF! ARGH! ....

— É, agora foi.

José ordenou aos médicos que estavam ao seu serviço que embalsamassem o corpo de Jacó. Os caras fizeram o serviço em quarenta dias, seguindo a tradição egícpia. Fora isso, os egípcios ficaram setenta dias de luto. Passado esse tempo, José foi falar com o Faraó:

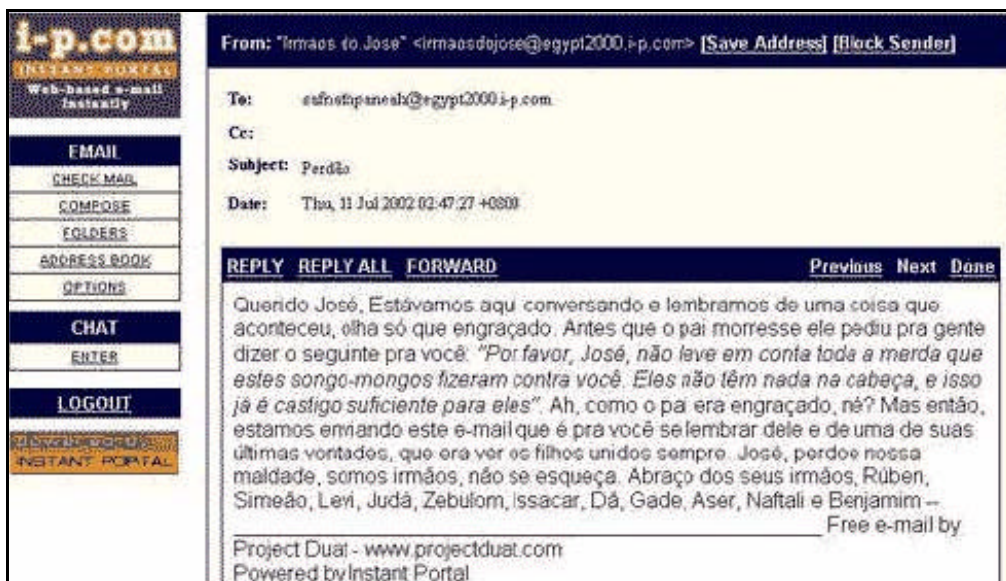
— Faraó, pouco antes de morrer meu pai nos fez prometer que o enterarríamos no túmulo de seus antepassados. Sendo assim, peço permissão para levar o corpo para Canaã.

— Claro, José, claro! Seu pai era muito querido aqui, foi um bom amigo para mim. Vá para Canaã, vou destacar uma comitiva oficial para acompanhá-lo.

Então enfiaram a múmia num rabecão e pegaram a estrada rumo a Canaã. Ô estradinha movimentada... Além da família toda, foram várias autoridades egípcias, funcionários do palácio e gente do povo. Uma multidão acompanhou o féretro (*féretro*, ôba!) de nosso querido Jacó.

Quando chegaram a Canaã, numa cidade chamada Atade, a leste do rio Jordão, pararam para fazer o velório, que durou sete dias. Foi uma semana de muito choro, a ponto de os cananeus começarem a chamar aquele lugar de Abel-Misraim, que significa *"o choro dos egípcios"*. Passados os sete dias de velório, percorreram os poucos quilômetros que os separavam de Macpela, para ali sepultar Jacó, conforme seu desejo. Depois do sepultamento, todos voltaram para o Egito. Estamos bem no final do Gênesis, só falta uma coisinha de nada. Que, claro, fica para outro dia. Aguardem.

O FIM DA HISTÓRIA DE JOSÉ

Com a morte de Jacó, os irmãos de José ficaram com medo do que poderia acontecer com eles. E com razão: A vingança é um prato que se come frio, e o que eles aprontaram com José não era fácil de perdoar, por mais que o tempo passasse. Então se reuniram pra inventar uma historinha minimamente convincente. Acertados os detalhes mandaram um e-mail para José:

Naquela mesma noite, enquanto se deliciava no site da G Magazine, José recebeu a notificação de nova mensagem e foi abrir seu e-mail esperando que fosse um dos

milhares de pedidos de emprego que recebia diariamente. Ficou surpreso e comovido ao constatar que era uma mensagem dos irmãos falando do falecido pai. Se emocionou muito, chorou feito uma puta arrependida e respondeu assim:

i-p.com
INSTANT PORTAL
Web-based e-mail instantly

EMAIL
CHECK MAIL
COMPOSE
FOLDERS
ADDRESS BOOK
OPTIONS
CHAT
ENTER
LOGOUT

From: "Safnath Paneah \(Jose\)" <safnathpaneah@egypt2000.i-p.com> **[Save Address] [Block Sender]**

To: "Irmaos do Jose" <irmaosdojose@egypt2000.i-p.com>
Cc:
Subject: Re: Perdão
Date: Thu, 11 Jul 2002 03:38:19 +0800

REPLY REPLY ALL FORWARD Previous Next Done

Meninos, meninos, que bobagem! Vocês acham que eu ainda me lembro disso? Tá certo, o que vocês fizeram foi uma maldade muito grande. Mas no fim tudo deu certo, e se hoje eu vivo nesse luxo todo eu devo agradecer a vocês. Então esqueçam isso, o que importa é que eu me tornei governador do Egito e pude ajudar muita gente na época da fome.
Não se preocupem, eu vou cuidar de vocês, dos seus filhos e dos seus descendentes todos. Tolinhos!

Beijos do seu irmão

José Safnath Paneah
(ai, de-tes-to esse nome que o Faraó me deu...)

-----Original Message----- From: "Irmaos do Jose" Date: Thu, 11 Jul 2002 02:47:27 +0800 To: safnathpaneah@egypt2000.i-p.com Subject: Perdão > Querido José, > > Estávamos aqui conversando e lembramos de uma coisa que aconteceu, olha só que engraçado. Antes que o pai morresse ele pediu pra gente

Com isso os irmãos sossegaram e puderam viver em paz.

José, seus irmãos e toda a família continuaram morando no Egito, mesmo depois de passada a fome. Afinal, seria muito trabalhoso pegar toda aquela gente e voltar para Canaã. Além do mais, a família era querida por todos, principalmente pelo Faraó, o que não era pouca coisa. Enfim, foram ficando.

Quando estava com cento e dez anos, e já tendo visto os netos de Efraim e Manassés, José se deu conta de que não iria viver muito mais que aquilo. Mas também nem queria, toda pelancuda e acabada daquele jeito. O fato é que ele chamou a família toda para fazer sua despedida.

— Ai, meus queridos! Está chegando a hora de eu bater as sapatilhas!

— Queisso, José? Cê ainda vai viver muito!

— Vira essa boca pra lá, Benjamim! Viver mais pra quê? Pra ficar igual o Cauby Peixoto ou o Clóvis Bornay? Eu, hein! Quero mais é morrer agora, no auge!

— No auge, pois sim...

— O que você disse?

— Nada não. Toca o barco.

— Pois como eu ia dizendo: Tá chegando a hora de virar purpurina. Eu queria muito ser sepultado em Canaã. Mas se quando papai morreu já foi aquele mafuá, aquele furdunço todo, fico imaginando agora, que nossa família já cresceu tanto. Mas tenho certeza que um dia nossa família voltará a morar em Canaã. Quando isso acontecer, por favor, levem meu corpo para ser sepultado em nossa terra.

— Tudo bem, José.

— Prometem?

— Prometemos.

— Então tooooooooodo mundo com a mãozinha embaixo da minha coxa!

— Tá doido???

— Ué. Foi assim que meu bisavô Abraão fez o servo dele prometer quando...

— Xi, tá delirando já.

— Droga. Nisso que dá não saber falar com links feito o pápi. Bom, então vocês prometeram. Fico muito feliz... Ai... Está tudo ficando escuro... Acho que é hora de dizer minhas últimas palavras.

— Pode dizer, José.

— Só duas palavrinhas: Quem comeu comeu, quem não comeu não come mais.

— Porra, dessa vez cê exagerou.

— ...

— Xi. Morreu.

Assim morreu José, aos cento e dez anos de idade. Foi embalsamado e sepultado com grandes honras no Egito.

Iniciado em 7 de fevereiro de 2002
Concluído em 10 de julho de 2002